



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



*Leidiane Francisco Diniz*

**O CASO ANA: A TRANSFERÊNCIA POR MEIO DA ESCRITA NA CLÍNICA  
PSICANALÍTICA**

**UBERLÂNDIA**

**2022**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



*Leidiane Francisco Diniz*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicanálise e Cultura

Orientador: Professor Doutor João Luiz Leitão Paravidini

**UBERLÂNDIA**

**2022**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

D585 2022	<p>Diniz, Leidiane Francisco, O caso Ana: a transferência por meio da escrita na clínica psicanalítica [recurso eletrônico] / Leidiane Francisco Diniz. - 2022.</p> <p>Orientador: João Luiz Leitão Paravidini. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Psicologia. Modo de acesso: Internet. Disponível em: <a href="http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.506">http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.506</a> Inclui bibliografia.</p> <p>1. Psicologia. I. Paravidini, João Luiz Leitão -, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós- graduação em Psicologia. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 159.9</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:  
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

**From:** Saved by Blink  
**Sent:** Wed, 28 Sep 2022 11:35:10 -0000  
**Subject:** SEI/UFU - 3877208 - Ata de Defesa - Pós-Graduação



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Av. Pará, 1720, Bloco 2C, Sala 54 - Bairro Umarama, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
Telefone: +55 (34) 3225 8512 - www.pgpsi.ip.ufu.br - pgpsi@ipsi.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 412, PPGPSI				
Data:	Seis de setembro de dois mil e vinte e dois	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	15:50
Matrícula do Discente:	12012PSI018				
Nome do Discente:	Leidiane Francisco Diniz				
Título do Trabalho:	O caso Ana: a transferência por meio da escrita na clínica psicanalítica				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Psicanálise e Cultura				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	A constituição do psiquismo e a lógica da ternariedade na formação subjetiva contemporânea				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Elzilaine Domingues Mendes - UFG; Sybele Macedo - UNIESSA; João Luiz Leitão Paravidini, orientador da candidata. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que o Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sybele Macedo e a discente Leidiane Francisco Diniz participaram da cidade de Uberlândia - MG e a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elzilaine Domingues Mendes participou da cidade de Catalão - GO, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. João Luiz Leitão Paravidini apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **João Luiz Leitão Paravidini, Presidente**, em 06/09/2022, às 15:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sybele Macedo, Usuário Externo**, em 06/09/2022, às 15:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elzilaine Domingues Mendes, Usuário Externo**, em 06/09/2022, às 15:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao=acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao=acesso_externo=0), informando o código verificador **3877208** e o código CRC **9C9F2893**.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



*Leidiane Francisco Diniz*

**O caso Ana: a transferência por meio da escrita na clínica psicanalítica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicanálise e Cultura

Orientador: Professor Doutor João Luiz Leitão Paravidini

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini (Orientador)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elzilaine Domingues Mendes (Examinadora)

Universidade Federal de Goiás – Catalão, GO

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sybele Macedo (Examinadora)

Faculdade Uniessa – Uberlândia, MG

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Lúcia Castilho Romera (Examinadora Suplente)

Universidade Federal de Uberlândia- Uberlândia, MG

**UBERLÂNDIA**

**2022**

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	12-19
<b>CAPÍTULO 1 –Pesquisa em psicanálise: o caso clínico</b> .....	19
1.1. A (re) construção da escrita da dissertação entre Real-Imaginário.....	19-22
1.2. O percurso da construção do problema de pesquisa.....	22-25
1.3. Pesquisa em psicanálise e o que se escreve de um caso clínico.....	25-30
<b>CAPÍTULO 2- Dos significantes de Ana Clara às marcas como letra de gozo...30</b>	
2.1. Sobre a noção de significante.....	31-34
2.2. A escolha do nome.....	34-35
2.3. Apresentação do caso Ana Clara.....	35-40
2.4. Do extrair, escavar e lapidar alguns significantes de Ana Clara aos significantes que não fazem séries: a construção pela lógica do não-todo.....	40-54
2.5. Da marca do trauma às marcas como letra de gozo.....	54-57
<b>CAPÍTULO 3- Transferência por escrito: excesso, resto e hiância.....57</b>	
3.1. Transferência de amor ao desejo de saber.....	58-61
3.2. Transferência, inconsciente.....	61-64
3.3. O tempo de ver: o mergulho, o afogamento nos primeiros atendimentos por meio da escrita.....	64-74
3.4. Compreender para: do afogamento às (re) construções possíveis sobre o manejo transferencial por meio da escrita.....	74-81
3.5. Momento de concluir: a suspensão e aguento.....	81-84
<b>CAPÍTULO 4- Das extrações de restos, excessos sobre a dinâmica transferencial entre Ana-analista por meio da escrita, a partir dos capítulos anteriores às (re) construções.....84</b>	
Da 4.1. Dinâmica da transferência por escrito às reflexões, elaborações e interrogações (im) possíveis.....	85-95
4.2. Do luto da analista à possível (re) construção como “ pesquisadora-escritora” ...	95-98
4.3. Reflexões: sobre o porquê aceitei escutar por escrito.....	95-98
<b>CAPÍTULO 5- Considerações finais.....</b>	<b>99-103</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>103-109</b>

## AGRADECIMENTOS:

Agradeço ao meu orientador Prof. Drº João Luiz Leitão Paravidini, pela escuta cuidadosa e precisa ao meu texto, jamais deixou de apontar nas clínicas. Pela preciosa troca de (in)saber, experiências-interloquções que foram fundamentais para tessitura desta pesquisa, mas, também, que levo para minha clínica e minha vida. Afinal, uma pesquisa de mestrado não é apenas uma produção de texto a ser entregue na data X e ao repositório da Universidade, é, sobretudo, uma *práxis* que produz ressonância, eco no corpo do sujeito mestrando: certo giro discurso, reposicionamentos, (re)construções....

A paciente deste caso clínico que impulsionou movimentos relevantes, vivacidade à pesquisa, sobretudo reacendendo a lâmpada chamada desejo da analista-pesquisadora, despertando minha curiosidade em querer desvendar os enigmas da pesquisa.

À banca de qualificação, Prof.º Drº Elzilaine Domingues Mendes e a Profª. Drº Sybele Macedo pela disponibilidade, pelas preciosas contribuições que possibilitaram direção na pesquisa: delimitá-la para segui-la adiante.

À minha amiga Luana Mundim e minha prima Jéssica por dispor em ler o meu texto e realizar breves e delicados apontamentos onde pareciam claros, mas não eram.

Aos colegas da turma do mestrado e de supervisão pelas contribuições, por trilharem comigo o enigmático caminho do mestrado.

Ao grupo (re)contar fragmentos... (Bruna, Jacqueline, eu) que possibilitou estreitar o laço e escoar nossas inquietações.

À UFU, nas pessoas dos professores de pós-graduação e funcionários, pelo acolhimento.

À capes pelo incentivo.

À minha família, pelo amor. Minha mãe pelo carinho, ternura, pela fé diante da vida e simplicidade que ecoa-marca meu corpo. Meu pai, por ensinar de que de sementinha em sementinha vai se construindo vidas possíveis. Sua força, luta, labuta, resiliência diante da dureza da vida mostram que é preciso persistir e dar um jeito, são para mim como traços constitutivos. As minhas duas irmãs pelo cuidado, pela parceira, pelas conversas boas com e sem sentido, por muitas vezes fazer a função de testemunha diante das alegrias e dores nesta caminhada. Ao meu avô Valdivino por acreditar em mim, mesmo quando já estava desacreditando e validar meu desejo, ao dizer: *vai lá, você consegue, tenta...* Mostrar que muitas vezes o impossível pode torna-se possível. Agradeço por apoiar-me no mundo da letra, da escrita enigmática e, às vezes, assombrosa.

A minha avó Fátima pelo cuidado, acolhimento, sua generosidade e sua sinceridade se fazem eco em meu corpo. Minha avó Maria (in memoriam) pela sua persistência, batalha diante da vida seca, esses significantes ressoam no meu corpo.

## RESUMO

No contexto pandêmico da Covid-19 no Brasil, atendi uma jovem por meio da escrita mediada pelo aplicativo. Os atendimentos ocorreram por mensagens de texto trocadas pelo WhatsApp e depois pelo chat da plataforma de videoconferência Google Meet, em tempo real. O atendimento por escrito na clínica psicanalítica é bastante inusual, o que realçou a importância da transferência, em que a experiência de fala se faz seu sustentáculo. No entanto, nesse contexto, nos indagamos se seria possível articulação da transferência por escrito e qual o estatuto da transferência por meio da escrita. Esta pesquisa apresentou como objetivo investigar como foi se estabelecendo a dinâmica da transferência na modalidade de atendimento por escrito na clínica psicanalítica, a partir da construção do caso clínico, possibilitando um mergulho no universo subjetivo-singular de Ana Clara, bem como articular elaborações possíveis sobre os significantes desta jovem – sua economia psíquica e o enlace psíquico a partir de sua relação com o Outro – e sua marca de singularidade. A metodologia de pesquisa empreendida se ancorou na psicanálise e na construção do caso clínico, como dispositivo importante para compor as balizas do enigma desta pesquisa. Construímos o caso Ana Clara a partir da extração de alguns significantes que produziram enigmas e inquietações no corpo da analista-pesquisadora e ressoou no campo transferencial, após o mergulho nos significantes e perpassando às marcas de singularidade do caso em questão, formulamos as bases da dinâmica da transferência por escrito conforme foi sendo tecida entre a analista-analisante, a partir do tempo lógico: instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir. Colocamos em destaque a viabilização da transferência poder operar por meio da escrita. No caso relatado, a transferência que se teceu mediante a escrita foi pela corda imaginária. O atendimento por escrito apresentou algumas particularidades distintas do atendimento pela via da fala que precisam ser consideradas, como a questão do tempo da sessão que era experimentado como eterno, ocorreram poucas equivocidades na escrita, porque no ato de escrever, o sujeito digita, apaga e reescreve antes de teclar o Enter.

**Palavras-chave:** Caso Ana Clara; Transferência por escrito; Psicanálise; Caso clínico;

## **ABSTRACT**

In the context of the Covid-19 pandemic in Brazil, I helped a young woman through writing. The calls took place by text messages exchanged by WhatsApp (live) and then by chat on the videoconferencing platform Google Meet, in real time. Written assistance in the psychoanalytic clinic is quite unusual, which highlighted the importance of transference, in which the experience of speaking becomes its mainstay. However, in this context, we wonder if it would be possible to articulate the transference in writing and what is the status of transference through writing. This research aimed to investigate how the dynamics of transference was established in the form of written care in the psychoanalytic clinic, based on the construction of the clinical case, allowing a dive into Ana Clara's subjective-singular universe, as well as articulating possible elaborations on the signifiers of this young woman – her psychic economy and the psychic bond from her relationship with the Other – and her mark of singularity. The research methodology undertaken was anchored in psychoanalysis and in the construction of the clinical case, as an important device to compose the beacons of the enigma of this research. We built the Ana Clara case from the extraction of some signifiers that produced enigmas and concerns in the body of the analyst-researcher and resonated in the transference field, after diving into the signifiers and passing through the singularity marks of the case in question, we formulated the bases of the dynamics of the written transference as it was woven between the analyst-analyst, from the logical time: moment to see, time to understand and moment to conclude. We highlight the feasibility of transference being able to operate through writing. In the case reported, the transference that was woven through writing was through the imaginary rope. The written attendance presented some distinct particularities of the attendance by means of the speech that need to be considered, as the question of the time of the session that was experienced as eternal, there were few mistakes in the writing, because in the act of writing, the subject types, erases and rewrites before hitting Enter.

**Keywords:** Ana Clara case. Written transfer. Psychoanalysis. Clinical case.

**APRESENTAÇÃO:**

*A única história cria estereótipos. E o problema com os estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história.*

*Chimanda Adichie*

*Às vezes escrever uma só linha basta para salvar o próprio coração*

*Clarice Lispector, um sopro de vida*

No final do século XIX, as pacientes histéricas procuravam os consultórios médicos com queixas de paralisias, cegueiras, tosses, espasmos, dor em partes do corpo. Elas realizavam exames físicos, porém, eles não desvendavam as causas dos seus adoecimentos. Sem etiologia orgânica identificada, seus sintomas, suas dores no corpo passaram a serem interpretados pelos médicos/profissionais de saúde como dissimulações, teatros histéricos e como se não fossem nada. Ainda hoje é comum pacientes sentirem dores no corpo e recorrerem às unidades de saúde e, especialmente, ao médico e ouvirem enunciados do tipo: isso é de fundo emocional, é apenas psicológico, não é nada etc. Esses sofrimentos psíquicos das pacientes histéricas, até então invalidados e ignorados, passaram a despertar interesse, curiosidade e a terem lugar de escuta aos ouvidos de Freud. O teórico reconhecia seu estatuto de verdade e oferecia um espaço para que o sujeito falasse sobre seu sofrimento pela circulação da palavra, fundando a Psicanálise: a cura pela fala.

Além de disponibilizar um espaço de fala, é preciso cativar o paciente para que ele possa, aos poucos, abrir sua caixinha de pandora, ou seja, construir um enlace entre analista-analisante, o qual chamamos de transferência. Só há escuta analítica se houver transferência. A transferência não é exclusiva da Psicanálise, ela é um fenômeno humano

que se faz presente na relação do sujeito com o outro/Outro<sup>1</sup>, é o enlace e o desenlace com estes e opera pela via do movimento de (des) construção. No encontro com o seu semelhante, o sujeito reedita, repete significantes, palavras, histórias de amor, desamor, suas dores, perdas, traumas, suas identificações, posições subjetivas, marcas traumáticas singulares, modos de gozo, demanda de amor-saber, excessos e restos inomináveis. Repetição que, no campo familiar e na roda de amigos, “passa de um ouvido ao outro” (passa despercebida), porém, aos ouvidos de um analista não se deixa passar, mas pede-se para falar mais, questiona-se e abre-se espaço para elaborações.

Para a psicanálise, além da tessitura do enlace entre paciente-analista, o que está em jogo na transferência é a associação livre, isto é, que o paciente fale “livremente” sobre sua angústia, inibição, sintoma e ponha seu inconsciente em cena por meio de palavras e significantes. Assim, ele poderá se equivocar, tropeçar e escorregar nas palavras, relatar sonhos, cometer atos falhos e expressar chistes, e, dessa forma, o analisante buscará a verdade sobre si, sobre seu desejo, desde que, do outro lado, haja um psicanalista disposto a escutar/ler o seu texto e esteja atento ao dito, ao não dito, às equivocidades.

---

<sup>1</sup> Outro, em Lacan, refere-se à linguagem e seus tesouros de significantes: palavras, leis, língua, saber, cultura...Ele é encarnado pelo outro (o semelhante; os pais/familiares; seu entorno; instituições...). Na obra de Lacan, o Outro passa por três formulações. A primeira, o Outro enquanto formação do inconsciente – sintoma, chiste, ato falho e sonho. Segunda, no processo de alienação constitutiva; o bebê vem ao mundo marcado pelo discurso dos pais (quem faz função), da sua época, da cultura, e necessita assujeitá-lo para sobreviver e advir como sujeito; este Outro, no tempo da alienação, é cheio de significantes, porta “todos saberes/sentidos”. A terceira, o Outro inconsistente, há a queda (precisar deixar cair) da ilusão de que ele tem todos os significantes, pois ele é falho, porta a falta, assim como o próprio sujeito também, abrindo possibilidade para o sujeito advir enquanto desejante (Pena; Silva, 2018).

<sup>1</sup> O significante tem estrutura de metonímia; a parte pelo todo. A metonímia é “a conexão do significante com o referente que permite a elisão mediante a qual o significante instala a falta do ser na relação de objeto, servindo-se do valor de envio da significação para investi-la com o desejo visando essa falta que ele sustenta” (Lacan, 1957/1998, p.519). Metáfora- substituição do significante pelo referente que se produz um efeito de significação que é a poesia ou criação, ou, em outras palavras, do advento da significação em questão (Lacan, 1957/1998, p.519). O significante “é a primeira marca do sujeito” (Lacan, 1964/1985, p.63).

A transferência é uma experiência de fala e de palavras. Como já dizia Lacan, a fala é sustentáculo da transferência. Nas suas próprias palavras (1960-61/1992, p. 175):

[...] [O] fenômeno de transferência é ele próprio colocado em posição de sustentáculo da ação da fala. Com efeito, ao mesmo tempo em que se descobre a transferência, descobre-se que a fala se mantém, como se manteve até que percebe isso, é porque existe a transferência.

Nesta direção, o psicanalista, em 1998, na obra *Função e campo da fala e da linguagem*, sublinha que a fala, a palavra, é o único material que o analista dispõe. Diante disso, eu questiono: Será que a fala, a palavra, é mesmo o único material que o psicanalista dispõe para operar o tratamento analítico? Veremos.

Desde o início da psicanálise, o *setting* clínico habitual e tradicional é o consultório, que, até hoje, é o espaço predominante de atuação de psicanalistas e psicólogos e o mais visado por esses profissionais para trabalharem. Para reforçar essa afirmação, lembro que quando comecei os estágios obrigatórios na graduação, havia a possibilidade de escolher entre duas ênfases: processos psicossociais (com atuações em instituições, como: Hospital, UBS, CAPS etc.) ou processos clínicos (com atuação na Clínica Escola). A maioria dos alunos escolheu processos clínicos e eu compus essa parcela de estudantes.

Ao iniciar na Clínica Escola, a recomendação de alguns dos supervisores era de que o contato com o paciente para agendar e desmarcar as entrevistas preliminares e as sessões fosse, exclusivamente, pelo intermédio da secretária da clínica. Assim, os estagiários não poderiam passar o número de telefone pessoal, a fim de não interferir no trabalho analítico transferencial. Todavia, quando comecei os atendimentos clínicos, foi o período em que o WhatsApp já havia surgido e, com a presença desse aplicativo nas nossas vidas, com o passar dos dias, os encontros face a face foram diminuindo e as conversas com amigos, familiares, com o chefe e colegas de trabalho foram sendo transferidas para ele. Dessa forma, os pacientes começaram a procurar analistas e

psicólogos através desse dispositivo e, esses profissionais, por sua vez, também precisaram fazer uso desse aplicativo para agendar, marcar e remarcar as sessões.

Em 2020, mais especificamente em março, mergulhamos em uma pandemia<sup>2</sup> de COVID-19 no Brasil, ela foi “um mundo sem palavras, sem narrativa, por isso, angustiante” (Diniz, Wirthmann, 2020, p. 3). Penso na pandemia como sendo a própria representação do Real, “do vazio, do sem palavras, sem nada, sem sentido, da morte” (Diniz, Wirthmann, 2020, p. 6). Diante dela, uma das recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS), como forma de prevenir a contaminação e a disseminação do vírus, foi o isolamento social. Neste contexto, psicanalistas e psicólogos tiveram que fechar seus consultórios e reconfiguraram o *setting* clínico para realizarem os atendimentos online, não retrocedendo frente à pandemia. Assim, esses profissionais passaram a contar com o uso de dispositivos tecnológicos, como celular, computador e aplicativos de redes sociais (como o WhatsApp) e de plataformas de videoconferência (como o Google Meet, Skype e Zoom) para continuarem acolhendo e atendendo seus pacientes. É importante ressaltar que antes da pandemia, para muitos analistas, essas tecnologias de comunicação e de informação ocupavam o lugar do impensável, do impossível e do recusado a ser utilizado como *locus* central do trabalho clínico.

O atendimento online pode ser realizado com a câmara ligada ou desligada, mas, geralmente, é feito com a presença do objeto voz, isto é, da fala. No entanto, em meio à pandemia em 2021, meados de março, recebi uma demanda de atendimento inusitada,

---

<sup>2</sup> O atendimento online (via dispositivos tecnológicos) e fora de um *setting* físico: consultório, hospital, unidade de saúde, embora é esquisito, estrangeiro para muitos psicanalista, ocupava o lugar de impensável, recusado, mas, não é tão estranho assim, pois, alguns analistas o praticava, como por exemplo, o psicanalista Bruce Fink que escreveu um capítulo inteiro de um livro falando sobre a análise por telefone com seus pacientes que haviam mudado para outras cidades dos Estados Unidos ou para outros países, e que estavam em uma angústia profunda, ou mesmo doentes e impossibilitados de sair de casa (Fink, 2017). Todavia, o trabalho analítico online se intensificou com a pandemia, saindo do invisível para o visível e o possível.

inquietante, uma jovem, a qual chamarei de Ana Clara<sup>3</sup>, me enviou uma mensagem pelo WhatsApp, com o seguinte texto “*O atendimento pode ser por escrito? Eu tenho bloqueio de imagens*”. Estranhei o pedido, pois é incomum atendimento por meio da escrita mediada por aplicativos tecnológicos como WhatsApp e meet na literatura psicanalítica e na própria clínica.

Atravessada pelo impasse se acolheria ou não seu pedido, decidi escrever para essa jovem que era importante que pelo menos a presença da fala (voz) estivesse presente, de que poderíamos tentar fazer os atendimentos com a câmara desligada, porém, com os microfones ligados. Sua resposta foi de pronta recusa. Neste impasse, decidi escutá-la. Após aceitar escutá-la, recorri à literatura, mas não encontrei nenhum trabalho sobre atendimento por escrito na clínica psicanalítica. Conversei com alguns colegas que trabalhavam com a psicanálise que me disseram que não era possível fazer análise por meio da escrita, afinal, “era preciso que pelo menos” o sujeito falasse, verbalizasse.

Também escutei que poderia estar sustentando o sintoma de Ana Clara, mas ponto, na posição de analista, que não se deve mexer ou cutucar rapidamente o sintoma, mas sim, respeitá-lo, a fim de colocá-lo a trabalho com cuidado, paulatinamente e de acordo com a especificidade de cada caso. Afinal, o sintoma é construído ao longo da história do sujeito e, portanto, leva-se tempo para ser desconstruído ou lapidado. Neste sentido, Lispector (2002) nos disse que os defeitos precisam ser respeitados: “não pense que a pessoa tem tanta força assim a ponto de levar qualquer espécie de vida e continuar a mesma. Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual o defeito que sustenta nosso edifício” (Lispector, 2002, p.165). Ao iniciar os atendimentos com Ana Clara por meio da escrita mediada pelo WhatsApp (tempo real/ao vivo), em que ela escrevia e eu respondia via escrita, senti-me situada no momento de ver lacaniano: do

---

<sup>3</sup> Nome fictício.

estranhamento, do inesperado, do embaraço, da topada com o Real e invadida pela angústia, que se transformou em muitas perguntas, *a priori* sem respostas, como: Como atender clinicamente Ana Clara por meio da escrita? Como fica a transferência por escrito? Será que há manifestação do inconsciente pelo escrito? Me questionei se o trabalho pelo escrito se tratava de psicanálise ou não, ou ainda se pelo menos portava resquícios e marcas da psicanálise. Senti-me localizada e compartilho das interrogações realizadas pela psicanalista Maria Cristina Petrucci (2005) em seu livro *O sujeito surdo e a psicanálise: uma outra via de escuta*. Quando ela iniciou a escuta clínica com pacientes surdos, parecia para ela muito estranho pensar a clínica psicanalítica com esses surdos, bem como ressoava aos ouvidos do outro como esquisito, pois ela sempre ouvia “Ah!!? Isso mesmo, com surdos, mas aqueles que não ouvem” (p.13). Diante do êxtimo, Petrucci (2005) produziu inúmeros questionamentos. Vejamos:

Se assim fosse, quem escutava as dores desses sujeitos? Como eu poderia fazer uma intervenção psicanalítica nessa língua? E produziria os mesmos efeitos que as intervenções feitas nas línguas orais? Esse encontro provocou um espanto no sentido que coloca Weill (1997, p. 34): “[...] o efeito de uma destituição subjetiva produzida por um significante especial”. Essa destituição, efeito de um corte, de um rompimento na linearidade das verdades e certezas solidificadas, produziu um número interminável de perguntas sem respostas imediatas. Diante do espanto que o estranho me causou, surgiram perguntas sobre as formações do inconsciente e como chegar até essas. Principalmente, surgiu desse espanto a pergunta sobre a possibilidade de um analista aceitar em análise um sujeito que “falasse” em língua de sinais. Será que estaria, então, me deparando com um limite da psicanálise? Poderia haver psicanálise onde eu supunha não haver fala? A psicanálise não seria capaz de atingir esses sujeitos? E aqueles gestos que eles utilizavam para a comunicação constituir-se-iam em uma língua? (p.14-15).

Nesse contexto e diante do intrigante e inquietante atendimento clínico por meio da escrita, levantei as seguintes questões que compõem a problemática desta pesquisa: Como fica o estatuto da transferência em um atendimento por escrito na clínica psicanalítica? Será que é possível transferência por escrito? Assim, esta dissertação tem como objetivo investigar como foi se estabelecendo a dinâmica da transferência na modalidade de atendimento por escrito na clínica psicanalítica, a partir da construção do caso clínico, possibilitando um mergulho no universo subjetivo-singular de Ana Clara,

bem como elaborações possíveis sobre os significantes desta jovem – sua economia psíquica e o enlace psíquico a partir de sua relação com o Outro – e sua marca de singularidade.

Vale dizer que esta pesquisa justifica-se em virtude de haver pouquíssimos trabalhos sobre essa temática, encontrando somente dois artigos: *Experiências de atendimento online a crianças e adolescentes em tempos de Covid-19* (Aires, Moscon Chamusca, Mignac, Correira, 2021), onde as autoras apresentam um extrato de um atendimento com um adolescente que ocorreu por meio de áudio e da escrita, mas a maioria das sessões foi através da escrita e; o segundo artigo *A demanda faz amor e o amor faz travessia* (Silveira, 2018), em que a autora aborda um atendimento por correspondência. No texto, a autora relata o caso de uma paciente que ela acompanhava em seu consultório há oito meses, porém, a analisante precisou ficar três anos fora da cidade de origem e queria continuar os atendimentos. Contudo, na sua nova moradia, os acessos a sinal telefônico e a internet eram difíceis. Diante disso, para continuar o tratamento, a saída foi a realização de atendimentos por correspondência, a paciente enviava para a psicanalista carta uma vez por mês e essa forma de atendimento aconteceu durante três anos.

Nestes dois artigos as analistas tiveram contato com seu paciente. Por vez, o atendimento com Ana Clara foi totalmente pela via da escrita, sem conhecer sua voz, sua imagem corporal e feição, sua presença se fez via exclusiva pela escrita. Diante disto, arrisco a dizer, então, que o atendimento por meio da escrita com Ana Clara na clínica psicanalítica como sendo tanto o primeiro atendimento clínico nesta modalidade quanto a primeira pesquisa que acontece, exclusivamente, pela escrita; sendo o único material que esta jovem oferece a mim (analista) da ordem do inédito e bastante inusual, realçando

a importância de refletir, pensar sobre a transferência através da escrita e seu manejo, bem como o próprio caso clínico em questão.

Realizada a introdução desse tema e apresentados o objetivo geral e as questões de pesquisa e a justificativa, abordarei o método que orientou esta pesquisa: a psicanálise.

## **Capítulo 1: Pesquisa em psicanálise: o caso clínico**

*Corro perigo como toda pessoa que vive. E a única coisa que me espera é exatamente o inesperado.*

*Clarice Lispector, Água Viva*

Neste capítulo busquei narrar o percurso da (re) construção da problematização da pesquisa, o que se escreve sobre um caso clínico e, ao mesmo tempo, pensar quando um caso se transforma em um caso clínico. Não é todo caso que atendemos na clínica particular ou na rede pública que se torna um caso clínico. Antes disto precisarei contar como se teceu a escrita desta dissertação que ocorreu em tempo de pandemia, do sem sentido, daquilo que não se podia escrever, que nos deixava sem palavras e sem letra. Assim, a escrita dissertativa, neste contexto, constituiu um grande desafio, pois escrever dói, é difícil, mas, mesmo diante do desconhecido, do mundo sem palavras, uma das saídas é contar uma história sobre o difícil. Contarei a história dessa escrita!

### **1.1 A (re) construção da escrita da dissertação entre Real-Imaginário**

*Quando não estou escrevendo, eu simplesmente não sei como se escreve. E se não soasse infantil e falsa a pergunta das mais sinceras, eu escolheria um amigo escritor e lhe perguntaria: como é que se escreve? Por que, realmente, como é que se escreve? Que é que se diz? E como dizer? E como é que se começa? E que é que se faz com o papel em branco nos defrontando tranquilo? Sei que a resposta, por mais que intrigue,*

*é a única: escrevendo. Sou a pessoa que mais se surpreende de escrever. E ainda não me habituei a que me chamem de escritora. Porque, fora das horas em que escrevo, não sei absolutamente escrever. Será que escrever é um ofício? Não há aprendizagem, então? O que é? Só me considerarei escritora no dia em que eu disser: sei como se escreve*

*Lispector, A descoberta do mundo.*

Em março de 2020 saí da Residência Multiprofissional do Programa do paciente em estado crítico e ingressei no mestrado. Primeiro dia de aula conheci pessoalmente os colegas da minha turma e meu orientador. Na sala, movimento singular de corpos, trocas de olhares, arrastar de cadeiras..., cada discente com sua ânsia, excitação e expectativa contou sobre sua ideia do pré-projeto. Na próxima semana, quando abri o meu e-mail, li a notícia de que as aulas haviam sido suspensas por 6 meses devido a pandemia covid-19. Pandemia? A correria do término da residência e a entrada no mestrado não haviam me dado conta que a pandemia havia batido em nossas portas. Ela nos invadiu, evocando medo, angústia, nos deixou à deriva e impôs mudanças nas nossas vidas, como por exemplo o isolamento social como medida de contenção da disseminação do vírus letal. Assim, a saída possível para seguir adiante com “nossas vidas” e manter o laço com o outro foi por via da dimensão imaginária, isto é, por meio das tecnologias virtuais/online. O enlace passou a ocorrer entre telas, filtros.

Neste contexto de enlaçamento entre Real-Imaginário que esta dissertação foi tecida, a escrita se mostrou um grande desafio, pois era duro, doído escrever nesses tempos, foi preciso persistir, não retroceder a escrita em tempos árduos. Entre Real-Imaginário, perdi o como é que se escreve um texto, me faltava a palavra, a grafia, o texto. O simbólico capengou! Recordo que o simbólico estava capenga e quase “amorfo” desde antes da pandemia, seu declínio era intenso, marcante na chamada sociedade contemporânea, na qual há a inflação do imaginário e de um Real sem lei. Me perguntava:

como escrever uma dissertação sentindo-me invadida pelo real, imaginário e com o simbólico capenga?

“Precisava” escrever, afinal, minha dissertação tinha prazo de dois anos para ser concluída, independente tanto do tempo do Outro (cultura: real-imaginário) quanto o tempo do próprio sujeito mestrando (geralmente é avesso ao tempo burocrático, cronológico da universidade). O tempo do sujeito é outro, é da sua singularidade, no um a um, cada um no ritmo de seus passos, da sua música. Senti então que dois anos, sobretudo atravessados por uma pandemia, representavam um tempo curto e contrário à minha música para escrever uma dissertação.

A escrita é um processo de escrever, reescrever e elaborar, ela é como a construção de um filme, novela, obra literária, artística, é um trabalho de escrever cena, reescrever cena, reeditar cena, cortar cena. É preciso de tempo! Segundo Diniz e Wirthmann (2020), escrever é compreendido como um trabalho psíquico, muitas vezes, um exercício difícil, doído; sobretudo em tempos de pandemia é mais difícil ainda, pois nosso corpo topa com o Real e nos deixa sem letras, grafia. Para essas autoras “escrever dá trabalho pois é uma elaboração que exige algum nível de exposição em que, ao escrever, o autor inscreve no papel suas lacunas, seus afetos, inquietações, estranhezas e medo” (pp. 5-6).

Antes de começar a escrita do mestrado estava tentando sentir, elaborar outra experiência-pandemia. Como que se escreve? Além de que, muitas vezes sentia que não sabia como escrever, ou seja, não sabia muito bem o que era uma dissertação. Lispector (1999b), diante do não saber, nos responde: “Sei que a resposta, por mais que intrigue, é a única: escrevendo” (p.157). Não há uma fórmula, um jeito de escrever, simplesmente escreva, reescreva, elabore até que vire um texto-dissertação. Cada mestrando constrói sua forma. O meu movimento, durante um ano e meio, foi feito de leituras, resumos, fichamentos, rabiscos, escritas, reescritas, apagamento, recorte, quase começar do zero a

escrita, sendo que uma escrita elaborada possível aconteceu no “só-depois”, no penúltimo semestre. Diante disto, foi preciso apressar, apertar os passos para “fechar” a página desta experiência chamada mestrado e poder abrir, construir outros caminhos, projetos, estudar novas-estranhas coisas.

## **1.2 O percurso da construção do problema de pesquisa**

A história da problematização desta pesquisa enredou por mais de um caminho. Quando eu estava na graduação de psicologia, atendendo crianças e seus pais na Clínica Escola, um caso específico me chamou atenção, em que os pais se queixavam da dificuldade de impor e sustentar o limite, de dizer não para sua filha de oito anos. O que era curioso, nesse caso, quando realizava o influxo analítico como orientações e intervenções com os pais, é que eles realizavam a orientação em meu nome (estagiária de psicologia) em vez de falar em seus nomes próprios. Certa vez eles me apresentaram uma lista de atividades extraescolares e me perguntaram qual dentre essas atividades deveriam colocar a criança, em vez de perguntar diretamente para a própria menina. Isso ressoava estranho em mim, me questionei por que esses pais estavam tão dependentes do saber do Outro. Sabe-se que, outrora, quando uma criança adoecia, por exemplo, de resfriado, os pais, geralmente, faziam o remédio caseiro para o pequeno sujeito ou sabiam qual remédio ele precisaria tomar. Hoje, quando a criança tem uma gripe, os pais recorrem ao médico. Diante disso, me dei conta que as funções parentais estão à deriva, borradas, sobretudo o nome-do-pai. E quais seriam os efeitos do declínio do nome-do-pai sobre a constituição subjetiva da criança? Foi a partir dessa inquietação acerca do declínio do pai e os efeitos no psiquismo da criança que confeccionei o meu pré-projeto de mestrado. Para sustentar essa temática, senti que precisava escutar as crianças, pois só a pesquisa teórica parecia não me impulsionar a ir adiante. Veio a pandemia e a Clínica Escola suspendeu seus

atendimentos por tempo indeterminado, então decidi mudar de tema, entre aspas, pois continuei presa na questão do nome-do-pai. Nesse momento a questão passou a ser: se ele está em declínio, o que pode fazer suplência dele e ter efeito de enodamento psíquico?

No ato de pesquisar, de procurar o que mais (além do Édipo) pode fazer enlace dos registros psíquicos<sup>4</sup> (real, simbólico e imaginário), como disse Lispector (1925-77/1994, p.15), “estou procurando, estou procurando”, mergulhei nos desafiantes e complexos seminários de Lacan, o Seminário 21 (1973-74), *Os não- tolos erram*; O seminário 22 (1974-75), *RSI*; e O seminário 23 (1975-76), *O sinthoma*. Estes seminários, de modo geral, abordam que pode haver outros modos de enodamentos psíquicos para além do Nome-do-Pai. Nesse ponto da pesquisa fui atravessada por certa paralisação no ato de pesquisar, de escrever, me faltava a palavra, a moldura, era o infamiliar que transbordava, talvez por estar entre duas terras-estrangeiras: a primeira, o Real da pandemia; a segunda, pensar a constituição subjetiva para além do Édipo é algo novo e desafiante para mim, pois fui habituada a pensar o modo da constituição, exclusivamente, por essa via. Essa era a “única história” possível, a qual transportei para minha clínica. Entre duas terras-estrangeiras, senti falta de algo a mais para embalar a pesquisa, pois só a literatura-teórica parecia não ser suficiente para pôr em movimento a tessitura da dissertação. Este algo a mais surgiu a partir do caso Ana Clara, que recebi durante a pandemia de Covid-19.

Ainda estando aprisionada na questão sobre o nome-do-pai e não conseguindo ir para frente, levei fragmentos do caso Ana Clara para o grupo de supervisão do mestrado, ali decidi mudar novamente o rumo da pesquisa, agora seria sobre o caso em questão. Essa

---

<sup>4</sup> O imaginário está no campo do sentido, da compreensão. Ele se refere à constituição do eu, da imagem corporal da criança. No campo do imaginário, situa a relação dual, a ilusão de que dois torna-se um, enfim, de que há “a metade da laranja”, a complementaridade entre os sexos. O Simbólico é o campo da linguagem: da simbolização, da metaforização, da lei de interdição do gozo desmentido. Ele esbarra no limite da palavra, da representação. Quanto ao Real – escapa à simbolização, o não representado, o sem sentido, o impossível de inscrever a relação sexual.

jovem chegou até mim perguntando se o atendimento poderia ser por escrito, como vimos na introdução. Ela manifestava agressão contra seu corpo por meio das automutilações. Ana Clara realizou algumas tentativas de suicídio, entre essas tentativas, uma lhe deixou hospitalizada. Tentativas em que falhou tantas vezes, me fizeram pensar e questionar o que poderiam ter feito uma função de certo “escudo protetor”. Nesse contexto, problematizei o que faria em Ana Clara função de enodamento psíquico ou de sobrevida, esta questão compôs meu trabalho de qualificação. A hipótese tecida seria: a forma melancólica enodaria os registros psíquicos de Ana Clara ou a mantinha em sobrevida possível? Nas sessões notava-se que, em períodos de humor deprimido, as tentativas de automutilações diminuíram e, às vezes, até não ocorriam. Nomeio forma melancólica, não no sentido de diagnóstico, pois adianto que o caso é complexo, obscuro, delicado e os períodos de atendimento comigo considero curtos (quatro meses), então não dá para dizer se tratar de um caso de uma melancolia ou não.

No exame de qualificação, além da temática principal sobre o que faria função de enlaçamento psíquico para Ana Clara, havia a transferência por meio da escrita, que eu ainda não tinha dado conta e que estava no plano de fundo. Percebi isso somente a partir das considerações das professoras participantes da banca, uma professora leu o meu trabalho pelo campo do enodamento psíquico, forma melancólica e a outra pela transferência por escrito. Após o exame de qualificação precisei escolher um tema para seguir a minha pesquisa e optei pela transferência na clínica por escrito. Por ser um tema intrigante, novo e que me despertava bastante curiosidade, ele sim punha meu corpo em movimento.

Nesse contexto, Salum (2016) nos fala da importância do corpo do escritor no processo da escrita de um texto, na verdade, de uma escritura, pois a escritura passa a ser compreendida como “prática erótica da linguagem, moldada pelas pulsões do autor.

Trata-se, então, de uma escrita não só encarnada, mas demandante de um corpo” (p. 31). Havia dois desafios: pouquíssima coisa escrita sobre a transferência na clínica por escrito e o prazo para finalizar a escrita do texto dissertativo de aproximadamente cinco meses. Mesmo assim tentei sustentar o meu desejo de querer pesquisar sobre a transferência, ver o que dá. Insisti! Desse movimento até chegar no tema final da dissertação, extraio: escrever uma dissertação é persistir! Ou, como disse Salum, é escrever, nada mais do que escrever. Nesta direção, Lispector (1925-1977/1998) pontua em “*Água viva*” que a captura do acontecimento se dá “vivendo aqui cada coisa que surgir e não importa o que: estou quase livre de meus erros. Deixo o cavalo livre correr fúgado. Eu, que troto nervosa e só a realidade me delimita” (p.19).

Resumindo, quando ingressei no mestrado achei que iria com o meu tema do pré-projeto até o final do mestrado. Entretanto, a experiência se mostrou avessa, ele sofreu diversas metamorfoses e foi preciso, também, desapegar do tema Nome-do-pai (fiquei um bom tempo enganchada) para ir adiante com a pesquisa. Penso que uma pesquisa de mestrado, mesmo que você tenha um tema bem definido e que te pulse, sofre mudanças desde sutis a quase inteiras, tornando-se outro trabalho. Eu que queria, inicialmente, pesquisar algo sobre o declínio do Nome-do-pai articulado com os efeitos da constituição psíquica da criança, acabei trilhando margens bem estrangeiras, por vezes assustadora, inquietantes, a transferência por meio da escrita. Retirei dessa experiência que é comum o mestrando chegar com seu pré-projeto e com a ideia de que ele será sua margem, seu caminho até o final, mas descobre, já no começo e no decorrer da pesquisa, que não se sabe para onde ela vai dar, pois só no final da escrita da dissertação que é possível contar uma história sobre o que é sua pesquisa.

### **1.3. Pesquisa em psicanálise e o que se escreve de um caso clínico**

A psicanálise é construída a partir de três elos: a prática clínica, o saber teórico e a pesquisa. Eles se enodam em torno da investigação do sujeito do inconsciente, do (in) “sabido”, daquilo que é estrangeiro, ou seja, do infamiliar. Rosa (2004) sustenta a colocação anterior ao dizer que o método psicanalítico é a articulação entre teoria, prática e pesquisa. Vejamos isso, nas próprias palavras da autora:

[...] o método é a escuta e interpretação do sujeito do desejo, em que o saber está no sujeito, um saber que ele não sabe que tem e que se produz na relação que será chamada de transferencial. [...] O método psicanalítico vai do fenômeno ao conceito, e constrói uma metapsicologia não isolada, mas fruto da escuta psicanalítica, que não enfatiza ou prioriza a interpretação, a teoria por si só, mas integra teoria, prática e pesquisa. (p. 341).

Toda pesquisa em psicanálise é clínica, pois implica que o analista- pesquisador ocupe o lugar de escuta atenta, sobretudo, de causa para o sujeito, o que requer o ato e o desejo do analista de se colocar como causa de desejo (Alberti & Elia, 2000). O desejo, em Psicanálise, refere-se à falta, ao vazio do saber, que impulsiona a busca e a construção de um novo saber, saber que é pela via do não-todo, pois a verdade do sujeito do inconsciente só pode ser semi-dita e tem estrutura de ficção.

A pesquisa em psicanálise é, ao mesmo tempo, clínica e alicerçada no ato de investigação, sendo que o caso clínico se configura como dispositivo interessante a ser utilizado em pesquisas psicanalíticas. Nesta pesquisa escolhi o caso clínico para pensar a problematização e a investigação. É pela via da construção do caso que mergulhamos no universo subjetivo e na captura de alguns significantes de Ana Clara para investigar como se estabeleceu a dinâmica da transferência na modalidade de atendimento por meio da escrita na clínica psicanalítica. O caso Ana Clara é motor desta pesquisa pois ele possibilitou pô-la em movimento para construir a questão-problema e a seguir adiante, ou seja, ele me fisgou, inquietou e fez furo no meu corpo, assim colocando-me em trabalho transferencial investigativo.

Todavia, não é todo caso advindo da clínica que se metaforiza em um caso clínico. Neste sentido, indaguei: quando um caso se transforma em um caso clínico? Um caso transforma-se em um caso clínico em função do seu infamiliar (Das unheimliche), o desconhecido, o oculto que produz hiências-enigmas na clínica e na teoria, principalmente no corpo do psicanalista, tal como a frase de Lispector (1999) “às vezes escrever uma linha só basta” (p. 76). Enigma que inquieta o analista e lhe impulsiona a querer desvendá-lo, a mergulhar no obscuro, com papel e tintas na mão. Em outras palavras, só há caso clínico se as questões – os significantes-excessos-restos<sup>5</sup> – do analisando tocarem ou produzirem enigma ao analista-pesquisador. Isso vai de encontro com a colocação de Miriam Debieux Rosa (2021, pp. 2-3):

Não há caso clínico se a questão do analisando não produz um enigma para o analista — por vezes perturbador, pois, como dizia Freud, em uma antiga tradução, não há quem se aventure pelos demônios d’alma sem que também seja tocado por eles – aqui, tematizamos a transferência, a contratransferência e as modalidades de dar tratamento às questões do sujeito às voltas com a pulsão, seja analisando, seja analista.

Neste sentido, o caso é um efeito de uma relação transferencial e atravessada por restos não assimiláveis (insabido, enigma) de uma escuta que produz interrogação sobre o caso e demanda a construção de uma narrativa, de ordem ficcional-inventiva (Rosa, M.D; Martinsii, A. S; Bragaiiii, A. P. B; Tatit, Isabel, s/d). Sua construção é similar ao que Freud (1937) propõe em “Construções na análise”: implica (re) construir um texto a partir dos furos, dos pontos cegos, dos indícios deixados (materiais da sessão), do texto-cena entre paciente-analista, a reconstrução daquilo que não é lembrado, do recalcado que insiste em vir à tona e pede uma construção de uma narrativa, uma escrita. Tal construção

---

<sup>5</sup> Nomeio como significantes excessos-restos como sendo as histórias de violências tanto o abuso sexual e as violências psicológicas (autodepreciação) advindas do seu semelhante para com Ana e as suas próprias autoagressões, automutilações consigo, bem como sua angústia, o não saber dizer o porquê não consegue realizar o atendimento por áudio, ou seja, de consentir em oferecer sua voz que não cessava de se inscrever nas sessões por meio da escrita.

busca acrescentar algo no caso que não pode ser lembrado nem pelo analisando e nem pelo psicanalista em uma experiência analítica (Dunker, 2021).

O trabalho do psicanalista é de “construir o esquecido” (Freud, 1937/2020, p.367). Tal construção é parecida com a *práxis* do arqueólogo que escava uma casa (ou um prédio) destruída, soterrada e constrói uma outra residência a partir dos restos deixados. A construção sempre é susceptível a equívocos e a algo que permanece no campo do não achado, do impossível de recompor, ou seja, “toda construção é incompleta e abarca apenas um pequeno fragmento de acontecimento esquecido” (p. 372).

Até aqui podemos dizer que a construção ocorre entre ficção-Real. Através da ficção que inventamos o que no caso não encontrou inscrição, tempo e representação (Dunker, 2021, p.469), ou seja, “escrever o Real como possível, só friccionando-o” (Canguçu, 2021, p.8). A escrita do caso clínico demanda certa dose de imaginação similar ao brincar infantil (Freud, 1908/2015), pois a criança diante do não saber e do nebuloso fabrica uma brincadeira criativa, uma história.

Nesse contexto nos atrevemos a dizer que a escrita do caso parece seguir o ritmo do nó Borromeano, pois ele é enodado pela inter-relação simbólico (materiais das sessões, repetições discursivas, ditos, significantes), imaginário (ficção, invenção) e o real: “o singular da clínica, o que o clínico necessariamente desconhece, só pode ser abordado depois de ter sido transposto para outro sistema de registro antes de ser localizado, antes de torna-se legível” (Vorcaro, 2003, p. 110).

Para Dunker (2021) e Vorcaro (2003), a escrita do caso não é relatar as sessões detalhadamente, isto é, contar exatamente o que aconteceu nas sessões, bem como não é excesso de informações e tampouco a descrição de protocolos, mas, a escrita do caso requer do analista um recorte, uma construção de uma narrativa inventiva e alicerçada

entorno da questão-enigmática/hipótese, buscando fazer certa semi-costura, semi-dito no furo deixado pelo caso e no qual ele se instaura como autor da sua obra – o caso clínico.

Nessa direção, Rosa (s/d) sustenta a colocação de Dunker (2021) e Vorcaro (2003) ao escrever que um caso não é a transcrição dos atendimentos, tampouco diz de um texto levado para apresentação de uma supervisão, porém, está em todos e em cada um. O caso é escrito entre os resquícios da experiência da análise e da supervisão, quando se escreve um caso já não é do paciente que se fala e nem se busca apontar algo sobre o analista-pesquisador/escritor no que tange à sua clínica e à condução do caso, trata-se de escrever sobre os efeitos provocados pelo caso e as marcas de singularidade do caso (Rosa *et. al*, S/d).

Vorcaro (2003) acrescenta que o caso tem uma função narrativa na qual a singularidade do caso não se trata apenas da estrutura do paciente, tampouco de suas manifestações sintomáticas, refere-se ao encontro desencontrado do analisando com o analista. Por mais que se queira um exercício de saber, ela nos conta que o psicanalista está submetido à clínica, sendo falado pelo seu escrito muito mais do que saberia dizer. Nesse sentido, a função da escrita na clínica psicanalítica seria interrogar o que ela tem de imaginário e de aleatório para, ao reduzir a construção consistente que adquire, discernir o ato psicanalítico.

Em síntese, tal escrita porta o estilo do analista-escritor que, com o auxílio de vários Outros, transforma o caso clínico em uma obra. Destaco que nesta dissertação esses Outros são representados pela teoria psicanalítica, bem como pela literatura, por letra de música, por poema e pelo grupo de supervisão, obra em que transmite um saber ao público, sobretudo, à comunidade psicanalítica. Ela é fundamental para interrogar, repensar e reinventar a prática clínica, a teoria e o método psicanalítico. Nessa direção, Dunker e Ravello (2019) destacam que a construção do caso é relevante e produz efeito

na formação do analista e na direção do tratamento e é efeito de transmissão da psicanálise no discurso da ciência.

Freud recomenda que a transformação de um caso para uma escrita clínica deve ocorrer após o término, a suspensão ou interrupção do tratamento para não prejudicar a escuta do caso e, conseqüentemente, a direção do tratamento (Freud, 1912). O psicanalista escreveu a maioria dos seus casos clínicos a partir de uma experiência de fracasso, de mal-estar que certos casos lhe evocaram e que desafiou sua teoria-prática, demandando que repensasse acerca desta, como o caso de Dora que abandonou o tratamento precocemente; o Homem dos Lobos que tornou-se um paciente crônico; Anna O. que se indispôs com a psicanálise e dedicou sua vida à assistência social; e a Jovem Homossexual que foi um caso que não passou das entrevistas preliminares (Dunker, 2021). O caso Ana Clara foi montado a partir de material das sessões advindo dos excertos das mensagens de textos da paciente e analisado pelo método psicanalítico caso clínico. Vale dizer que essa pesquisa foi consentida por Ana Clara e submetida e aprovada pelo Comitê de Ética. Veremos, então, a construção do caso no capítulo dois.

## **Capítulo 2: Dos significantes de Ana Clara às marcas como letra de gozo**

*Se tiver coragem, eu me dexarei continuar perdida. Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo - quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo[...] O medo agora é que meu novo modo não faça sentido? Mas por que não me deixo guiar pelo que for acontecendo? Terei que correr o sagrado risco do acaso.*

*Lispector, A paixão segundo G.H*

Este capítulo tem como finalidade apresentar uma breve noção do conceito de significante em Lacan. Em seguida, aborda a construção do caso em questão através da

extração de alguns significantes de Ana Clara que fizeram enigma e impulsionaram a analista à cri(a)ção deste texto. Por último, busco distinguir o que seria marca traumática singular; o encontro do sujeito com a linguagem pode se inscrever marcas singulares e como compulsão a repetição e as marcas que se inscrevem como letra no corpo desta jovem.

### **2.1. Sobre a noção de significante**

A noção de significante em Lacan (1957/1998) advém do linguista Ferdinand de Saussure que compreende a linguagem como sendo signo que representa algo para alguém, bem como o significante como uma imagem acústica de um conceito, o significado tem primazia sobre o significante. Neste contexto, Lacan se apropria da noção de significante de Saussure, de modo singular e realiza uma inversão, o significante se sobrepõe ao significado, a linguagem não é formada por signos, mas sim, por significantes advindos do Outro.

O significante sozinho é insuficiente, ele necessita da articulação de outro significante, ou seja, “nenhuma significação se sustenta a não ser pela remissão a uma outra significação” (Lacan, 1957/1998, p.501). Tal articulação é da ordem do mais um significante<sup>6</sup>, da reticência, assim, produzindo deslocamento tanto no campo da metáfora como da metonímia, um significante que representa um sujeito para outro significante. Não existe um significante que nos representa, há uma rede de significantes, ele é pensado na relação com o sujeito que se constitui pelos efeitos do significante advindos do Outro, encarnado por seus semelhantes (Lacan, 1964/1985).

---

<sup>6</sup> O significante tem estrutura de metonímia; a parte pelo todo. A metonímia é “a conexão do significante com o significante que permite a elisão mediante a qual o significante instala a falta do ser na relação de objeto, servindo-se do valor de envio da significação para investi-la com o desejo visando essa falta que ele sustenta” (Lacan, 1957/1998, p.519). Metáfora- substituição do significante pelo significante que se produz um efeito de significação que é a poesia ou criação, ou, em outras palavras, do advento da significação em questão (Lacan, 1957/1998, p.519). O significante “é a primeira marca do sujeito” (Lacan, 1964/1985, p.63).

Nas próprias palavras de Lacan (1964/1985, p.187):

Ora, o que é um significante? Eu o matraqueio há muito tempo para vocês, para não ter que articulá-lo aqui de novo, um significante é aquilo que representa um sujeito, para quem? - não para um outro sujeito, mas para um outro significante. Para ilustrar este axioma, suponham que vocês descobrissem num deserto uma pedra coberta de hieróglifos. Vocês não duvidam nem por um instante que tenha havido um sujeito por trás para inscrevê-los. Mas, acreditar que cada significante se dirige a vocês, é um erro - a prova está em vocês podem nada entender daquilo. Pelo contrário, vocês os definem como significantes pelo fato de estarem certos de que se trata na relação do sujeito ao campo do Outro. O sujeito nasce no que, no campo do Outro, surge o significante. Mas, por este fato mesmo, isto - que antes não era nada senão sujeito por vir - se coagula em significante.

Antes do bebê nascer ele já é falado pelos pais ou por quem ocupa as funções parentais através de uma chuva de significantes: palavra à palavra. Neste sentido, Bernardinho (2006) expõe que:

O mundo que um bebê encontra ao nascer é um mundo de linguagem já falam dele antes mesmo de seu nascimento. Dão-lhe um nome e escrevem-no em um registro civil: antes mesmo de conseguir reagir a este nome, ele já existe e é contado como cidadão. Falam com ele quando está ainda no ventre materno, saúdam-no com palavras quando ele é dado à luz (Bernardinho, 2006, p. 25).

Este banho de significantes continua após seu nascimento, ao qual ele se assujeita para sobreviver e ter existência psíquica, para que assim venha sair da posição de corpo enquanto pedaço de carne para o corpo habitado pelas palavras, pela linguagem. O processo de alienação é fundamental para o pequeno ser vir a se constituir, sendo o primeiro tempo da constituição psíquica. Depois, é preciso que ocorra o segundo tempo - a separação, o que implica em “desalienar o sujeito do saber e das palavras do Outro, para que ele tenha existência simbólica própria” (Bernardino, 2006, p.26).

É pela via dos significantes que nos apresentamos ou contamos como nos relacionamos conosco, com nosso semelhante, ou seja, eles dizem da nossa posição frente à vida, ao Outro. Os significantes recebidos do Outro podem se inscrever como marca no corpo do sujeito e até mesmo aprisioná-lo em uma determinada posição a qual insiste se repetir, funcionando como significante mestre (S1) e produzindo sofrimento. A exemplo

de ilustração, um paciente na cena analítica e sob transferência se nomeia como “burro” no meio social, profissional e na vida, o analista questiona o que é burro, ele associa com ficar empacado, das coisas não andarem para ele e isso vem do dito do seu pai, assim vai realizando outras associações, sucessivamente. Uma análise propõe-se a abrir os significantes, desconstruí-los e possibilitar que o sujeito circule entre significantes, bem como a construções de novos significantes singulares. Vale dizer que nem todos os significantes que nos são endereçados/escutamos se inscrevem como marcas psíquicas. A inscrição depende de como ressoou para cada sujeito, como ele se apropriou/leu de tais significantes que lhe foram endereçados.

No seminário *A identificação* (1961-62), Lacan aborda o significante como sendo uma marca, uma escrita, todavia, só é possível lê-lo mediante o enlace com o outro significante. No dizer do autor (1961, p.37):

Um significante é uma marca, rastro, uma escrita, mas não se pode lê-lo só. Dois significantes é um quiproquó, é juntar alhos com bagulhos. Três significantes é o retorno daquilo de que se trata, isto é, do primeiro. É quando o passo marcado no rastro é transformado no vacalise de quem lê, em pas [não], que esse passo, na condição de que se esqueça o que quer dizer o passo pode servir inicialmente no que se chama fonetismo da escrita, para representar pas e, ao mesmo tempo, transformar o rastro de passo [la trace e pas] eventualmente em nenhum rastro [pas de trace].

Cada sujeito apropria e lê o significante de forma singular, mesmo sendo igual. Lacan (1957-1998) nos oferece um exemplo de dois irmãos: um menino e uma menina que estão viajando, “sentados um em frente ao outro, do lado em que a vidraça dando para o exterior descortina a visão das construções da plataforma ao longo da qual o trem parou” (1957, 1998, p.503), eles avistam um toilete e o menino diz: “*chegamos a Mulheres!*” A irmã responde, “*não está vendo que nós estamos em Homens!*” (Lacan, (1957/1998).

O significante está no campo simbólico e diz das manifestações inconscientes: sonho, ato falho, chiste, lapsos, sintoma, trocadilhos, equívocos, escorregão de palavras, significantes. Mas o simbólico esbarra no limite, porta um furo (Lacan, 1974-75), um

enigma, há um resto que não é simbolizado, não há uma palavra (significante) que apresenta, totalmente, o sujeito, ele está entre significante, pela via do não-todo. O sujeito se constitui, também, pela falta de significante do Outro, ele inclui na sua constituição o que não se sujeita ao Outro (Amor, 2016). A esse respeito, de que o campo simbólico, a linguagem porta um enigma, Lacan (1957/1998) diz:

Entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir numa cadeia significante atual passa a centelha que fixa num sintoma - metáfora em que a carne ou a função são tomadas como elemento significante - a significação, inacessível ao sujeito consciente onde ele pode se resolver (p.522).

A psicanalista Julieta Jerusalinsky (2009), a partir da escuta clínica com bebês, nos lembra que:

o significante não se reduz apenas à palavra falada - como certas vertentes da clínica psicanalítica parecem sublinhar, diminuindo a importância do visto no gesto, na postura e no tônus corporal ou do ouvido na entoação, esquecendo que as mesmas são também produções pelas quais as formações do inconsciente aparecem no ato da enunciação (p.26).

Nesta direção, podemos inferir que a escrita, a palavra-escrita, também apresenta repetições de significantes, comporta uma rede de significante que enlaça com outro significante de forma inacabada, deixando restar o enigma, pois o significante está na dimensão do não-todo. Veremos isso com o caso Ana Clara, em que mergulharei em alguns de seus significantes que se apresentaram nas sessões clínicas por escrito e que chamou atenção da analista. Antes de mergulhar nos significantes desta jovem, irei apresentar o porquê escolhi o nome Ana Clara e quem é ela.

## **2.2. A escolha do nome**

Escolhi um nome composto pois tem relação com a história desta jovem. Tal nome parece fazer marcas no seu corpo e ressoar no laço com o outro/Outro. Ana tem origem no hebraico e vem da tradução de Hannah e remete a Santa Ana de Assis. Clara advém do latim Clarus, quer dizer “brilhante”, “claro”. Esse nome também tem influência da Santa Clara, Clara deriva Clarice, Clarice, logo, associa com Lispector, uma autora que

tenho apreço e deu-me coragem para construir esse caso clínico. Considero um ato de coragem escrever um caso, pois é um deixar-se mergulhar no desconhecido, ou como diz Lispector é “correr o sagrado risco do acaso” ( Lispector, 1925-77/1994, p.p.16-17). O acaso, o estranho, o novo evoca em mim angústia e receio, mas é ele que pode possibilitar descobertas.

Ana Clara foi como uma luz para esta pesquisa, pois possibilitou pô-la em movimento. Durante o percurso do mestrado fiquei enganchada na temática sobre o declínio do Nome-do-pai e o que pode vir a prescendi-lo, a entrada da paciente, nesta pesquisa, possibilitou deslizamento de significante (do Nome-do-pai) para outro significante (Ana Clara e a questão de querer investigar como fica a dimensão da transferência por meio da escrita na clínica psicanalítica). Deslizamento que foi experimentado pela via da inquietação, do estranhamento decorrente do próprio pedido de atendimento que me foi endereçado.

### **2.3. Apresentação do caso Ana Clara**

Ana Clara é uma jovem de 24 anos. Ela morava com os pais e com o irmão, a família tem uma fábrica de pequeno porte, na qual trabalhavam o pai, a mãe e Ana Clara. Sobre o trabalho, esta jovem dizia que trabalhava *muito*, todavia, muitas vezes, não era remunerada e tampouco cobrava por tal. Terminou o ensino médio e passou em três faculdades: psicologia, direito e, por último, enfermagem, mas não conseguia ir adiante com nenhum dos cursos. No último curso ingressou no período da pandemia - Covid19, e desistiu devido as aulas serem online, dizendo que não conseguiria, porém, sua escrita não desliza sobre o motivo.

No primeiro encontro, Ana Clara relatou que tem depressão crônica, insônia, realizou tentativas de suicídios por via de medicamentos e cortes no pulso, entre essas

tentativas, uma lhe deixou hospitalizada. Ela manifestava agressão contra o próprio corpo por via de automutilação. Ana Clara sofreu abuso sexual dos seis aos oito anos de idade pelo seu tio, casado com sua tia materna, esse tio abusou sexualmente do seu irmão e do seu primo (filho do abusador). Esses tios levavam as crianças (Ana Clara, o irmão e o primo) para boca do fumo e as vendiam (por algumas horas) em trocas de drogas. Os pais demoraram a descobrir a história do abuso sexual, sendo descoberto quando ela tinha 13 anos. Ela escreveu uma carta, perto do olhar da mãe, para uma amiga sobre o abuso sexual e a jogou no lixo com medo do abusador *descobrir*. Frente ao seu ato, a mãe retira a carta do lixo, desvendando o segredo, tal descoberta resulta na mudança de estado.

É interessante que esse deixar a mostra pela via da escrita se repete, certa vez ela escreveu uma mensagem no facebook para uma amiga contando algo que passou com ela e o irmão, Ana Clara saiu de frente do notebook, mas deixou a página desta rede social aberta e os pais leram o seu escrito. Os pais, ao lerem o texto<sup>7</sup> da jovem, não acreditaram no que estavam lendo e a nomearam como sofrendo de transtorno bipolar. O não acreditar dos pais a levou a tentativa de suicídio. Sobre o conteúdo da escrita, Ana Clara escreveu que foram *coisas extremamente sérias - a única coisa que não consigo falar*.

É curioso que a narrativa sobre os pais quase não aparecia nas sessões. As reminiscências, rememoração das histórias dos abusos faziam-se presentes na maioria das sessões como uma compulsão à repetição, da ordem do vivo, do sem-fim, sem uma historicização, ela repete tais histórias para as amigas e familiares, estes a pediam para mudar de foco. Diante da reminiscência, da rememoração e dos pesadelos de angústia sobre os abusos sexuais, a jovem sentia *nojo* de si, uma dor que a sufocava e a sensação de que ia *enlouquecer*. Ana Clara era invadida pelo Real da angústia e frente a essa dor, emergia o pensamento constante de se machucar e, em decorrência disso, muitas vezes

---

<sup>7</sup> A jovem não dizer o que estava escrito, sua escrita não deslizava sobre o conteúdo.

ela se queimava e fazia cortes em partes do seu corpo, como uma “saída” para escoar aquilo que é da ordem do perturbador. Isso por alguns segundos lhe proporcionava alívio, mas logo o perturbador insistia em retornar. O ato como de se cortar, geralmente, é uma defesa insuficiente diante da angústia do perturbador. Sabe-se, desde Freud, que o antídoto para a tormenta que não cessa de repetir é a palavra e o movimento de “repetir, recordar, elaborar”.

Seguem alguns de seus escritos sobre estes aspectos:

*Eu não consigo esquecer tudo que aconteceu (...) sinto que eu morri ali naqueles dois anos e que, agora, eu só sobrevivo. É algo que me sufoca, dói dormir e ter “pesadelos reais”, todas as noites que consigo dormir eu tenho pesadelo com isso, é como se estivesse vivendo tudo isso novamente (...).*

*Essa noite tive um pesadelo. Porém não foi um pesadelo "imaginário" e sim um pesadelo real, que já aconteceu. Estava num lugar abandonado e vários caras faziam "rodízio" comigo, dentre eles estava o esposo da minha tia, ele quem comandava tudo, ele era o chefe ali. Bom, como disse foi um pesadelo real, onde tudo já aconteceu e eu não sabia o que fazer. Lembro do medo e da angústia que tomavam conta de mim, do nojo que sentia do meu corpo logo após tudo aquilo acontecer, dos cheiros, das respirações, de quando estavam dentro de mim, das dores, do pavor, do peso das mãos, do peso dos corpos. Como é horrível acordar sentindo, literalmente, uma mão em mim. E mais uma vez, o medo de abrir os olhos e aquilo ser tudo verdade e se tornar novamente um pesadelo real. Roubaram de mim minha inocência, minha pureza, minha alma. Me mataram, e não, não foi fisicamente, mas mataram a minha alma, decidiram por mim algo que eu jamais poderia ter definido. Tiraram de mim algo que eu jamais teria dado, roubaram meus sonhos, meus planos, roubaram aquilo de mais precioso que eu tinha e isso não tem volta e nem como ser reconstituído [...] (escrito fora da sessão).*

Reminiscências e sonho de angústia (pesadelo) que se apresentavam como uma compulsão à repetição que aponta para o trauma. Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920/2020) compreende o trauma a partir da neurose de guerra/traumática como sendo da ordem do excesso de excitação que vem de fora e invade o aparelho psíquico, o qual se encontra sem defesas/recursos, trata-se do afeto desvinculado da representação.

Para Chargas (2014), a compulsão à repetição está articulada com a pulsão de morte, é um mecanismo inconsciente em que o sujeito repete uma cena traumática como tentativa de dar conta de um conteúdo sem significação, algo sem inscrição. Para Amor (2016, p. 104), “algo se fixa no momento do trauma e permanece sempre o mesmo, compelido a expressar-se por uma repetição”. Para ilustrar, retornarei ao texto *Além do princípio do prazer*, em que Freud cita a brincadeira de uma criança (seu neto) com o jogo de carretel - o Fort-da. A criança arremessa o objeto para longe, ocorrendo seu desaparecimento (fort), quando ela profere ‘dá’, o carretel aparece. A brincadeira completa se dá pela alternância desaparecimento/presença e aparecimento/ausência (Freud, 1920/2020). Entretanto, no trauma é comum a repetição somente do primeiro ato, como uma brincadeira incansável em si mesma desprovida de prazer (Freud, 1920/2020; Amor, 2016). Além disso, Ana Clara se considerava responsável pelo ocorrido (abuso sexual) e por todos da família (pais, irmão), portanto, sendo invadida pelo sentimento de culpa. Ela era culpada pelo ocorrido e ponto final. Sobre isso, segue fragmento:

*Eu sinto que poderia ter evitado isso de alguma forma, sinto que poderia ter feito algo pelo meu irmão e pelo meu primo [...] podia ter falado pra alguém e nem isso eu fui capaz de fazer [...] Acho que, de alguma forma, eu posso ter provocado esse sentimento nele; e se eu não fosse na casa dele? E se eu recusasse? Eu poderia ter falado não, e não fiz isso.*

A partir do segundo mês, Ana Clara atrasou o pagamento das sessões, alegando dificuldade financeira da família, mas que iria pagá-las no decorrer da semana, o que não acontecia. Ela ficou neste mesmo movimento até meados do quarto mês, no qual sinalizei a importância do pagamento, ela então optou por não continuar o tratamento. Observava-se que parecia que não existia somente um impedimento financeiro, mas, também, de ordem subjetiva. Coloquei para Ana Clara se ela queria um encaminhamento para a rede pública, a jovem recusou e salientou que iria se organizar financeiramente para retornar as sessões.

### **A chegada até mim**

Quando perguntei como Ana Clara chegou até mim, ela me enviou uma lista com vários nomes de psicólogos. Esta lista continha a abordagem teórica, contato telefônico/WhatsApp e uma descrição breve da experiência, mas apenas o meu currículo dava notícia sobre a minha experiência em um Ambulatório com crianças vítimas de violências sexuais. Diante disso, ponderei que a escolha do atendimento comigo foi pelo significativo: aquela que pode escutar sobre a violência sexual.

### **Sua escrita**

Nas sessões, sua escrita acontecia através de textos curtos, ora detalhados ora não, na primeira pessoa (eu) ou pelo pronome oblíquo (me). A jovem, raramente, cometia equívocos na grafia, às vezes, quando percebia certo erro na escrita, reescrevia a palavra. O texto fora da sessão se caracterizava por ser longo, detalhado e continha uma certa elaboração, certas palavras-escritas eram colocadas entre aspas, essas palavras dificilmente se repetiam com as aspas. Outra singularidade de sua escrita é a presença de emoji, como:

 rosto gritando de medo

 Chorando alto (dor intensa)

 triste

 mãos juntas (agradecimento/símbolo de oração para pedir algo com fé).

### **Os atendimentos**

Os atendimentos ocorreram durante quatro meses, totalizando 19 sessões, por meio de mensagem escrita. A princípio as sessões aconteciam por mensagens de texto trocadas via WhatsApp, em tempo real (ao vivo). A conversa começava, por exemplo, com a frase: *Vamos começar, Ana Clara? A sala virtual WhatsApp está aberta...* Freud (1913) considera o início do tratamento como um jogo de xadrez, no qual se sabe dizer como o jogo se iniciará e se findará. Contudo, o percurso não se constitui de padrões fechados e pré-determinados a serem seguidos, mas é sim tecido no que acontece entre o início e o final das sessões. Após dois meses migrei os atendimentos para o Google meet como forma de manejo transferencial. Voltarei sobre essa questão de deslocamento de aplicativo **no capítulo três: transferência por escrito: excesso, resto e hiância.**

#### **2.4. Da extração, escavação e lapidação de alguns significantes de Ana Clara aos significantes que não fazem séries: a construção pela lógica do não-todo**

*A construção não lhe disse tudo*  
*Freud, Construções em Análise*

Os encontros com Ana Clara foram marcados por alguns significantes que produziram interrogações, hiâncias e inquietações no corpo da analista-pesquisadora, bem como ressonância no campo transferencial, assim demandando um saber-fazer algo com eles, o qual foi realizado pela via da invenção desta escrita chamada dissertação. Os significantes extraídos do texto de Ana Clara que serão trabalhados neste capítulo são: a

história sobre seu nome: [Ana Clara] Ana; O excesso: violência, abuso e sacrífico e; Ana atrás da escrita e das aspas. A leitura-análise dos significantes-enigmas desta jovem possibilitará a investigação da sua singularidade e, *a posteriori*, abrirá caminho para pensar a problemática da transferência por escrito, no capítulo subsequente. Análise que será realizada pela lógica do não-todo, a construção de um texto sempre deixa lacunas, restos, essa leitura acontecerá pelo movimento de “suturas e emendas” (Lacan, 1975-76/2007, p. 71).

### **A história do nome: [Ana Clara] Ana...**

*Meu nome é Alice, mas - “ um nome bastante estúpido! Humpty interrompeu impacientemente. O que ele significa? Deve um nome significar alguma coisa? Alice perguntou cheia de dúvidas. Naturalmente que ele deve - Humpty Dumpty disse, com um pequeno sorriso: “Meu nome significa a forma como eu sou - e ele tem também uma considerável boa forma - como um nome como o seu, você deve ter alguma forma.*

*Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll.*

O nome<sup>8</sup> pode causar um estranhamento para quem fala, como vimos em Alice. Ele é arbitrário. O sujeito não o escolhe, pois ele é dado pelo Outro encarnado pelos seus pais, ou quem faz as funções parentais. Como diz Humpty Dumpty, ele significa alguma coisa - remete a transmissão de significantes do Outro. Nesta mesma linha, Soler (2007) nos diz que o nome não é automático, mas uma inscrição de uma escolha do Outro e porta seu desejo e traz consigo suas expectativas, idealizações, fantasias, esperanças e inquietações. Segundo Lacan ( 1961-62), o nome faz marca no sujeito, “nos especifica e nos determina com as cores do imaginário de quem nos nomeou” ( Lacan, p.132,1961-

---

<sup>8</sup> O nome é um ato de nomeação advinda do Outro, que retira o bebê da posição de coisa ao nomeá-lo; você vai chamar Ana, por exemplo. O nome pode fazer a função de borda para o sujeito e ele pode se reconhecer no nome ou não.

62). O nome porta uma história, diz algo sobre o sujeito, da sua relação com o Outro/outro, sua posição na vida. Lacan destaca a importância do analista “prestar atenção em como se chama seu paciente. Nunca é indiferente” (1961, p.83). Aqui, busco mergulhar, ler, articular alguns significantes sobre o nome Ana Clara. Então, vamos mergulhar um pouco sobre a história do nome de Ana Clara!

Durante o período gestacional a mãe de Ana Clara sentiu uma dor constante ao longo da gestação e sofreu uma ameaça de aborto. Nas próprias palavras da jovem:

*Minha mãe teve ameaça de ABORDO<sup>9</sup> na minha GESTÃO durante os 9 meses, e quando ela estava no 5º mês de gestação que eles foram fazer o ultrassom eu estava sem batimentos cardíacos, aí o médico pediu para voltarem no dia seguinte pra fazer a curetagem. Eles (meu pai e minha mãe) rezaram<sup>10</sup> a noite inteira e na manhã seguinte pediram pro médico fazer de novo e os batimentos tinham voltado, pro isso Ana Clara.*

Isso faz pensar em um cabo de guerra metafórico: a bebê na barriga da mãe com a morte puxando de um lado e, os pais, do outro, para voltar a viver. Os pais lutaram para salvá-la da morte recorrendo ao ato de sacrifício: *rezaram a noite inteira*. Reza endereçada a uma Santa, sendo ela a Ana de Assis. Sacrifício diz de uma promessa para que ocorra a metamorfose de estado a para o b (Sanchez<sup>11</sup>,2022). O ato, como vimos, se

---

<sup>9</sup> Ana quando escreve sobre a sua história do seu nascimento, de que a mãe teve uma tentativa de aborto. Em vez de escrever aborto, escreve abordo, como ela não consente com tanta facilidade com o vacilo, com a equivocação das palavras escritas, apontando para uma posição de extremamente vigilante do que escreve. Além de que, pode ter ocorrido um erro do corretor e ela passou correndo e não voltou para reescrever. Visto que, quando ele percebe o erro ela corrige. Neste contexto, tais trocadinhos das palavras não dariam para dizer que se trata de um ato falho.

In: <https://www.dicionario.info/abordo>: ação de abordar, acesso, aproximação, ilha de acesso perigoso. Abordo, rima como transbordo, transbordamento, excesso, isso é interessante, pois estes significantes nos recordam sobre como a vivente se apresenta na relação com o Outro, analista, pela via do transbordamento.

<sup>10</sup> Os pais rezaram para a Santa Ana de Assis.

<sup>11</sup> Seminário Interloquções da clínica lacaniana: Devoção, Submissão e Sacrifício, foi transmitido por meio de comunicação oral e online (ao vivo), pela plataforma zoom, em 2022, no período de abril a julho, os encontros foram mensais.

concretizou, ocorreu a passagem da bebê morta para a bebê que voltou a viver, que ressuscitou. O pagamento da promessa dos pais aconteceu pela via do nome próprio, ao atribuir à filha o nome de uma Santa: Ana. Ela foi oferecida para Santa Ana Clara, Clara aponta para a ideia de reversão do estado, da luta dos pais para ela viver, bem como seu nome foi escolhido a partir de um duplo acontecimento da ordem do inesperado, do Real, da morte-vida. Para os pais ela foi considerada fruto de um milagre, assim, eles decidiram colocar Ana em homenagem a Santa Ana de Assis e Clara por ela ter voltado a viver.

Ana Clara escreveu que ama o nome que os pais lhe deram, mas, às vezes, fica chateada e com raiva dos pais, pois, se eles não tivessem *lutado tanto* por ela, não teria *passado por tanta coisa*, ou seja, não teria vivido tudo o que viveu, as violências e, ao mesmo tempo, sente culpa por sentir raiva dos pais. Ela não pode ficar com raiva dos pais, afinal, eles sacrificaram, empenharam para mantê-la viva, o ato dos pais a “salvou” da morte. Em uma sessão, a paciente falou: *Não precisa me chamar de Ana Clara, pode me chamar de Ana apenas, parece que você está brava quando fala meu nome inteiro*. Foi a partir desta colocação que pedi para ela contar a história do seu nome. Ana Clara disse que quando as pessoas de sua família pronunciavam o seu nome inteiro, sentia que eles estavam bravos e brigando com ela. Pois, os pais a chamam de filha, de Clara e quando não estão bravos com ela. Em outra sessão, ela retomou a conversa sobre o nome, dizendo que havia “*descoberto*” o motivo do porquê achar que quando alguém pronuncia seu nome inteiro, ela sente logo que está bravo/brigando com ela. Ela contou que quando a mãe descobriu sobre a história do abuso sexual, ficou pressionando-a e questionando o porquê ela não ter dito antes, assim, ela produziu um deslizamento de significantes, do significante bravo para a história do abuso sexual.

Segue o fragmento: “*Ana Clara, fala pra gente o que aconteceu, por que você não tinha falado antes sobre isso Ana Clara*”? A respeito do nome, ela diz ainda: *Talvez isso*

*tenha gerado algum “trauma” que eu pense que quando falam o meu nome inteiro quer dizer que a pessoa está falando que está brava comigo.* O nome próprio de Ana Clara nasce do sacrifício dos pais e faz lembrar da violência o tempo todo. Neste contexto, pode-se dizer, então, que seu nome é marcado pelos seguintes significantes: entre vida-morte, sacrifício e violência que parecem fazer sulco, marca no seu corpo.

Para Lacan (1961-62) o nome próprio tem valor e função de significante que produz metaforização, é uma marca que requer um trabalho de leitura o qual implica uma tomada de posição por parte do sujeito e demanda um saber-fazer singular diante do recebimento de significante do Outro. O nome pode portar significante que não desliza, isto é, funcionar como significante puro e que o sujeito cola, remetendo a algo da ordem da letra que resiste à significação, o que não entra na cadeia de significante e não cessa de inscrever na vida do sujeito. Neste sentido, de acordo com Espíndola (2017), o nome próprio refere-se uma marca que distingue e singulariza o humano, bem como ele pode remeter à identificação, à colagem ao significante do Outro, o qual convoca uma leitura do sujeito.

Voltando a Ana Clara, ao seu dizer: *Não precisa me chamar de Ana Clara...* lhe perguntei como ela queria ser chamada, ela escreveu Ana. Esse corte no seu nome próprio, ou seja, a “retirada” do nome Clara e deixando apenas Ana, talvez aponte para o ato inconsciente de tentativa de descolar um pouco dos significantes do Outro, das violências, do sacrifício. Ana é novo, movimento dela. Ela recusa Clara, Clara é a luz, a graça dos pais, o qual, talvez, ela não se reconhece como sendo a luz. Ana escrevia como sendo aquela que traz dor, caos a família, pois considerava que tudo que aconteceu referindo as violências e qualquer coisa negativa era culpa dela.

A jovem, ao colocar Clara em parênteses, faz uma tentativa inconsciente de uma operação de separação de alguns significantes do Outro, mas ainda parece estar

identificada a certos significantes vindos do Outro, como o ato de sacrifício, a violência, o abuso que se repete na vida, na sua posição com o seu semelhante como automatismo à repetição. Para Espíndola (2017) o nome próprio diz de “algo de uma marca que lhe é inacessível e lhe sobredetermina, a qual ele vai precisar responder no seu percurso de vida” (p.40). Com diz Lacan (1961-62), o nome próprio porta um traço unário que singulariza o sujeito e o diferencia. O traço remete ao sulco - como um corte na pele, que cicatriza, mas que deixa a marca do próprio corte (Melo, 2013).

### **O excesso: violência, abuso e sacrífico**

*<sup>12</sup>Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo,  
mais profundamente se grava nele o que é ouvido.*

*Walter Benjamin, O narrador*

A violência e seus derivados (invasão e abuso) apresentam como uma compulsão à repetição na vida de Ana. De um lado a autoagressão pela via de mutilações e recriminações, do outro, a voracidade do pequeno outro, seu semelhante sobre seu corpo. Neste contexto, a psicanalista Maria Rita Kehl (2009), em *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*, nos auxilia a pensar o caso Ana, sobretudo no que tange a questão da invasão do Outro, em que o sujeito se situa em um tempo estagnado e não inclui o registro da diferença porque sua vida psíquica está paralisada pela onipresença da coisa materna, a qual trocaria pela onipresença dos significantes do Outro/outro, de forma incessante. Ela escrevia que sua mãe e sua avó paterna lhe endereçam palavras que a machucavam. Vejamos, nas suas próprias palavras, a respeito do dito da avó:

---

<sup>12</sup>Certa vez, coloquei esse fragmento de W. Benjamin no status do meu WhatsApp. Ana que, já havia parado com o tratamento, entrou em contato comigo pelo WhatsApp e pediu a referência. Pode-se dizer que essa frase a tocou, ressoou algo em si e esbarrando em alguns de seus significantes ou letra cravada no seu corpo.

*A minha avó paterna é uma pessoa extremamente geniosa, já me machucou muito com palavras, sempre falou demais do meu corpo, que nenhum homem jamais me aceitaria se eu tivesse estrias, fosse gorda e coisa assim.*

Ana escreveu outras cenas em que era secretária de um padre da sua cidade, ela contou para ele sobre a história do abuso sexual e que ele um dia, à noite, no meio de uma de suas insônias, lhe chamou e enviou uma foto pelado. Durante o período de internação hospitalar, uma mulher lhe beijou sem sua permissão. Diante destas invasões, depreciação do outro, ela dizia que não conseguia tomar uma atitude, isto é, falar-fazer *nada*. Ela dizia ainda que: *sofria e ainda sofro muito com isso, mas nunca consegui me defender. [...] Eu sinto que quando eu pra ter os meus pensamentos levados a sério, quando era pra eu falar, quando eu tinha que ter tido voz e me colocar algum tipo de “valor” eu não fiz isso, então como que eu vou fazer isso agora, depois de anos? [...] Frente a isso, Ana não faz barra como uma mediação simbólica entre ela-outro, porém, o que há é apenas a porta aberta sem dobradiça, onde tudo pode. Isso vai de encontro com a colocação de Lacan (1962-63/2005) sobre a falta da falta, quer dizer, a falta de barra, de pontuação diante do Outro.*

Evoco, a esse respeito, a exposição de arte de Marina Abramovic<sup>13</sup>, chamada ritmo 0, em 1974, em Nápoles, Itália. Uma mesa com 72 objetos de diversos tipos: rosa, corrente, tesoura, faca, arma... A única colocação de Marina para o público foi: vocês podem usar os objetos como quiserem, eu sou objeto. Marina foi objeto do público durante seis horas. Esta obra aponta para o ato violento de Marina para consigo e como é perigoso quando tudo é permitido, não faz barreira e fica imóvel, o que há é o pior (Fingermann, Mendes, 2005), a violência. Segundo Naves (2014), a violência não diz de

---

<sup>13</sup> In: <https://artrianon.com/2017/10/10/obra-de-arte-da-semana-performance-ritmo-0-de-marina-abramovic/>

um sintoma interpretável que merece ser decifrado, mas de algo que resiste e insiste em não ser captado pelas malhas da linguagem. A autora expõe também que:

“A violência destitui o sujeito - retira dele seu lugar de alguém que pensa, sente e deseja. A pessoa exposta à violência ocupa um lugar de passividade, de não poder falar, de estar assujeitada ao outro” (p.456).

Voltando a Ana, pode-se dizer que ela se coloca como objeto de gozo do Outro, até mesmo se deixa fazer abjeto do Outro. Neste sentido, Ana colocou, em certa sessão, que deixa as pessoas pisarem nela para que não se repita as violências com ela. Diante dessa colocação, a analista lhe questiona: como assim? A jovem escreveu que o que mais lhe dói é não ser escutada, pois, segundo ela, todos lhe julgam, inclusive seus pais. Sobre seus pais, faz referência ao acontecimento com o irmão que ela nomeia como algo sério, mas não conseguiu dizer nas sessões o que de fato ocorreu, não conseguiu pôr em palavras escritas e afirmou que seus pais não acreditaram nela. Ana, ao se fazer de objeto do Outro, parece convocar que esse lhe escute, porém, ao mesmo tempo, ela não se faz escutada já que não faz uma questão ao Outro. E mais, repete de modo massivo em seus escritos o dizer de que poderia ter falado, mas não falou, *quando era pra eu falar, eu não fiz isso...* Essa escrita não vai adiante, ocorrendo uma paralisação das palavras escritas por ela mesma, assim, caindo no campo do indizível. O que impede Ana de falar?

### **... do (s) abuso (s)**

Como vimos, no subtópico - **Apresentação do caso Ana Clara**, a paciente repete, de forma insistente, a história de abuso sexual<sup>14</sup> como sendo da ordem do vivo na cena analítica e com seu semelhante. O que faz Ana Clara repetir um sonho traumático-pesadelo, a rememorar a cena que lhe produz sofrimento? O que está por detrás do não poder esquecer tal história de violências?

---

<sup>14</sup> A violência sexual refere-se à violação do corpo e do espaço corporal. Violação compreendida como o não consentimento consciente. In: Cena incestuosa: abuso e violência sexual.

A violência sexual é o exercício de poder, de força sobre um outro, contra sua vontade. A violência é o sem sentido, fora da linguagem. In: abuso sexual: do que se trata? Contribuições da psicanálise à escuta do sujeito. A palavra abuso aponta para o excesso, a invasão, a transgressão, a violação.

A repetição pode dizer de uma tentativa de elaboração (trabalho psíquico) da experiência traumática, o qual ocorre pela via do ato de repetir, recordar e elaborar, como destaca Freud (1914/2020), assim, possibilitando que a quantidade de energia que se acumulou no próprio aparelho psíquico possa escoar (Cromberg, 2021). Para Freud (1914/2020) a repetição é fragmento da transferência e está relacionada com a compulsão a repetição. Lacan (1964) irá separar repetição da transferência, apontando que são conceitos fundamentais distintos. A repetição implica ir além do processo de “repetir, recordar e elaborar” (Freud, 1914/2020), pois a repetição diz de um ato que implica repetir até fabricar algo novo, isto é, um saber-fazer com aquilo que é da ordem do perturbador que não cessa de se inscrever. Nesta direção, indo ao encontro de Manoel de Barros (1993, p.13), trata-se de “repetir, repetir - até ficar diferente”. Neste repetir incessante, Barros compôs poesias, assim, dando certo tratamento para o perturbador.

Há uma repetição da ordem do insistente em que o sujeito não sai do lugar, fica fixado no evento traumático, não há metaforização do significante, o que parece ser a posição em que Ana se encontra. Ela fica *presa*, enclausurada, retida naquela criança chamada Ana Clara, que foi abusada, percebia-se que ela dizia que todas as pessoas com que ela se relacionava eram abusivas.

Segue seu escrito:

*Me sinto um nada. São coisas do passado, mas que ainda me fazem ter esse tipo de sentimento. Foi quando eu era criança, enquanto eu tinha "validade" para eles eu fui usada, depois me descartaram como um lixo. Foi com as gêmeas ( amigas), enquanto eu tinha serventia para elas, elas me usaram como quiseram, mas quando o que era favorável pra elas acabou, elas me descartaram como fazemos com o lixo [...] Eu tenho nojo da pessoa que eu sou. Nojo do que eu deixei fazerem comigo quando eu era criança, eu me olho no espelho e não me reconheço 😞 Eu*

*podia ter feito algo, eu podia ter pedido ajuda, eu [...] podia ter falado para os meus pais, mas eu não fiz nada [...]*

Ana não faz barreira, não se protege da intromissão do Outro, ficando à mercê deste, consentindo com o seu transbordamento ou seu *abordo*, conseqüentemente ocupando uma posição de risco, de perigo. Mas, por que Ana não coloca uma barra no transbordamento eu-Outro?

### **... o sacrifício**

Outra questão que me fisgou e fez hiância no caso é que Ana dizia que trabalhava muito na fábrica dos pais, porém, muitas vezes não recebia e tampouco cobrava tal remuneração. Não cobrar aponta para um ato de sacrifício, de servidão, de se colocar como objeto de família. Como vimos, parece que Ana não pode cobrar destes pais, afinal, eles lhe deram a vida. Ana contrai e herda uma dívida eterna com esses pais, pois ela não se sente à altura para pagar pelo milagre, uma vez que sempre se sente aquém destes, de que deveria fazer mais por eles. Isso se manifestava na escrita de Ana quando ela escrevia que se sentia *inútil por não ajudar (os pais) por não poder ajudar, por não poder fazer mais, por não conseguir fazer metade de tudo que eles (pais) já fizeram por mim, e eu não suporto não conseguir fazer nada para ajudar eles*. O sacrifício aponta para o mais de gozar, sempre havendo um mais + mais, nada basta, não há pausa, ponto final.

Lacan compreende o sacrifício como uma moeda de duas caras, uma voltada para o campo simbólico e a outra para o gozo (Lacan, 1962-63/2005). O sacrifício compreendido por Freud (1913/2013) está relacionado com a renúncia que diz de uma perda de gozo pela via da castração simbólica, o que é fundamental para se inscrever a falta e possibilitar que sujeito se humanize, se insira na linguagem e faça laço social. Nesta mesma direção, para Sauto (2013), o sacrifício se faz necessário para que o sujeito ingresse na linguagem, da qual depende então, da circulação dos dons: palavra, lei, do

Nome-do-pai para que ocorra o esvaziamento do gozo. Esse sacrifício via renúncia possibilitaria trocas, intercâmbios, bem como produz uma dívida simbólica inconsciente: é preciso devolver o recebido e fazer circular os dons.

Ainda, o autor continua dizendo que no sacrifício “Não se devolve nada, mas se “re-doa”. Aquele que devolve está re-doando e com isso se mantém uma dívida insaldável: circulam os dons e mantém-se a dívida que não se pode saldar, não pode ser suspendida, cancelada” (p.40).

No *seminário 10*, Lacan (1962-63/2005) vai pensar o sacrifício para um “mais além” da dimensão simbólica e de intercâmbio com o Outro. Ele o toma enquanto gozo paralisante e mortífero, em que não há articulação com significantes, o que faz com que o sujeito ocupe uma posição de submissão, “de alienação total, de um assujeitamento sem resto” (Sauto, 2013, p. 50). Por vezes, Ambertín (2006) diz que o ato de sacrifício de ceder ao Outro transita pela paixão, pela ignorância, pela qual o sujeito faz-se de servo do “suposto” desejo obscuro do Outro, ao qual se vincula atrás de uma culpa melancólica. Neste caso, Ana é o próprio sacrifício o qual ela paga com uma libra de carne, com sua própria vida, como sendo e deixando ser objeto dos pais, conseqüentemente, do Outro.

### **“Ana” atrás da escrita e das aspas**

A recusa de Ana pelo atendimento online (com a câmara ligada e o áudio, ou apenas com o áudio) e seu pedido por atendimento pelo escrito é algo da ordem do enigma, de um “buraco por uma palavra ausente” (Leme, 114, 2016). Sua escrita ficava retida no significante *não consegue, não consegue* apresentar-se, como A carta roubada<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> É um conto policial. A posição dos personagens gira em torno da carta. O conto acontece a partir de duas cenas. A primeira, há a rainha que recebe a carta e fica inquieta, mas não revela o conteúdo desta. Isso abre brecha para a suposição de que se ela for revelada colocaria em jogo a honra, a segurança da rainha. Neste cenário, temos o rei que nada vê, logo, a rainha deixa a carta virada para baixo com o sobrescrito para cima, sob a mesa. Ambos recebem a visita do Ministro D que percebe a inquietação da rainha e tira do bolso uma

de Edgard Allan Poe. O conto gira em torno de uma carta/letter/letra entregue à rainha sem remetente. A carta é um mistério, não se sabe o conteúdo, fato que aponta para o esvaziamento de sentido. A única informação existente-suposta é de que, se a carta for revelada, colocará em risco uma figura ilustre, o que faz supor que se trata da rainha e, por isso, precisa ser recuperada. Assim, a carta inquieta a rainha, mobiliza os demais personagens do conto à procura dela, pois a carta desapareceu dos aposentos da rainha (Lacan, 1955/1998).

A carta roubada é inversa à carta comum (há uma mensagem, um texto), seu conteúdo é silenciado, não é revelado, é um não dito. A carta é disfarçada numa carta velha, num dejetivo, num lixo, rasgada e, assim, sua materialidade, opacidade (Lacan, 1955/1998). Como *A carta roubada*, o atendimento por escrito inquieta e produz interrogações como: o que Ana esconde com o atendimento por escrito? O que é Ana atrás do escrito e das aspas? Qual é o mistério em Ana? É curioso que Ana fala da história do abuso sexual para seu entorno, este se cansa de ouvi-la, pede para que mude de assunto. Todavia, recusa a falar na análise, optando por escrever em vez de oferecer, deixar a mostra ou cair a sua voz, sua fala/palavra. De acordo com Lacan (1959-60/1997), a palavra mata a coisa/aquilo que é da ordem do perturbador. A palavra, bem como a interrogação, o dizer não podem tratar o gozo desmedido, assim, dando lugar para a emergência do desejo, da falta. Além do que, a palavra pode possibilitar transformações

---

carta similar com a carta à vista sob a mesa. Ele retirá-la do bolso, finge lê-la, põe essa ao lado da carta-enigma/roubada/rainha e pega a carta da rainha. A rainha vê e nada faz, ela não reage, tampouco, o rei que está ali e não está (ausente). Segunda cena, a rainha contrata policiais para recuperarem a carta perdida. Os policiais procuraram durante 18 meses a carta na residência/gabinete do ministro D, de forma meticulosamente, vasculham, retiram objetos do lugar e põem o gabinete de “cabeça para baixo”, mas não a encontram. Diante disto, o inspetor da polícia chama Dupin, um detetive para recuperar a carta. O detetive vai ao gabinete do Ministro D, conversa com ele, observa-se o ambiente vagorosamente e, de repente, depara com um objeto perdido, abandonado e pendurado na lareira, sendo a carta roubada. Dupin retorna, no dia seguinte, para capturar a carta. Tal captura ocorre com um incidente na rua perto do gabinete do ministro que o distraí para janela, Dupin aproveita e pega a carta. In: *A carta roubada de Edgard Allan Poe e o Seminário sobre “A carta roubada”*.

da posição subjetiva. No caso de Ana, deixar de ser abjeto do Outro é sair da posição de nadificada.

Os atendimentos enigmáticos com Ana produziam na analista muitas interrogações, como se percebe no decorrer desta dissertação. Deste modo, surge uma outra: Ana quer se escutar ou somente ser lida? No grupo de supervisão/orientação desta dissertação produzimos como hipótese que talvez<sup>16</sup> Ana fuja da pontuação - do fazer barra/uma questão ao Outro. E mais, o que Ana pode encontrar se a escrita, as aspas, forem colocadas em suspensão? Diante disto, evoco *Alice através do espelho*, de Lewis Carroll (1832-98/2019): com quem Alice deparou-se atrás do espelho? Alice deparou-se consigo mesma? E Ana iria se deparar com sua própria voz, o olhar para si? Sobre isso, segue um fragmento da jovem: *Eu tenho medo de falar e ser escutada isso me assusta*. Parece que ela tem medo de si escutar, escutar a si implica deixar cair o excesso de significantes do Outro que seu corpo carrega e a ele se está preso. Dessa forma, se apresenta sua recusa em perder o Outro, fazendo dele seu esteio e seu calvário.

Ela fica escondida atrás da escrita, das aspas, isso produz um enigma na analista-pesquisadora, bem como no leitor, fazendo estes construírem perguntas, suposições como as feitas acima. Ana quer falar e ser escutada, porém, ao mesmo tempo, parece que não, apontando para uma dupla negação/desmentido.

A dupla negação, o desmentido, é um dos traços da melancolia, em que o sujeito reconhece a realidade, a existência das coisas, mas ao mesmo tempo pode negá-la, se opõe a ela. Como por exemplo: “já que não há sentido, já que não há verdade, já que nada é perfeito... então nada a fazer” (Lambotte, 1997, p. 510).

---

<sup>16</sup> Frente a sua ausência de palavras, do inominável, cabe à pesquisadora ocupar a posição de artesã e fazer uso de uma ferramenta chamada saber-fazer, *savoir-faire* (Lacan, 1975-76), a qual possibilita fazer emenda, costura nos pontos obscuros, nos furos, mas pelo significante **talvez**; meio-dito, não-todo, assim deixando um furo, dando abertura para que o leitor possa continuar a inventar novas costuras e invenções.

O desmentido aqui difere da estrutura clínica da perversão. O desmentido, na perversão enquanto estrutura clínica, é entrelaçado com a negação da diferença do sexo, da falta do outro. O sujeito nega a falta, a diferença e, em seguida, tampona mediante um objeto substituto imaginário – o fetiche. A exemplo, a cena de um menino que acredita que a mulher (a mãe) tem o pênis e, quando vê o órgão genital feminino, fica horrorizado e toma conhecimento da falta do pênis. Porém recusa, colocando certo objeto (o fetiche) no lugar do furo. O desmentido, na melancolia, se origina a partir da consequência traumática da catástrofe originária (Freud, 1927/2020). Ele tem a função de proteger, de barrar o possível retorno da experiência traumática com a qual o sujeito melancólico se deparou no seu encontro com o Outro – encontrou um olhar vazio, como um quadro sem imagem, com a vida nua e crua, como as *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos<sup>17</sup>. O desamparo do Outro. A esse respeito, Lambotte (1997) ressalta que:

(...) a relação que o sujeito poderia ter sido possível de manter com ela (realidade) que se veria (re)negada, desmentida, segundo as explicações que fornecemos precedentemente, e que diriam respeito tanto a uma posição de defesa frente a um retorno eventual da catástrofe original quanto a uma identificação ao nada do objeto de amor/ódio. Mas, o que nos faz sustentar a noção de (re)negação ou de desmentido para caracterizar a posição do sujeito melancólico frente à realidade é o fato de que o sujeito, utilizando a negação-símbolo em seu discurso, e isto em relação a uma referência nostálgica mítica, ilustra concretamente por sua atitude negativista que não há nenhum meio de reconhecê-la e permaneceram intimamente associados, a ponto de que estes dois processos (re)negação ou o desmentido da relação com a realidade que invalida, a priori, toda a possibilidade de investimento (p.504).

Darwin e Moreira (2018) sublinham que o conceito de desmentido não é exclusivo da perversão enquanto estrutura clínica, ele pode estar presente em outros fenômenos, no funcionamento geral do psiquismo. Esses autores ressaltam que nas

---

<sup>17</sup> *Vidas Secas*, romance publicado em 1938, narra a história de uma família de retirantes sertanejos obrigada a se deslocar de tempos em tempos para áreas menos castigadas pela seca.

experiências traumáticas é comum a manifestação do mecanismo do desmentido devido à realidade se apresentar de modo insuportável.

Recorri a melancolia como forma para pensar os significantes de Ana e não para nomeá-la, predicá-la, pois, como já visto, considero que os atendimentos aconteceram em um período curto, o qual impossibilitou situá-la em uma posição clínica. Tais encontros situo no campo das entrevistas preliminares, além do que, o caso é difícil, infamiliar ainda, porta o enigma, um não-saber, que dificulta e desafia enquadrá-la no determinismo estrutural. Deste modo, demanda uma escuta sensível, cuidadosa, em ritmo desapressado, que necessita de mais investigações, como disse Freud (1915, p.171) em Luto e melancolia: “renunciamos a toda pretensão de validade universal para nossas conclusões, e nos consolamos na reflexão”.

O dito de Freud pode ser interpretado como um cuidado no que tange às conclusões apressadas sobre os casos clínicos que chegam nas clínicas (privada ou pública). Há uma universalização do diagnóstico, de encaixar o sujeito dentro da “caixa” da clínica estrutural a partir da lista da sintomatologia, ou seja, se há forclusão está no campo das neuroses, caso contrário, trata de psicose. A diagnóstica<sup>18</sup> é importante para pensar a direção do tratamento, porém, é preciso paciência e cautela, pois, no contemporâneo, deparamos cada vez mais com casos clínicos que desafiam a leitura pela via da clínica do Nome-do-pai (estrutural). Nem sempre forclusão, dificuldade com a lei, o sujeito assaltado pelo gozo do Outro trata de psicose, como expõe a psicanalista Carla Capanema em seu livro *Enlace e desenlace* (2018).

## **2.5. Da marca do trauma às marcas como letra de gozo**

---

<sup>18</sup> O diagnóstico refere-se a nosografia, ao diagnóstico estrutural: neurose, psicose e perversão. A diagnóstica diz da forma de como o sujeito lida com a divisão subjetiva sob e na transferência. Isto é, como o sujeito estar se colocando na com o outro, Outro, consigo mesmo, bem como do ponto de vista do desejo, da identificação, do objeto, do gozo.

*Desde o início o mundo doeu em mim. Dentro mas também fora. Alguns creem que as memórias da primeira infância ou são boas ou não existem, temerosos de que até o mito da infância feliz lhes escape. São os que preferem não lembrar. Eu lembro muito, sempre lembrei. E ainda hoje há noites, muitas noites, em que acordo com o coração descompassado. Sempre vou temer o retorno da escuridão, que para mim é o mundo sem palavra. A morte é o mundo sem palavras. E é curioso que minha primeira lembrança seja a morte. Como se eu tivesse nascido morta. E a vida só tivesse acontecido alguns anos depois, quando eu já era um zumbi crescido. Nasci não de um, mas de vários túmulos. O primeiro deles foi o corpo da minha mãe, assassinado pela morte da criança que veio antes [...]*

*Eliane Brum, meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*

A marca é aquilo que faz cicatriz, sulco, rachadura no corpo do sujeito, as marcas são plurais, há marca decorrente de acidente automobilístico que pode deixar sinais na pele, marcas advindas de lutos, doenças, deficiência e entre outras (Soler, 2014). Entretanto, são duas marcas que interessam à psicanálise, trata-se das marcas da história de cada um e são decorrentes da contingência, do encontro do sujeito com a linguagem, dos efeitos desta no sujeito, inclusive, elas iniciam desde os primórdios da existência do sujeito, as marcas dos traumas próprios de cada um, da repetição, e as marcas que inscrevem como letra de gozo que estão no âmago do sintoma (Soler, 2014). Neste contexto, busco extrair tanto a marca do traumática singular e as marcas que se inscrevem como letra no corpo de Ana.

A vida de Ana desde o início da sua existência foi e é marcada por duas mortes. A primeira morte, a real, a biológica, refere-se à história de ameaça de aborto de quando o médico constatou diante do exame pré-natal (5º mês de gestação) a ausência de batimento cardíaco, logo, ela foi dada como morta. A segunda morte não é a morte física propriamente dita, mas a morte do desejo (Lacan, 1960-61/2010), como é perceptível por Antígona e Sygne, bem como em Ana. A segunda morte em Ana no que tange o trauma,

a história de abuso sexual e sua posição de submissão diante ao Outro, ocorrendo o apagamento de si. Ana nasceu entre duas mortes, ou seja, o primeiro substantivo e verbo que ela tombou foram a morte e o morrer, ou como disse Eliane Brum no seu livro *Meus desacontecimentos, e é curioso que minha primeira lembrança seja a morte. Como se eu tivesse nascido morta* (2014, p.12). Portanto, entre duas mortes podemos dizer que compõem a marca singular traumática de Ana e aderem sua pele como uma tatuagem. A marca do trauma própria de cada um refere-se ao encontro do sujeito com o Outro da linguagem estrutural, isto é, do discurso do Outro. Tal encontro deixa traço, marca; ninguém escapa disso. A estrutura é universal, porém, ao mesmo tempo, é uma marca que corresponde a singularidade de cada ser e é decorrente da contingência (Soler, 2014).

Voltando em Ana, sua marca traumática singular – entre duas mortes - persiste em repetir como compulsão à repetição em sua “vida”. Ana começou três faculdades dando um passo à frente, mas em seguida deu um passo para trás desistindo, interrompendo os cursos. Ela já tentou e quase se matou várias vezes se cortando e automedicando, todavia, algo sempre a impediu de passar ao ato propriamente. Ora Ana escrevia que queria lutar, não desistir da sua vida, ora que queria desistir da vida, de que ela não tinha *remédio*. Ela fica no movimento de vida-morte, de morte-vida, de desistir e não desistir.

A letra de gozo é uma letra crua que não desliza, não faz cadeia, ou seja, “o deslizamento do sujeito na cadeia não se cumprindo, algo para, é gelificado, paralisado, faltando espaço para a emergência do sujeito” (Guerra, Nicolau, 2012, p.5). A letra habita o campo do Real, do impossível de dizer, é o não reconhecido, o inominável. A letra de gozo é uma letra que não se lê, como diz Lacan trata hieróglifos que ainda não se sabe ler, isto é, “não a ler”, pois é um escrito indecifrável (Guerra, Nicolau, 2012). Retornando

no caso Ana, as marcas de letra de gozo, podemos dizer que são o milagre-graça dos pais e são o próprio sacrifício que cravam em seu ser.

O milagre<sup>19</sup>/a graça dos pais inscreve no corpo de Ana como letra de gozo, ela não se sente reconhecida em tal milagre, isto é, de que esse faz parte da sua vida. Em outras palavras, ela não se sente incluída e tampouco a altura deste milagre advindo da santa, da reza dos pais, do Outro. Como efeito, ela ocupa a posição de nadificada, de não existir enquanto sujeito desejante. Como Ana é o milagre do Outro, ela fica na posição de passividade, isto é, deixando sua vida nas mãos do outro/Outro de que este a ampare, ajude, lute por ela, conseqüentemente produzindo uma paralização diante do Outro e pequeno outro e da sua própria vida. Neste sentido, Ana muitas vezes escrevia que ficava sem reação, em silêncio diante de falas desagradáveis e depreciações do seu semelhante. Ela ficava na espera de que alguém interviesse, falasse, gritasse, fizesse pontuação por ela.

Outra letra de gozo no caso Ana é o sacrifício que faz cifra no corpo dela. Ela é o próprio sacrifício, a libra de carne<sup>20</sup>. Ela trabalhava muito na fábrica dos pais mas não se fazia reconhecida, não cobrava/perturbava os pais com relação ao pagamento pelo seu trabalho. Pelo contrário, sentia que tinha que ajudar e ajudar mais e mais, nada era suficiente, não há limite, uma barra. Efeito disto é que Ana se colocava na posição de submissão e de aprisionamento ao desejo do Outro, ocorrendo seu apagamento, não existência, perda de si. Além do que, quanto mais ela ajudava, se doava aos pais, menos ela era reconhecida por esses, afinal, esses não conseguiam escutá-la, lê-la.

---

<sup>19</sup> Silva (2019) discorre em seu livro “Os milagres da taumaturgia ao cuidado” que a palavra milagre tem significados diversos: de mistério, de silenciamento, de obra de um ser poderoso (Deus...) sobre um sujeito acamado, impotente, vulnerável, moribundo. No decorrer do livro, há uma passagem interessante a partir do evangelho Marcos, que articula o milagre ao poder e a debilidade; a posição débil diante do Outro. Trazendo o exemplo, de que Jesus, cujo Deus seu pai atribui a ele a função de operar o milagre, salvar, curar as pessoas enfermas e até mesmo dada como morta, ressuscitando-as, entretanto, ele foi incapaz de salvar a si mesmo, pois, morreu pregado na cruz.

<sup>20</sup> Aquilo que não é metaforizado, como pedaço de corpo não significantizado, ou seja, diz do real e do gozo (Guerra, Nicolau, 2012).

Após apresentar o caso Ana, alguns de seus significantes e marcas da sua singularidade, adentrarei na dinâmica da transferência por meio da escrita.

### **Capítulo 3: Transferência por escrito: excesso, resto e hiências**

*O que não podemos alcançar voando, podemos alcançar mancando.*

*Freud, Além do princípio do prazer*

Este capítulo busca abordar a transferência de amor ao desejo de saber e como manifestação do inconsciente. *A posteriori*, narrarei como a dinâmica da transferência por meio da escrita foi sendo tecida entre a analista e Ana a partir do tempo lógico ver, compreender e concluir.

#### **3.1. Transferência: de amor ao desejo de saber**

*A gente corre o risco de chorar um pouco quando se deixa cativar*

*O amor verdadeiro começa lá onde não se espera mais nada em troca [...]*

*Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos*

*O pequeno príncipe, Antoine de Saint-Exupéry*

A transferência inicia com a construção de um enlace entre analisante-analista. O enlace é a condição fundamental para que o (a) paciente possa abrir sua caixinha íntima e queira falar do seu amor, do desamor, daquilo que lhe perturba e busque desvelar o que está acontecendo com ele - do porquê do seu sintoma/sofrimento. O enlace inicial, isto é, a ligação especial com o (a) analista (Freud, 1916/1915/96), somente se estabelece quando o (a) analisante captura um traço ou qualquer significante (Lacan, 1960-61/2010) pelo qual o/a analista é identificado (a) com uma pessoa do passado, com o pequeno outro que fez/faz parte da sua história, como por exemplo, o timbre da voz, a feição, de como fala ou escreve e entre outros significantes.

No começo da transferência está o amor, a transferência é a transferência de amor (Freud 1915/2020; Lacan, 1960-61/2010). O amor aqui diz da ilusão de completude, do buscar no Outro, neste caso, na (o) analista pela parte que lhe falta. Neste momento, o analisante reedita e repete clichês estereotípicos inconscientes como o modo como ele (a) foi amado, investido libidinalmente pelo outro-semelhante, ou seja, os velhos traços-marcas, o amor infantil/edipiano (Freud, 1912b/2020), bem como a experiência traumática e aquilo que não foi elaborado com (o) a analista.

Em *Lembrar, repetir e perlaborar*, Freud (1914/2020) destaca que a transferência opera ao mesmo tempo como o motor, o que movimenta e faz caminhar a análise é como a mais forte resistência<sup>21</sup>, ou seja, como pedra no caminho que insiste em continuar e que produz rompimento na associação livre, assim travando o andamento do trabalho psicanalítico, que deve ser manejado pelo analista. Com relação ao manejo, Lacan (1958/1998), em seu texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, nos diz que o psicanalista dirige o tratamento e não o analisando.

Para Lacan (1964/1988) a transferência não é só repetição de afetos, de impulsos, do drama edipiano mas, também, a passagem do amor ao saber endereçada ao analista, vinculada ao sujeito suposto saber, instaurando o primeiro tempo da transferência<sup>22</sup>. O

---

<sup>21</sup> Em *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, Lacan expõe que a resistência não é só do paciente. Mas, que a resistência é do (a) analista (Lacan, 1964/1988) e pode ensurdecer a sua escuta clínica, conseqüentemente, impedindo o avanço do tratamento analítico. Pois, do lado do analisante constitui material de trabalho e que o (a) analista precisa saber manobrá-la. Ainda sobre a resistência do (a) analista, não devemos vê-la tão somente pela lupa negativa, mas, uma forma de pôr o/analista a trabalho na sua análise e supervisão, a interrogá-la, conseqüentemente, produzir um saber-fazer. Mas, para isso, é importante o/a psicanalista reconhecê-la, em vez de escondê-la por debaixo do tapete.

<sup>22</sup> Mauro Mendes (8-23/03/2022) descreve os três tempos da transferência. O primeiro tempo, trata do reconhecimento do sujeito ao dizer sim ao significante, em consentir com a demanda de uma análise. Aqui, podemos dizer, é o momento em que o (a) paciente desloca da queixa para a demanda de uma análise, bem como ele (a) fica enganchado na posição de amado, de supor que o Outro sabe sobre si. O segundo tempo, refere-se ir além da transferência imaginária, ou seja, implica o deslocamento do lugar de amado para amante, com isso, autentifica uma perda do objeto que era visado pela demanda, ou seja, ocorre a transformação da demanda em desejo é agenciada pelo desejo do (a) analista. O terceiro dizer sim, é quando o analisando (a) decide investir no que surge da perda do objeto como condição para ir adiante.

A psicanalista Alba Flesler (2012) pensa a transferência a partir do nó Borromeano: Real, Imaginário e Simbólico. Neste sentido, a transferência é construída pelo movimento de (des) enlace entre RSI e cabe ao (a) psicanalista localizar, reconhecer qual o/os tempo (s) do sujeito (Real, imaginário e simbólico) para

paciente supõe que o psicanalista porta a resposta, um saber sobre seu sintoma, inibição, angústia, sofrimento, o salve do perturbador, do traumático, lhe diga o que tem que ser feito, oriente-o. Essas são demandas de “querer ser amado” (Lacan, 1964/1988, p.239), esse amor está no campo imaginário, do narcisismo.

A esse respeito da demanda de amor, Elias (1999) afirma que:

A primeira resposta do sujeito a esta convocação do significante é fantasmática, e se configura como demanda de amor. Na análise, o amor de transferência é a resposta do sujeito às incidências do significante inoculadas pelo desejo do analista, e sabemos desde Freud que esta resposta é resistencial (“a transferência surge porque *serve* à resistência” dirá Freud, 1912/1969, p.138). Mas a resistência faz parte da análise e só a análise, via transferência, poderá promover a operação pela qual o sujeito virá a dar-se conta de que ama (alguém) e pede amor (a alguém) para não se entregar à sua condição de sujeito do desejo, assujeitado ao significante inconsciente que determina este desejo, apenas porque não é capaz de designá-lo.

O sujeito suposto saber é uma função, o analista faz semblante, de modo advertido, e ocupa o lugar de causa de desejo do analisante, porque o analista, como Sócrates, sabe que o amor não visa a completude dos corpos e sim, é constituído pela falta, “é dar o que não se tem”, a falta, o vazio (Lacan, 1960-61/2010, p. 49). Esta função acontece na medida em que o analista não responde a demanda de amor que lhe é endereçada, pondo-a a trabalho, fazendo furo, colocando um enigma e possibilitando, deste modo, a ascensão da transferência imaginária para a simbólica (Silveira, 2018).

Resumindo, o psicanalista deve ocupar a posição de causa de desejo para que o sujeito se desloque da posição de amado para amante (Lacan, 1960-61), “caminhar do amor ao desejo” (Kuss, 2014, p.48), para que assim possa vir à tona o saber do analisando e que este possa se perguntar acerca do seu próprio mal-estar. Desta forma, possibilitar a entrada do segundo tempo da transferência requer que o analisante tenha curiosidade de

---

realizar a operação clínica. Ou seja, manobrar com as cordinhas de barbantes (RSI) e fazer suporte do Real, simbólico e imaginário. A mesma autora, continua, “a transferência depende de uma série de operações as quais não há estabelecimento da transferência. Em segundo lugar, tais operações, por sua vez, abarcam tempos, tempos de trânsito, que vão do atual da infância ao infantil fantástico do adulto” (p. 141).

querer saber sobre si, do seu inconsciente, como cita Lacan (1960-61) a partir de Sócrates, que queira ocupar de tua alma e busque a verdade do porquê do seu sofrimento, entregue a livre associação, bem como queria se escutar e olhar para si. Atribuir ao psicanalista o saber sobre si é um erro subjetivo, porque quem porta o saber é o paciente, por ser um saber inconsciente próprio e singular. Por último, podemos pensar o terceiro tempo da transferência como a sustentação da questão elaborada no segundo tempo que implica um *savoir-faire* (saber-fazer) com o sintoma, ou seja, uma invenção, uma criação (Lacan, 1975-76).

### **3.2. Transferência, inconsciente**

A transferência está vinculada com a manifestação do inconsciente pela via do ato falho, lapso, sonho, chiste, sintoma (Freud, 1915b/1980), bem como da equivocidade, do mal-entendido, da sua descontinuação, de sua hiância, do tropeço, que diz algo singular de cada sujeito. Para Freud, o inconsciente trata-se, também, da repetição de clichês estereotípicos: afetos e experiências recalcados com o analista (Freud, 1912b, 2020). Por vez, Lacan dirá que “a transferência é a atualização da realidade do inconsciente” (p.138, 1964), da edição do fantasma.

A realidade do inconsciente é sexual e diz respeito da pulsação do inconsciente, dos efeitos do significante sobre o sujeito, “nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante” (Lacan, 1964, p.122). A atualização da realidade inconsciente atrelada aos significantes implica a articulação e o deslizamento de significantes S1, S2...

O inconsciente é estruturado como linguagem e é o discurso do Outro (Lacan, 1964), “a linguagem indica como o sujeito se constitui em relação ao Outro” (Rosa, 2009, p.26). Sabe-se que, anterior a constituição subjetiva do sujeito, bem antes mesmo do seu

nascimento, ele já é falado pelo discurso do Outro encarnado pelo pequeno outro, vai inscrevendo significantes, marcas, restos no seu corpo. Na transferência o sujeito atualiza seu inconsciente com o analista, seu infantil, sua posição com o Outro, como afirma Lacan (1998), o sujeito sob transferência exprime seu inconsciente como:

O capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada; na maioria das vezes, já está escrita em outro lugar. Qual seja:

- nos monumentos: e esse é meu corpo, isto é, o núcleo histérico da neurose em que o sintoma histérico mostra a estrutura de uma linguagem e se decifra como uma inscrição que, uma vez recolhida, pode ser destruída sem perda grave;
- nos documentos de arquivos, igualmente: e esses são lembranças de minha infância, tão impenetráveis quanto eles, quando não lhes conheço a procedência;
- na evolução semântica: e isso corresponde ao estoque e às acepções do vocabulário que me é particular, bem como ao estilo de minha vida e a meu caráter;
- nas tradições também, ou seja, nas lendas que sob forma heroicizada veiculam minha história;
- nos vestígios, enfim, que conservam inevitavelmente as distorções exigidas pela reinserção do capítulo adulterado nos capítulos que o enquadram, e cujo sentido minha exegese restabelecerá (p. 259).

Ainda sobre o Outro, Lacan (1964) salienta que: “Ora, o discurso do Outro, que se trata de realizar, o do inconsciente, ele não está do lado de fora. É ele que, pela boca do analista, apela à reabertura do postigo” (p. 126).

Esse postigo interessa ao analista e diz sobre o acesso do que se esconde, daquilo que o sujeito fala baixo e quase some, fica perdido na sua fala, do suspiro, dos tropeços, da equivocação. Escutar os perdidos/escondidos do analisando implica a presença do analista com sua atenção flutuante e seu inconsciente, visto que na transferência está incluído, juntos, o sujeito e o psicanalista. Todavia, a posição do analista é de uma disparidade subjetiva (Lacan, 1960-61), não é de pé de igualdade.

O psicanalista fala a partir do significante do paciente que lhe é endereçado, bem como tece outro significante para que possibilite o movimento na cadeia de significante do analisando. Nesta direção, Marques (18/03/2022) aborda que “na relação

transferencial se estabelece numa troca entre inconscientes, de forma que o analista se deixa tocar por aquilo que atravessa o inconsciente de seu analisante” (p. 4).

Até aqui vimos o inconsciente como simbólico, articulado com os significantes (S1-S2), em que um significante representa o sujeito para outro significante. Todavia, o simbólico esbarra no limite da significação, porta um furo, há uma impossibilidade de articular tudo pela via do significante, assim adentrando no campo do Real-impossível, inominável, indizível. Neste contexto, Lacan, a partir da década de 1970, realizou uma virada a respeito do inconsciente pensando-o para além do estruturado como uma linguagem, mas, também, como letra desvencilhada de sentido no campo do Real (Lacan, 1973-74/2018), “letrificado em S1s desencadeados, constituindo-se constelação de insígnias, signos do gozo” (Cordeiro; Luchina, 2017, p.12), que não cessa de se inscrever.

Mais adiante, com a topologia do nó Borromeano, Lacan apresenta o inconsciente como nó: Real ex-sistência (fora-dentro), o que está fora de toda e qualquer significação, o simbólico que faz furo no real insistindo em uma significação, o imaginário refere-se à consistência da imagem corporal (Lacan, 1974-75). Sobre isso, o psicanalista diz:

(...) existem três dimensões do espaço habitado pelo ser falante, e essas três dimensões do dito, tal como as escrevo, se chamam o Simbólico, o Imaginário e o Real. (...) é porque se trata de um espaço meu, tal como defino por essas três dimensões do dito, é um espaço cujos pontos são determinados de forma muito diferente(...) chamei de meus anéis de barbante. (...). Sabendo que se vocês tirarem qualquer parte, qualquer um desses anéis de barbante, vocês verão que existe um ponto, um ponto que está em algum lugar, onde os três se prendem. É um pouco diferente de tudo o que foi elucubrado até agora pelo more geométrico, porque isto exige que haja três anéis, três voltas de barbante, algo de uma consistência diferente para esse vazio com que se opera no espaço; são precisos três (...) (Lacan, 1973-1974/2018, p.16-17).

Resumindo, na transferência escuta, lê o inconsciente do sujeito, seus significantes, sua posição diante do Outro, sua fantasia, sua relação com o desejo e o

gozo. O sujeito exprime seu inconsciente através da fala<sup>23</sup>, da palavra sendo a única regra fundamental do tratamento analítico, sendo a fala o suporte para a transferência (Lacan, (1960-61/1992, p. 175).

Neste sentido, Lacan (1998) destaca que o único material que o psicanalista dispõe é a linguagem, isto é, a fala do analisando. A respeito disto, o autor afirma que “toda fala pede uma resposta. Mostraremos que não há fala sem resposta, mesmo que depare apenas com o silêncio, desde que ela tenha um ouvinte, e que é esse o cerne de sua função na análise” (pp. 247-248). Neste contexto, retomo alguns questionamentos realizados na introdução desta pesquisa: será que a fala, a palavra, é mesmo o único material que o psicanalista dispõe para operar o tratamento analítico? Pode haver transferência psicanalítica onde não há fala, palavra, mas sim, letras-escritas? Como fica a transferência por meio da escrita? Neste contexto, narrarei como a dinâmica da transferência por meio da escrita foi se operando entre eu (analista) e Ana, através do movimento de (des) construção e a partir dos três tempos em Lacan (1945/1998): o instante de ver como o tempo da surpresa, do estranhamento, da topada com o Real, do incompreensível, do inquietante; o tempo de compreender, quer dizer, da ressignificação da história/experiência, de questionamento e construção de uma hipótese ou leitura de caso clínico/determinada experiência e, por último; o tempo para concluir, sendo similar ao ato analítico e que produz ruptura na cadeia de significante do sujeito que insiste repetir.

### **3.3. O tempo de ver: o mergulho, o afogamento nos primeiros atendimentos por meio da escrita**

---

<sup>23</sup> Lacan (1998), em *Função e campo da palavra* nos diz que a fala [...] é o mundo da palavra que cria o mundo das coisas (p.141) ... é a fala presente que testemunha a realidade atual e que a funda. Ora, nesta realidade somente a fala dá testemunho desta parte das potências do passado que foi afastada em cada cruzamento onde o acontecimento escolheu (p. 120).

*Tenho que dar o mergulho de uma só vez, mergulho que abrange a compreensão e sobretudo a incompreensão. E quem sou eu para ousar pensar? Devo é entregar-me. Como se faz? Sei, porém, que só andando é que se sabe andar e-milagre-se anda*  
*Lispector, Água viva*

As primeiras sessões por meio da escrita com Ana foram bem estranhas, pensar e atender uma paciente sem a presença de imagem, feição, sobretudo da fala em uma técnica (a psicanálise) que foi criada e é reconhecida pela cura através da fala, pois o único material oferecido pela analisante eram as palavras escritas. Neste contexto, me senti na terra de ninguém e situada no tempo de ver de Lacan diante da estrangeira “clínica por escrito”, afinal, era uma práxis nova, desconhecida. O estrangeiro me assombra, gera angústia (Freud, 1856-1939/2020), mas, também, desperta curiosidade. Para Lacan (1962-1963/2005), no início de uma prática o analista em (des) construção experimenta nos seus encontros com o paciente uma certa angústia e é impossível escapar dela, “graças a Deus que por mais que apresente uma ótima disposição para ser analista, ele sinta, desde suas primeiras relações com o doente no divã, uma certa angústia” (Lacan, 1962-1963/2005 p.13).

Os primeiros atendimentos foram atravessados por perguntas, como escutar/ler por escrito, ou seja, o que destacar, sublinhar, devolver por meio da escrita para Ana. Pois, segundo Lacan (1998), em *Função e campo da linguagem*, “toda fala pede uma resposta” (p.247). Mas, como responder por escrito?

Na primeira sessão Ana escreveu que gosta de escrever e que a escrita possibilita certo alívio da sua dor e da sua angústia, isto é, tem função de escoamento. Nesta primeira sessão observei, também, que foi pelas palavras escritas (carta que joga no lixo aos olhos da mãe) que Ana pode contar para os pais sobre a história de horror do abuso sexual, do insuportável, bem como a escrita para esta jovem parece que tem a função de fazer laço com o outro/Outro e notei que ela estava bem angustiada, com ideias suicidas (eu fiquei

com receio de acontecer algo - passagem ao ato), assim, diante disso tudo e juntando com o atendimento por escrito, eu propus a Ana que quando estivesse angustiada poderia me escrever e enviar o texto antes da sessão, por e-mail.

Ana me enviou só um texto carta por e-mail e os demais foram enviados pelo WhatsApp. Os textos enviados fora das sessões e pelo WhatsApp geralmente consistiam em textos longos, detalhados e alguns continham certa elaboração. Por vez, o seu texto carta é avesso a carta roubada de Poe, pois “sabe<sup>24</sup>” o conteúdo da carta, trata-se de um texto de despedida endereçado aos pais, mas que não chega ao destino, ficando guardada na gaveta por aproximadamente cinco anos. Ana abre tal gaveta onde se encontrava a carta após o término do segundo atendimento por meio da escrita, endereçando-a para meu e-mail. Diante do recebimento da carta escrevi para Ana questionando se ela gostaria de conversar sobre o conteúdo na próxima sessão, mas Ana não escreveu a respeito da carta em nenhuma das sessões *a posteriori*. Qual mensagem Ana quis transmitir ao me endereçar com esta carta? Parece que Ana enviou esta carta como “garrafas ao mar”, mas como recolhê-las? Como alcançar essas cartas extraviadas? De quais formas devem ser lidas? ” (Cesar, 2019, pp23-24).

A forma como Ana escrevia, sobretudo a respeito da história do abuso sexual, da sua dor imensurada, infinita e como sendo “o osso nu e cru do deserto do real” (Guerra, 2009-2010, p.34) que a paralisava, caracterizavam por ser relatos detalhados, me questionei o que poderia dizer a Ana a respeito da sua dor imensa, sobre seu excesso e seu desespero o qual ressoava, também, no meu corpo. Por alguns minutos faltaram-me as palavras/as

---

<sup>24</sup> O conteúdo da carta de Ana gira em torno de relatar sobre sua dor, mas o que me chamou a atenção na leitura da carta, foi a repetição da frase de que os pais “não têm culpa” pelo ocorrido (abuso sexual) e de quem é culpado foi o abusador. Diante disto, recordei, como vimos no capítulo dois que Ana sentia certa raiva pelos pais por eles terem insistido *tanto* por ela sobreviver (foi dada como morta pelo médico), pois, se eles não tivessem lutado, ela não teria passado por tantas violências. Contudo, ela escrevia que não podia sentir este afeto pelos pais, porque eles fizeram tudo por ela. “A salvou da morte”. Era curioso que Ana quase não escrevia sobre os pais, quando escrevia, era em um tom de uma descrição sem furo, ou seja, uma narrativa idealizada, como por exemplo que eles são maravilhosos.

letras, sentia-me sem recurso e comovida ao escutar sua história habitada por excesso-resto, por tamanha dor, a qual eu sentia que precisava dizer algo, acolher sua dor, sua angústia, assim, a frase que emergiu foi “me escreva mais sobre sua dor”, para que ela continuasse a escrever. Saía do atendimento comovida, sugada, cansada, tombada, o dia em que atendia ela quase não conseguia realizar minhas outras atividades.

Lembrei da minha experiência na Residência Multiprofissional em um Ambulatório com crianças vítimas de violência sexual, no começo saía dos atendimentos bem afetada, pois era doído escutar as crianças vítimas de violência sexual, o insuportável, mas, ao mesmo tempo, pensava que aquelas crianças precisavam que alguém suportasse escutá-las, isso me motivou a não retroceder ao inominável - violência sexual - e ir “para adiante” (Peusner, 2016, p.7), isto é, a querer continuar a escutar tais crianças que iam naquele ambulatório. Portanto, a experiência no ambulatório com crianças vítimas de violência sexual me moveu a querer persistir a ler/escutar Ana pelo estranho-enigmático atendimento por escrito.

Era uma escuta acompanhada de dúvidas e de receios com relação a competência em conseguir escutá-la/lê-la e de manejar o atendimento por escrito. Mas, mesmo assim, de forma imperfeita-manca, sentindo uma principiante, me colocava à disposição de Ana para escutá-la, ser como o rio para escoar seus excessos ou o depósito dos seus destroços. Sentia na posição de depósito “como se fosse “nada”, mas o depósito também é um receptáculo, “um continente onde o sujeito deposita em segurança os seus próprios desperdícios rejeitados” (Florido, p. 249). As primeiras escuta-leituras pareciam que o pedido de Ana era de que alguém suportasse escutá-la, ou seja, escutar e ler seu excesso, resto, o insuportável, o qual seu entorno não conseguia suportar Ana dizer sobre o mesmo e seu semelhante a pedia para *mudar de foco*. Diante disto, me fiz função de ser depósito-

borda para escoar sua angústia e sempre me questionava como escutá-la/lê-la clinicamente por meio da escrita, pois ainda parecia nebuloso.

Diante de tudo o que foi dito e como síntese, nos primeiros atendimentos por meio da escrita com Ana fiquei bem sensibilizada, tocada com a história e afetada com relação ao seu excesso e resto que ressoaram no meu corpo e no campo transferencial, era como se eu estivesse no tempo de “afogamento”, como disse Sofio (2014) a respeito das primeiras experiências com pacientes das UTIs, “eu tomara conhecimento da importância de não me “afogar no campo”, mas ainda estava muito impactada: a UTI era *dentro de mim*” (Sofio, 2014, p. 44). No caso desta dissertação, Ana parecia estar dentro de mim, visto que, muitas vezes, após o término das sessões, eu sentia o resquício da sua escrita fazendo eco em mim, isto é, fragmentos da sua escrita continuavam bem vivos, presentes<sup>25</sup> na minha memória. Sabe-se que alguns casos nos comovem mais que outros mas, ao mesmo tempo, eu ficava preocupada com esse afetamento a ponto de me sentir culpada por me deixar afetar, como “se não pudesse sentir”, pois, como Sofio, eu também tinha conhecimento de não me “afogar no campo transferencial” (Sofia, p.44). Freud (1912a/2020), em seu texto *Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico*, sublinha que cabe ao analista a reserva da alma, a abstinência, o autor também apresenta uma metáfora de que o psicanalista deve tomar como exemplo o cirurgião que “coloca de lado todos os seus afetos e até a sua compaixão humana e estabelece um único objetivo para as suas forças psíquicas: realizar a operação o mais perfeitamente possível” (p.98). Sobre esta colocação de Freud, Lacan a nomeia como disparidade subjetiva. Claro que a abstinência/disparidade da subjetividade é fundamental para o tratamento acontecer e possibilitar a escuta na entrelinha, isto é, ler o mais no texto do paciente, entretanto, será

---

<sup>25</sup>Gomes na sua dissertação de mestrado *O traumático na clínica de família: uma investigação sobre vínculos violentos*, reconta sua experiência com casos atravessados pela questão da violência intrafamiliar na Clínica Psicológica e em um Hospital, em que alguns casos apresentaram características que a mobilizou de modo peculiar, assim, ela sentiu tombada pela experiência.

que a abstinência/disparidade da subjetividade e sua função de causa de objeto a ocorre pela lógica do todo, ou seja, de modo constante e sem pausa, tropeço/mancada?

Fiquei afetada, mas, ao mesmo tempo, foi preciso manejar a afetação transferencial que emergia nos encontros por escrito com Ana, isto é, desafetar um pouco, esvaziar o excesso de Ana que transbordava sobre meu corpo através de supervisão e análise pessoal para poder escutá-la/ lê-la. Neste tempo, o trabalho com Ana ocorreu entre afogar (fort) - desafogar (da). Muitas vezes eu caía na “armadilha” de sair da cena-função de analista e quando percebia já estava dentro, logo, era preciso sair para continuar a ir adiante. Frente a isso, me questioneei o que há em Ana que me sensibilizou, tocou, instigou tanto e colocou a analista (eu) em risco de sair, e algumas vezes saí, da função de analista. Diante disto, penso que seja, sobretudo, decorrente de considerar o caso Ana como a metáfora de Vidas secas, vida crua-nua. Ou seja, Ana evoca a metáfora do “povo do nevoeiro” atribuída pela psicanalista Fátima Florido (2019). O povo do nevoeiro “são pacientes desesperados em agitação ensandecida ou refêns da imobilidade, desesperançados, desvitalizados, que nos impõem em nossa própria carne sua dor de não viver, implicando-nos em seu emaranhado de névoa, vazio, dias sombrios, noites insones” (César, 2019, p.23).

Nestes casos, muitas vezes, é preciso atravessar o rio com o paciente, mas é preciso saber voltar para escutar seus não-ditos. Neste sentido, Sofio (2014) comenta que “o analista deve ser permeável ao campo proposto pelo paciente, permitindo-se ser invadido pelo campo transferencial, mas não permanecendo invadido pelas questões do paciente. É o que estou buscando” (Sofio,2014). Eu busquei, no tempo que atendia Ana (o desafogar na supervisão, análise pessoal) ir adiante com a leitura/escuta, deste modo, podendo caminhar para o tempo de compreender.

Não consegui muito bem identificar qual transferência por escrito estava operando, mas havia uma transferência inicial, penso que seja pela captura de um traço, de um significante retirado do meu mini currículo encontrado na internet a respeito da minha experiência com crianças vítimas de violência sexual. Ou seja, suponho que Ana foi fisgada pelo significante “experiência com crianças vítimas de violência sexual”, sendo a analista que poderia escutar/ler o pior, o insuportável. Ela escrevia que não conseguia falar sobre as violências e os pensamentos de se machucar se fosse *cara a cara*. Neste sentido, era como se a escrita ocupasse o lugar de escrever (de falar pessoalmente) aquilo que é insuportável de dizer em palavras e ela me escrevia que sentia confiança em mim para “abrir sua caixinha íntima”, escrever sobre o que aflige, sobre as tormentas, isto é, Ana começava a abrir suas gavetas soterradas e na maioria dos atendimentos ela agradecia por escutá-la, deste modo apontando para o início da construção de um enlace entre Ana-analista (eu).

Segue fragmentos sobre isso:

*Mas sinto que com você eu posso falar sobre isso (querer se machucar) que não vou ser julgada. Com as outras terapeutas eu nunca consegui falar, talvez por estar "cara a cara" [...]muita obrigada por me ouvir[...]*

Nos primeiros atendimentos por escrito era desafiador como responder, como escrever, o que devolver<sup>26</sup>, quando era hora de escrever e quando era hora de ficar em silêncio, se copiava alguns trechos do escrito e de que forma iria ler as aspas e os *emojis* de tristeza, choro, horror, de susto, de agradecimento, que eram comuns na escrita de Ana.

Optei por intervir com poucas palavras, pois me preocupava a questão de não ver suas reações e nem escutar o timbre da sua voz. São a voz, as expressões do sujeito, que

---

dão certas notícias de como o analisando está reagindo com as intervenções do analista. Devido Ana ser bem invadida pelo gozo do Outro, bem como pelo seu excesso e angústia, respondia a partir das suas próprias palavras, frases, com pontuações leves, transformando frase afirmativa em interrogação, pelo estranhamento, como por exemplo quando ela escreveu que trabalhava na fábrica do pai muito e, muitas vezes, não recebia pagamento, indaguei: “como assim, você trabalha e não recebe?”.

Observei que, em alguns momentos, essa jovem escrevia frases curtas (de aproximadamente duas linhas) e não desenvolvia e ficava em silêncio, dando a impressão que faltava um complemento, isto é, de uma lacuna na sua escrita, dessa forma eu pedia para ela continuar a escrever mais. Como já vimos, Ana colocava aspas em certas palavras, entretanto, era sempre com palavras diferentes. Nos atendimentos com Ana e na supervisão dos casos da minha clínica, tais aspas passaram “despercebidas”, não foi um ponto que despertou curiosidade tanto minha quanto da supervisora, talvez por ser a nossa primeira experiência com atendimento clínico por meio da escrita. Todavia, só depois, em torno de quase dois meses de atendimento com Ana, na disciplina do mestrado ministrado pelo meu orientador em que levei o caso Ana, isto é, li fragmento da sua escrita, meu orientador atentou para as aspas, deixando em mim uma pulga atrás da orelha, uma curiosidade. A partir disto, quando Ana escrevia e apresentava algumas aspas, alguns vezes, não sabendo muito bem como usar as aspas, devolvia a palavra com aspas para Ana em formato de interrogação. Vejamos:

Ana: [...] parece que todas as outras vezes que eu estava "em pedacinhos" eu dava um jeito de "colar" esses pedaços, mas estou cansada de ficar colando e colando e cada vez que quebra, quebra em pedaços menores [...]E cada vez fica mais difícil de "colar" esses pedaços [...] Analista: "colar"?

Nas primeiras sessões acontecia uma dificuldade de manejar o tempo, pois o tempo se excedia e quando eu percebia já era mais de uma hora, um tempo experimentado como perda da noção do tempo e eterno. Sabe-se que o tempo em psicanálise não é o tempo do tic-tac do relógio, é o tempo do sujeito, sendo atemporal-lógico/variável e que possibilita o fechamento da sessão analítica. Portanto, uma sessão pode durar 30, 40 minutos, uma hora, isso vai depender de cada caso e da trama do discurso do paciente. Contudo, no atendimento por meio da escrita percebe-se que porta marcas distintas do atendimento em que a presença fala. Ocorre em dois momentos, há um tempo da escrita de Ana e de espera da analista e *a posteriori*, eu lia e extraía o que devolver para ela através da escrita. Uma escuta (atenção flutuante) que acontece na leitura da fala escrita de Ana.

Para Silveira (2018) “a escuta pela escrita é vista como experiência temporal dentro de um texto que se seguia com narrações atemporais, um exercício de paciência, pois era preciso saber esperar” (p.81). O fato de não saber muito bem o que destacar para encerrar a sessão, principalmente no início do tratamento, corroborou para o tempo “eterno” das sessões com Ana. No atendimento presencial ou online com a presença da voz, com o corpo físico, geralmente o encerramento do atendimento ocorre pela trama do discurso, pela equivocação, deslize da palavra, suspiro, reação corporal, no atendimento por escrito não tem este ponto de basta para fechar a sessão. Segundo

Quinet (2002), o tempo de corte da sessão para Lacan desde 1953 é orientado pela palavra do paciente, pelo seu inconsciente, pelos tropeços, isto é, a suspensão da sessão não é pelo tempo do relógio, mas a partir da trama do discurso do analisante. Neste sentido, Fingermann (2009) diz que “O tempo lógico é o tempo do inconsciente”. Em Lacan não se trata de se ter um compromisso com um tempo curto de duração das sessões, existem sessões de duração curtas ou longas, o tempo de duração não é fixo e não se conta em

minutos, deve ser “contado” pelos cortes no discurso propiciados pelo analista. O fechamento da sessão ocorre pela via do “momento oportuno” (Fingermann, 2009, p.60).

Em resumo, o tempo na clínica não se conta por minutos, por horas, mas a partir dos cortes no discurso do analisante, isto é, do deslize, do tropeço, da equivocação da sua fala. Todavia, Ana raramente se deixava vacilar e equivocar na grafia e quando cometia um erro na escrita, logo corrigia, tal raridade de equívoco na escrita poderia tratar de erros do próprio corretor/digitação. Neste contexto, não dava para dizer se tratava de ato falho, precisava escutar mais o caso. Sabe-se que o ato falho depende também do analista ler aquilo como ato falho e naquele momento diante das difíceis equivocções de Ana, eu não conseguia ler como ato falho.

#### **3.4. Compreender para: do afogamento às (re) construções possíveis sobre o manejo transferencial por meio da escrita**

*Procuro o sopro da palavra que dá vida aos sussurros*

*Lispector, um sopro de vida*

Vimos, no tempo de ver, que eu propus à Ana que ela poderia enviar textos para meu e-mail, todavia, ela enviou somente um texto e passou a enviar os demais escritos pelo WhatsApp. Seus escritos eram com marcas mais acentuadas de angústia, textos longos, portavam certa elaboração, às vezes mandava textos curtos contidos, ou perguntas que davam notícias que ela poderia esperar o tempo da sua sessão para conversar sobre determinado assunto. Eu percebia que, muitas vezes, o acolhimento das mensagens pelo WhatsApp estava tornando-se quase uma sessão. Isso me evocava inquietação e questionamento sobre como manobrar seus textos fora do horário de consulta, sem virar ali uma sessão e preservar minha função de analista. Em outras palavras, me questionava como manejar a transferência fora da sessão e reposicionar enquanto analista, que, no

começo, se colocou muito a disposição de Ana (dando abertura para enviar mensagem, sem fazer certo contrato, acolhendo-as fora da sessão, prontamente) e só no depois, no segundo momento, percebia que a porta estava muita aberta.

No decorrer do tempo observei que Ana não fazia pontuação diante da invasão do seu semelhante, se mantendo em silêncio, sua posição me lembrava a frase do livro *A metafísica dos tubos*, de Amélie Nothomb (1967/2003), “aquele que aceita tudo não vive mais que um orifício de pia” (pp.15-16). Neste contexto inquietante entre Ana-analista elaborei a partir de questionamentos e da supervisão clínica de que era “hora<sup>27</sup>” de começar a colocar uma dobradiça na porta aberta tanto por mim quanto na porta aberta de Ana para Outro/outro que ressoava no campo transferencial e convocava um manejo. A manobra transferencial ocorreu mediante a migração do aplicativo do WhatsApp para o Meet, demarcando uma diferença, ela poderia continuar me enviar textos, mas seria importante levá-los para suas sessões para serem trabalhados. A passagem para o meet buscou fazer função de borda, contorno, de instaurar o tempo de intervalo, de espera e como forma de tratar o excesso que habitava Ana. Sabe-se que, conforme Lacan (1962-63/2005), a angústia trata-se da falta do apoio da falta, a falta da falta, de barra, de intervalo diante daquilo que é demais, não há separação.

Nesta passagem também coloquei minha voz em jogo, passei a respondê-la pelo áudio e com certa “esperança” de que Ana pudesse consentir em oferecer sua voz, suas palavras faladas, porém, isso não aconteceu, a jovem continuou a falar por meio da escrita. Ana repetiu que não conseguia falar pelo áudio e não sabia dizer sobre o que lhe

---

<sup>27</sup> O deslocamento para outro aplicativo, hoje (após a interrupção dos atendimentos com Ana), talvez, considero, um “ato apressado”, ou seja, poderia ter esperado mais. Pois, ela trazia muitas coisas importantes fora da sessão como sonho (pesadelo- não leva para sessão) mas, não sabia muito bem como manejar os escritos fora da sessão, naquele momento. Como manobrar seus escritos fora da sessão para não virar uma sessão gratuita? Mas, também, era importante, começar a colocar certa dobradiça na porta aberta de Ana. Foi um ato, efeito no só-depois. Uma aposta. A clínica é o lugar da incerteza, do sem garantia, não há tempo/momento exato para o ato, mas momento oportuno.

impedia de falar pelo áudio (voz), apontando para algo da ordem do Real - insabido, inominável. Segue seu excerto: *Não sei, eu só não consigo. Eu tranquei uma faculdade que eu ia começar porque as aulas eram online e por vídeo, e isso pra mim é algo que existe uma barreira gigante.*

Ana escrevia, eu a esperava escrever, lia e respondia pelo áudio. A jovem continuou a enviar texto fora do horário da sessão, se no começo eu lia e respondia prontamente, passei a interrogar o que aquela angústia dizia e parecia apontar para a falta de barra, assim, passei a responder não prontamente (claro que quando percebia que estava muito angustiada respondia, busquei “avaliar o nível da angústia” pela escrita, o que dava para ela esperar/suportar), por exemplo, quando me enviava à noite respondia no outro dia, resultando em menor procura fora do horário marcado.

No capítulo dois vimos que a escrita de Ana, na maioria das sessões, girou em torno do repetir, recordar/reviver as cenas/histórias de abuso sexual como uma compulsão a repetição e aos sentimentos, sensações diante desta experiência, como a de se sentir um nada, um lixo, uma dor infinita no campo transferencial. Ela escrevia que estava lutando para sair do aprisionamento (como ir a atendimento psicológico), mas, ao mesmo tempo, não conseguia sair, sentia que era puxada, estava presa pelo/no passado, aprisionada naquela criança que foi abusada há vários anos, como uma asa presa no sótão citada pelo poeta Drummond de Andrade em *Bordão*<sup>28</sup> e sentia-se *num loop infinito, que eu não tenho solução, não tinha remédio*. Ainda, Ana diz:

---

<sup>28</sup> Em torno de um bordão organiza-se o espírito.

O bordão, seu poder e sua circunstância.

Nada ocorre de belo, nada ocorre de mal  
fora da sonoridade do bordão.

Repetir é viver e criar ressonâncias  
constringidas pelo muro de um jardim  
que não chega a florir e esparze cicatrizes  
de begônias violáceas em hora de sentir.

De sentir ou voltar à pauta do bordão, e asas presas no sótão ou no campo filmado? Que se escuta afinal ou não se escuta mais no pingar repetido, no vácuo prefixado de sempiterno bordão?

In: <https://www.tudoepoema.com.br/carlos-drummond-de-andrade-bordao/>

*Quando uma pessoa está com câncer terminal todos sabem que, infelizmente, não tem cura então o que é feito são os cuidados paliativos, para amenizar o sofrimento. Mas no meu caso eu não vejo saída nem com cuidados paliativos, eu só queria poder acabar de uma vez com essa dor.*

Ana ficava no movimento de repetir, recordar/reviver, de retornar a cena traumática, mas não conseguia passar para o tempo de elaboração, de construir saída, ficava no mesmo, parecia que ela não queria esquecer, assim sua escrita não deslizava, sendo o osso do tratamento. Percebia que produzia (des) movimento no campo transferencial e mesmo não tão tomada pela leitura do caso, como no tempo de ver, em alguns momentos escutando/lendo Ana, me sentia afetada e identificada com Ana, não via saída, me sentindo limitada com relação a manobra clínica, na posição de manca e de me sentir saindo da minha função de analista. Logo buscava retornar minha posição e fazer de causa de desejo, mobilizando a jovem a fazer circular sua escrita, através de pequenas pontuações leves, como transformando sua própria frase em tom afirmativo, fechado em uma interrogação e ela continuava a repetir o mesmo, eu continuava a abrir sua escrita, como no poema de Andrade (1967/2002): “no meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho” [...] (p.36). Aqui, passei a ler o caso junto com a supervisora pela clínica do trauma.

Diante da repetição, do vaivém na cena traumática, do movimento de ficar entre querer lutar e não lutar, de vida-morte, perguntei-me o que está por detrás e se Ana queria mudar/ser tratada analiticamente. Ana não consentia com sua voz no espaço de fala, isto é, a sessão clínica, que é para falar do difícil, do insuportável, todavia, ela falava com sua voz sobre essa mesma cena, história do abuso sexual, com seus semelhantes e era recebida com a sensação de que os incomodava e sugava por ficar falando a mesma coisa e esse movimento acabava por afastar as pessoas, pois tais pessoas não aguentam escutá-la,

pediam para mudar de foco. Claro que, também, transferia essa sensação de que estava me incomodando com a suas repetições.

Segue seu fragmento:

*Eu estou meio cansada de sentir que eu só falo de problema com as pessoas, que eu sou um peso, isso me cansa demais[...] Eu acho que ao invés de você estar perdendo o seu tempo comigo você poderia estar ajudando outras pessoas [...] Pode ser que algumas coisas que eu fale sejam pesadas para algumas pessoas, então isso acaba as machucando de alguma forma, seja por não "conseguir" falar nada (o que eu já escutei muito por sinal), seja por estar colocando esse peso sobre elas e elas não sabendo lidar com tudo.*

Percebemos então, com este recorte, que Ana repete, revive e atualiza a experiência traumática e sua relação com o outro e com a analista, ou seja, colocando-a na sua série psíquica (Freud,1912b/2020), ocorrendo uma transferência pela via rememoração-imaginária. Diante disto, acolhia e pedia para escrever mais a respeito do seu sentimento de incômodo, na tentativa de abrir sua escrita e ascender uma transferência simbólica em que ela pudesse produzir deslizamento de significantes.

Ana também repetia pela via da escrita de que ela e o irmão eram amigos, entretanto, eles se afastaram, porque segundo Ana *aconteceram algumas coisas extremamente sérias e os pais não acreditaram nela*, neste ponto sua escrita era interrompida, pausada, emergindo o silêncio ou a fala de que não conseguia escrever, bem como seria a última coisa que iria falar em voz alta, a escrita não deslizava. Certa vez Ana voltou a escrever sobre o irmão, sua escrita não ia adiante, desta vez foi suspensa pela crise de ansiedade, sentimento de tontura e formigamento na mão. Diante disso me pediu para passar alguma técnica para controlar a ansiedade. Fiquei agoniada diante de como acolher uma crise por meio do atendimento por escrito, quando não há escuta e nem visão das reações da paciente. Porém, precisava dizer algo, acolhê-la. Neste momento a internet caiu, mas logo

voltou. Então, ofereci a Ana minha presença, minha voz e Ana, aos poucos, foi aplacando a sua angústia e retornou a escrever.

Essa sensação foi tensa, pois me senti limitada em acolher sua crise de angústia diante de Ana oferecendo apenas a escrita como material de trabalho. Neste dia, após o término da sessão e mais tarde, entrei em contato com Ana para saber como ela estava.

Ela também me endereçava várias perguntas, a maioria no sentido do que ela deveria fazer frente o perturbador (traumático) e me convocando que a salve desta tormenta, que a oriente, ajude buscando uma validação e depositando um saber sobre si na analista, realizando, então, a suposição do saber. Lacan (1964) nos diz que “desde que haja em algum lugar o sujeito suposto saber - que eu abreviei hoje no alto do quadro por S.s.S - há transferência” (p.220). A suposição ao saber atribuída ao Outro é o primeiro tempo da transferência, é uma transferência de amor-imaginária. Diante das perguntas, era delicado o que e como responder pelo escrito, algumas vezes, devolvia a pergunta para Ana.

Quando eu devolvia as perguntas para Ana, geralmente ela respondia de forma objetiva, sem uma elaboração, escrevia “não sei” ou se mantinha em silêncio. Isso me lembrava da sua posição na relação com seu entorno, em que ela não fazia pontuação, interrogação diante da intrusão deste, além do que era comum Ana ficar na posição de espera, como a vez em que contou que estava sem os remédios psicotrópicos, pois esperava os pais para levá-la a consulta psiquiátrica. Nas sessões observei que Ana escreve, *a posterior* permanece em silêncio, geralmente retorna a escrever quando a analista lhe pergunta e sublinha uma palavra da sua escrita.

O movimento de Ana de jogar perguntas para o Outro, na intenção de que este lhe forneça a resposta, a deixa em uma posição de fragilidade, pois é o outro/Outro que sabe, tem algo a oferecer a ela, por outro lado, é ela que não sabe de si, assim, se colocando na posição de nada. Sabe-se que a transferência analítica alicerçada no sujeito suposto saber

requer, no segundo tempo, que o sujeito queira saber sobre si. Contudo, Ana se coloca na posição de nada, de resto diante do outro/Outro, esse significante se repetia na transferência. Na transferência o sujeito repete significante que o marcou e advém na sua experiência com a linguagem, mas o que fez Ana se sentir um nada? E, de onde vem? Como Ana fez a proposta de sessão por escrito, bem como sua posição diante do outro é de espera de significantes, me questionei: Ana quer ser escutada ou ser lida?

Tentei introduzir o silêncio com intuito de dar espaço para Ana realizar a associação livre, ver o que surgia, mas era delicado, difícil ficar em silêncio por algum tempo devido à ausência de ponto de basta (som, voz, imagens), não saber como o sujeito reage ao silêncio (manifestação corporal, suspiro), além do que tinha a impressão de que quando ficava em silêncio, Ana ficava esperando para seguir escrevendo e eu, do outro lado, esperando que ela escrevesse algo.

Em síntese, neste tempo de compreender, percebi que havia uma transferência por escrito operando como sendo de ordem imaginária, uma transferência de amor que não cessa de se inscrever, do outro lado, a analista tentando realizar intervenções para ascender a transferência simbólica, do amor ao saber, pela via de (des) construções possíveis a respeito do manejo transferencial por escrito. A transferência não é linear, é um movimento de (re) construções, (de) enlace de (des) movimento em cada sessão. Assim, *a priori*, o manejo transferencial foi mais de abrir a sua escrita com poucas palavras, pois preocupava a questão de não saber como a paciente estava reagindo.

Diante das perguntas de Ana, eu as devolvia para que pudesse pensar, realizar associações livres, pensar sobre, se apropriar do que ela falava por meio da escrita. Todavia, com o decorrer do tratamento, percebi que o manejo da transferência pela via do sujeito suposto saber (simbólica) tornou-se um grande desafio. Ana dificilmente

escorregava na fala escrita, ela parecia não querer saber de si, o saber estava no Outro, ela nada sabia, era nadificada.

### **3.5. Momento de concluir: a suspensão**

*- Que é que eu faço, é de noite e eu estou viva. Estar viva está me matando aos poucos, e eu estou toda alerta no escuro.*

*Houve uma pausa, ela chegou a pensar que Ulisses não ouviria. Então ele disse com voz apaziguante:*

*- Aguenta.*

*Quando desligou o telefone, a noite estava úmida e a escuridão suave, e viver era ter um véu cobrindo os cabelos. Então com ternura aceitou estar no mistério de ser viva*

*Lispector, Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*

A partir do quarto mês de atendimentos com Ana comecei a interrogar em qual posição Ana estava me colocando em sua série psíquica, na sua cadeia de significantes, na sua fantasia. Senti que ela me convocava para que cuidasse dela, que fosse a responsável por ela, bem como salvá-la da escuridão em que ela permanece mergulhada há anos. Eu, em alguns momentos, acabava caindo nesta armadilha de querer salvá-la e sentia responsável por ela, passando a me perguntar o porquê, às vezes, acabava ocupando tais posições. Penso que fosse pela jovem que se apresentou presa no passado, como se estivesse dentro de um túnel escuro e sem saída, pelo desespero, pela desesperança, entre vida-morte e com poucos recursos psíquicos (imaginários) diante do excesso que a assaltava, demandando cuidado, de ter alguém por perto.

Também recordei da cena marcante na vida de Ana, de quando ela foi dada como morta pelo médico (quando estava no útero materno, no quinto período de gestação, seu coração parou de bater) e os pais rezaram a noite inteira e o seu coração voltou a bater.

Os pais lutaram para ela reviver. Sentia localizada dentro desta cena, agora não era os pais lutando para ela viver, mas eu, me sentindo responsável por ela, até mesmo pagando para ela “trabalhar” nos atendimentos, pois a partir do segundo mês Ana passou a não pagar as sessões, porém, eu continuei a pagar as supervisões. Ana relatou fora da sessão que *não recebe nada, só para medicamento e a terapia* e de que diante da situação financeira delicada dos pais não poderia cobrar pelo pagamento do meu trabalho.

Neste contexto, continuar sustentando um atendimento sem que Ana pague algo monetariamente já não era mais possível, suportei-sustentei até certo ponto, considerei importante para constituição do enlace transferencial, pois era delicado e parecia significar manter-sustentar sua posição de *nadificada*, a sem valor, de sacrifício diante do Outro, conseqüentemente, de paralisia que não cessa de se inscrever. Então, era momento de intervir em sua cadeia de repetição no campo transferencial ao introduzir uma palavra ato, ou seja, ato palavra, o ato analítico como aposta de promover mudança na posição subjetiva (Chaves e Paravidini, 2012), assim, expus que percebia a dificuldade financeira, porém, a questão de não pagar suas sessões parecia não ter só a ver com sua questão financeira, mas com algo da sua história, falei também que queria continuar a escutá-la, todavia, ela precisava pagar as sessões atrasadas. Tal intervenção foi na direção do ato analítico para sacudir, balançar Ana e possibilitar que ela se movesse com suas próprias pernas e produzisse ruptura na sua posição de *sacrífico*, de submissão ao Outro. Foi uma aposta sem garantia para nenhum dos envolvidos.

Diante disto, Ana decidiu interromper as sessões e me informou que iria pagar as sessões atrasadas. Perguntei se ela queria um encaminhamento para a rede pública, porém recusou, dizendo que queria continuar o tratamento comigo, pois sentia que podia contar suas coisas sem ser julgada, que eu tinha paciência com ela e afirmou que iria se organizar para retomar as sessões. Após a suspensão das sessões, Ana, em alguns

momentos, me enviava mensagens dizendo que as coisas estavam difíceis, que se sentia angustiada, que o irmão adoeceu. Fiquei preocupada e até pensei em lhe escrever para dizer que, se quisesse retomar as sessões e que algum momento teria que me pagar, mas como disse Lispector em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, para aceitar o mistério de estar viva, apostar no diferente, é preciso aguentar, sustentar o ato palavra. Continuei a sustentar minha intervenção, ora lhe respondia com pouquíssimas palavras, ora apenas lia sua mensagem. Ana parou de me escrever, ficando quase um mês sem mandar mensagem.

Retornou para perguntar se poderia pagar as sessões atrasadas uma parte em um mês e outra no próximo, aceitei. Ana pagou as sessões atrasadas deixando uma em aberta (escreveu que esqueceu essa sessão, mas iria pagar).

No final de ano (2021) a jovem entrou em contato comigo e me perguntou se estava de férias ou de recesso, pois queria retomar as sessões. Naquele momento eu estava de férias, coloquei para Ana se ela conseguiria me esperar voltar e ela escreveu que ultimamente estava com pensamento negativo constante e que precisava de uma escuta com certa urgência. Diante disto escrevi sobre o encaminhamento para outro psicólogo. Ana me questionou se seria homem ou mulher e escreveu não conseguir realizar consulta com homem. Considerei sua colocação interessante, pois, certa vez, Ana me escreveu que o pai marcou para ela um psiquiatra e disse que seria bom ela ir nele para quebrar o seu bloqueio, o seu medo com relação a homens, embora ela não quisesse, mesmo assim a jovem foi ao psiquiatra. A pergunta de Ana com relação ao encaminhamento para psicólogo talvez aponte para escolha dela e não do outro/Outro. Encaminho Ana para uma psicóloga e Ana envia um texto extenso agradecendo por acompanhá-la, escutá-la nos momentos de angústia e de dor, um texto de fechamento do enlace entre mim e Ana.

No próximo capítulo foi realizada a interlocução do capítulo dois com o três com intuito de extrair reflexões e elaborações possíveis sobre a dinâmica da transferência por escrito e como fiquei tomada pela experiência, sobretudo, nos inícios dos atendimentos, dedicarei um tópico sobre o luto da analista, visto que esta escrita só é possível a partir deste luto e por ser um tema que não se debate muito no meio psicanalítico, sendo curioso possuir pouquíssimo trabalho neste campo.

**Capítulo 4: Das extrações de restos, excessos sobre a dinâmica transferencial entre Ana-analista por meio da escrita, a partir dos capítulos anteriores às (re) construções**

*Dá-me a tua mão:  
Vou agora te contar  
como entrei no inexpressivo  
que sempre foi a minha busca cega e secreta.  
De como entrei  
naquilo que existe entre o número um e o número dois,  
de como vi a linha de mistério e fogo,  
e que é linha sub-reptícia.  
Entre duas notas de música existe uma nota,  
entre dois fatos existe um fato,  
entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam  
existe um intervalo de espaço,  
existe um sentir que é entre o sentir  
– nos interstícios da matéria primordial  
está a linha de mistério e fogo  
que é a respiração do mundo,  
e a respiração contínua do mundo  
é aquilo que ouvimos  
e chamamos de silêncio.*

*Clarice Lispector, A paixão segundo G.H*

Este capítulo buscou realizar extrações a respeito da dinâmica da transferência por meio da escrita que operou entre Ana e eu a partir dos capítulos anteriores e, conseqüentemente, produzindo elaborações, reconstruções e reposicionamento sobre a questão do manejo transferencial com Ana, bem como interrogações sobre o mesmo. No

segundo momento, abordou sobre o luto da analista, que foi importante para a confecção do caso em questão e até mesmo para a construção desta pesquisa dissertativa. E, por último, apresentou uma breve reflexão sobre o porquê eu (analista) aceitei acolher Ana por escrito.

#### **4.1. Da dinâmica da transferência por escrito às reflexões, elaborações e interrogações (im) possíveis**

O enlace entre eu-Ana foi acompanhado pela oscilação entre vida-morte, morte-vida, isto é, pela alternância ora e ora, ora ela falava sobre seu desejo de morte, ora escrevia sobre sua vontade de lutar.

Ana chegava nas sessões apresentando desejo de morte, de não querer viver e sentindo que não conseguia sair e se desprender do passado, da cena traumática que insistia como compulsão à repetição e se apegando à dor infinita sem nome e que paralisava sua vida, acreditando que não tinha remédio e saída. Ana parecia que se recusava a esquecer o perturbador, o passado. Aqui, a transferência implica “pelo menos o deslocamento, ela designa algo passado: repete-se um ato, uma frase, uma cena. Por quê? Não para desprender-se, mas ao contrário, para ser mais fiel ao que já está aí, para ficar o mais possível do original.... Para que tudo seja o mesmo [...]” (Pontalis, 1990, p. 84).

Assim, a transferência é situada no agieren, isto é, “deixa de ser metáfora para construir a relação com o objeto no qual o sujeito investe toda a sua energia psíquica” (Cesar, 2019, p. 154) no excesso, resto que não cessa de escrever e, conseqüentemente, meu corpo foi convocado e virou depositório da sua desesperança, seu desespero, do copo vazio<sup>29</sup>, de sua anestesia. Mas não era só Ana que se sentia paralisada, sem saída, pois eu

---

<sup>29</sup> O modo como Ana se apresentou na transferência, lembra a letra de música: “Copo vazio” de Chico Buarque, a qual transcrevo um trecho a seguir: É sempre bom lembrar/Que um copo vazio/Está cheio de ar/É sempre bom lembrar/Que o ar sombrio de um rosto/ Está cheio de um ar vazio/Vazio daquilo que no

também me sentia limitada, sem recurso, como se minha bagagem teórico-prática não fosse suficiente para escutá-la/lê-la ou como se não tivesse muito o que lhe oferecer, fazer por ela. O campo transferencial é receptáculo de demandas diversas, “colocando-nos frente a impasses que põem em xeque teoria, técnica e ética psicanalíticas. Como então preservamos nossa posição de analista?” (Cesar, 2019, p. 15).

Nesse contexto, localizei-me numa posição impotente a ponto de “sentir como<sup>30</sup>” Ana e experimentar a mortificação como efeito dos pesos das suas entre duas mortes – “partes mortas”; mortificada. Nesse sentido, a psicanalista Marie-Claude Lambotte (1997) ressalta que a transferência com alguns pacientes atravessados pela vida nua, pela forma melancólica, se apresenta de maneira intensa e que, muitas vezes, eles tentam consciente ou inconscientemente fazer como que o analista sinta como eles, sinta sua dor crua, sua impotência. A autora nos diz que tais sujeitos se dirigem ao psicanalista/psicólogo:

[...] de forma negativa, consiste em invalidar a palavra do analista buscando nela a priori a falta: de toda forma, isto de nada me servirá; tudo o que você vai dizer, tudo é muito correto, mas, para mim, isto não funcionará etc. Não me parece correto falar de resistência sem transferência neste caso; a transferência se exprime, ao contrário, desde a primeira sessão, sob um modo muito particular que não se pode qualificar nem de positivo, nem de negativo. O paciente tenta, de toda forma, fazer o analista partilhar da mesma sorte que ele, “colocá-lo no mesmo barco”, de maneira a confortar seu raciocínio e concluir antecipadamente a respeito de sua impotência comum (p. 511).

Ora, Ana começava sua escrita falando que queria muito lutar, falava de não querer desistir de si. Nesse momento percebia que ali, de modo rápido, sua porta soterrada começava a dar sinal de um entreabrir dando espaço para que certa luz acendesse no fundo

---

ar do copo/Ocupa um lugar/É sempre bom lembrar, /Guardar de cor que o ar vazio/De um rosto sombrio está cheio de dor [...]

<sup>30</sup> Para Ferenczi (1928/1992, p. 31) sentir como implica em deixar-se sensibilizar pelo campo transferencial, afetação do sujeito, bem como entrando no jogo psíquico do paciente, mas, a importância de não permanecer, e não se identificar com as questões do paciente, ou seja, não diz de um processo de identificando com o/analizando. O/a analista acompanha o/a paciente em suas afetações e através do jogo de alternância dentro-fora.

do túnel, isto é, o resquício de vida se manifestava na sua escrita. Isso acendia o fio da esperança de que a análise teria algo a oferecer para Ana, de que juntas poderíamos encontrar saídas, fazer certa abertura, furo no seu túnel psíquico, abertura que demandava um trabalho psíquico por parte de Ana. Diante disso, logo percebia que Ana raramente topava/consentia com esse trabalho psíquico de refletir, de pensar sobre suas próprias perguntas que me endereçava, de realizar associações livres.

Ana também sentia que incomodava, sugava o seu entorno ao ficar repetindo a mesma história e claro que eu entrava no meio dessa ciranda, pois Ana achava que ela me incomodava, sugava. Ela sempre voltava para a transferência imaginária e, “volta e meia” (Cesar, 2019, p. 63), Ana me colocava na roda e eu entrava e “precisava sobreviver. Precisava estar lá com meu corpo presente” (p. 63). Com isso, na caminhada com Ana, comecei a perceber que o manejo transferencial pela via simbólica era como a metáfora do cabo de guerra, de um lado eu tentando puxá-la para a transferência simbólica, do outro ela me arrastando para a transferência imaginária. Esse movimento me evocou, novamente, a cena dos pais da paciente, uma vez que, no primórdio da sua existência, ela foi dada como morta pelo médico e os pais lutaram para ressuscitá-la, revivê-la. Isso, agora, foi posto na roda transferencial, no enlace comigo.

Ainda sobre isso, quando contei no grupo de supervisão do mestrado sobre o manejo pela via da transferência simbólica e o fato de que Ana sempre me colocava na transferência imaginária, uma colega associou esse movimento com a metáfora do jogo de encaixe – de colocar uma bola no lugar de uma estrela –; efeito disso que não estava funcionando, eu sentia certa limitação, dificuldade com relação ao trabalho com Ana por essa via. Diante disso meu orientador me fez uma pergunta intrigante: por que sair da transferência imaginária? Respondi que quando caí de “paraquedas” sem ele abrir no estrangeiro atendimento por escrito, o único artefato que tinha na minha caixa de

ferramenta (conhecimento, supervisão) era a escuta e o manejo da transferência pela via da corda simbólica, bem como minha supervisão clínica que foi por essa via. Sabe-se que para Freud e Lacan a regra fundamental é por excelência a associação livre, em Freud também encontramos que uma análise tem como finalidade o processo de repetir, recordar e elaborar. Por sua vez, Lacan articula que a transferência está entrelaçada com o sujeito suposto saber, isto é, a direção do tratamento é a passagem do amor ao saber-querer saber de si, do seu inconsciente.

Nesse sentido, orientei minha escuta pela via da clínica do traumático e pelo primeiro ensino de Lacan, em que há a prevalência do registro simbólico e de que a manobra transferencial vai em direção ao sujeito suposto saber, acreditando que seria fácil, mas se mostrou o contrário. Ana sacudiu minha prática, minha bagagem teórica, pois foi me mostrando que ela funcionava em linha oposta ao “paciente ideal” e ao “tratamento convencional” – a corda simbólica e o sujeito suposto saber. Ela raramente realizava associação livre ou escorregava na grafia, não consentia em oferecer sua voz, nada queria saber sobre seu desejo, pondo o saber na mão do outro, atribuindo ao outro todas as determinações da sua vida, apresentando uma submissão ao mesmo, aprisionada na cena traumática, atravessada por sentimento de desesperança, entre vida-morte. Nesse contexto, penso que quando um caso sacode a prática-teoria, como Ana que parece resistir a transferência simbólica, aponta para a importância de ir para além da transferência simbólica, isto é, repensar outras balizas transferências.

Para Amigo (2007), ir além da transferência simbólica não significa apagá-la, abandoná-la, mas reconhecer que ela tem seu limite, é não-toda. Seu limite, fracasso, dificuldade no manejo clínico, não deve ser interpretado como negativo ou deixá-lo por debaixo do tapete, mas sim, repensá-la, reinventar outras balizas/operadores de intervenção clínica e manobras a partir do que o sujeito vai nos dizendo no encontro com

ele.

Os casos que apontam o limite do saber e da intervenção são os que possibilitam o avanço da teoria-prática. Sabemos que Freud, Lacan e outros autores avançaram nas suas construções, elaborações teóricas-práticas não com os casos bem-sucedidos, mas sim a partir dos casos que produziram impasses, limitações, ou seja, fizeram furo no saber-prática. Penso que tais casos têm muito a nos ensinar! Ana tem muito a nos ensinar! Podemos destacar a importância dos analistas se deixarem aprender com tais pacientes, eis a questão, isso pode ser um desafio, um impasse para alguns analistas que têm dificuldades de reconhecer o limite da teoria-prática, sobretudo, ficam enganchados em uma única história – a primeira clínica lacaniana/ clínica estrutural – e esperam, em seus consultórios, o paciente ideal que associe, relate sonho, deslize nos significantes, senão não há escuta analítica.

Mas como acessar esses sujeitos que resistem à transferência simbólica e ficam entrelaçados no entre vida-morte, isto é, parte de si parece estar mortificada? Se a manobra clínica não é pela corda simbólica é por qual caminho?

Penso que Ana nos fornece algumas dicas preciosas.

Sua tamanha dor, seu sentimento de desesperança, seu aprisionamento no passado, seu entre morte-vida, demanda do analista a sua capacidade de “sentir como”, acompanhá-la em suas afetações (Ferenczi, 1928/1992, p. 31), isto é, da sua sensibilidade. Com o tempo isso, talvez, possa produzir efeito de corpo em Ana, mudança na sua posição de submissão ao Outro para autora da sua própria obra. A clínica psicanalítica nunca é uma certeza, é da ordem do talvez, incerteza, da aposta sem garantia.

Nesse caso em questão, eu percebia que o “sentir como” a sensibilidade da analista era importante para acessar Ana, mas, ao mesmo tempo, também era perigoso, pois, ficar muita tomada pelo caso corria o risco de lesar e prejudicar a escuta clínica.

Assim, foi preciso me colocar no dentro-fora no campo transferencial e, principalmente, reconhecer esses movimentos e trabalhá-los na análise pessoal e supervisão. Nesse contexto, Cesar (2019, p.16) expõe que nos casos dos pacientes invadidos pelo excesso, pela passividade, faz-se necessário o “sentir como”. Dessa forma, o analista fica entre uma posição de implicação (sentir como) e de reserva, próximo-distante, esse manejo apresenta o “quão difícil é equilibrar tal dialética! ”. Penso que a posição do analista nestes casos seja de equilibrista no entre e assim remete a banda de moebus-dentro-fora.

Com o tempo, nos (des) encontros o analista vai construindo um modo singular de ler cada um desses pacientes sem ficar muito afetado e sem deixar de se afetar, isto é, só vivendo na experiência ou, como cita Freud (1920/2020) a partir do dito do poema Hariri, “O que não podemos alcançar voando, precisamos alcançar mancando. A escritura diz: mancar não é pecado” (p. 205).

Sabe-se que o “sentir como”, a afetação do lado do analista não é recebida com bons olhos por muitos psicanalistas. Nesse sentido, Maia (2003) sustenta essa colocação ao dizer que:

Entretanto, não podemos afirmar que a dimensão de afetação vivida pelo psicanalista no setting tenha sido valorizada no processo histórico da psicanálise, ao contrário, um lugar imaginário, semelhante ao do médico que detém um saber sobre seu paciente teve preponderância (p. 44).

Maia (2003), diante disto, sublinha que ao invés de ficar aprisionada em uma única história, dever-nos-íamos:

deixar-nos invadir pela sensação de medo e estranheza que o desconhecido traz. É fundamental acolher a sensação de estranheza; é preciso não catalogar e ao mesmo tempo não esquecer as classificações; abrir-se ao novo deixando-se invadir pela inquietação que causa o confronto com qualquer construção subjetiva, radicalmente singular, das individualidades (p. 57-58).

Voltando ao caso Ana Clara, a paciente, ao ficar na dimensão imaginária que insistia em se inscrever, nos apontava que ela estava situada nesse tempo, isto é, na dimensão imaginária, com isso, apostaria como hipótese em intervenções clínicas pela corda imaginária.

A psicanalista Amigo (2007), durante os últimos anos, ocupou-se de casos muito graves de pacientes acometidos pelo fracasso da fantasia e que não queriam saber de si, dificilmente realizavam associação livre, não apresentavam formações inconscientes, eram invadidos pelo gozo do Outro, estavam em posição de submissão e obediência a este, todavia não tributários da estrutura psicótica. Com isso, ela percebeu que a eficácia clínica não passava pela lógica das intervenções clínicas e seu manejo transferencial pelo simbólico, contudo, muito necessariamente, pela corda do imaginário. Mas, ao pensar e praticar intervenções pelo imaginário em vez do simbólico, a autora sofreu preconceitos, suas práxis não foram bem lidas ou recebidas, pois contrariou boa parte da comunidade psicanalista. Nesse sentido, segue seu dito:

o simples fato de propor a existência dessas intervenções no imaginário contraria o modo inercial de pensamento “lacaniano”. Ainda hoje, caracteriza-se depreciativamente algo chamando-o “imaginário”. Certamente, é estritamente ao contrário. Se o analista está atento a que tipo de problema lhe propõe cada demanda de análise em particular, e se o habita desejo do analista, deixar-se à levar, será a “dupe”, o tolo da estrutura de quem a ele se dirige. E, dentro da mesma estrutura, do tempo e do modo em que se encontra o sujeito. Assim, segundo o caso, há de escolher que via de entrada convém a cada vez (2007, pp. 189-190).

Vale dizer que Lacan, na sua “primeira clínica”, realizou a primazia do simbólico em detrimento do imaginário, atribuindo a este o lugar de aquém, de menor valor. A prevalência sobre o manejo transferencial estava do lado do simbólico e no campo da diagnóstica estrutural: neurose, psicose e perversão. Contudo, Lacan, a partir da letra (no campo do Real, do gozo) e da teoria-clínica do nó Borromeano, apresentou uma virada na sua clínica e contribuições ricas para pensar as intervenções clínicas nos casos em que o trabalho pela via do simbólico fracassava, tornava-se limitante, ao conceber os três registros (Real, Imaginário e Simbólico) como equivalentes (Lacan, 1973-74/2018). O que é rico na clínica nodal/borromeana é que ela convoca o analista a escutar e a ler o paciente a partir da localização dos tempos do sujeito, para *a posteriori* pensar a manobra transferencial e as intervenções clínicas. Isto é, dependendo do tempo do analisante, ora

as intervenções são na direção do imaginário, ora na do Real/Simbólico, ou até mesmo via alternância entre Real-Imaginário e assim sucessivamente.

Para Capanema (2018), há no nó borromeano uma maleabilidade na escuta clínica, pois permite capturar modalidades distintas de enodamentos, além do Nome-do-Pai. Nesta lógica, Amigo (2007) afirma que “a introdução do nó borromeano enriquece, de modo incomensurável, a clínica. Entre outras coisas, porque torna tangível a importância do registro Imaginário no mesmo nível enodante que os outros, que são, mais habitualmente, levados em conta” (p.248).

Mas, para ler os tempos do sujeito, sobretudo acessar os pacientes que contrapõem o “analista ideal”, é preciso desapegar da ideia de que só há transferência se o paciente realizar associação livre, tenha curiosidade em saber de si e do seu inconsciente, ou seja, para acessá-los, o psicanalista não deve ficar aprisionado a uma única prática, mas buscar outras leituras tanto no campo da psicanálise quanto para além dela e até mesmo bebendo da literatura para escutar/ler os sujeitos da vida seca/crua, usando uma leitura teórica questionadora. Para buscar outras leituras e até mesmo reinventar novas práxis, a primeira direção é aprender a ler/escutar estes sujeitos que sofrem de passivação, que estão entrelaçados entre vida-morte, resistem ao sujeito suposto saber, ou seja, é no caminhar como ele que este vai nos dizendo o que dá certo ou não na operação analítica, é partir dele que reposicionamos nossas intervenções e inventamos, reformulamos a prática. Neste sentido, cabe ao analista o exercício de flexibilidade, sair do aprisionamento em uma única história: a corda simbólica para alcançar a subjetividade da nossa época (Lacan, 1998).

Todavia, como seriam as intervenções pela dimensão imaginária? Para Amigo (2007), a manobra transferencial ocorre no próprio território da transferência e com a presença do analista, na oferta de sua presença o psicanalista “deverá fazer ‘semblante de

espelho' para oferecer, sobre a imago que oferta, a oportunidade de escrita da letra de emolduramento da queda do objeto" (p. 197). Tal manejo do imaginário é acompanhado pelo desejo do analista e o trabalho consiste em um discurso sem palavras, o gestual e mudança do tom da voz. Para ilustrar, Amigo (2007) apresenta uma vinheta de um caso clínico, o da adolescente Martina que era calada, com pouquíssima capacidade de associação, terminou o ensino médio e não sabia o que queria, era obediente ao outro, sem tropeços, vivia uma vida prolixa.

Diante disso, Amigo (2007) realizou uma intervenção via imaginária em que trabalhou muito com comentários ou gestos mímicos, utilizou de uma mímica de imobilidade e um riso franco que produziu efeito de corpo em Martina, ela saiu da patética fixidez obediente. Nesse contexto, pode-se dizer que cada intervenção a partir do imaginário se dá através da peculiaridade de cada analisando e demanda uma boa dose de criatividade do psicanalista. Como seria a intervenção pela corda imaginária por meio de sessão por escrito?

Voltando ao caso Ana, outra dica que ela nos deu com relação ao atendimento por escrito é que ela pareceu se situar, também, no tempo Real. Primeiro porque a sua marca traumática singular entre vida-morte não cessava de se inscrever e suas marcas de gozo (ser o próprio sacrifício e o milagre-graça dos pais) estavam no campo do não reconhecido, do inominável, aquilo que não produzia deslizamento de significantes, segundo, a própria escrita por escrito, pois Ana não sabia dizer o que a impedia de falar pela via do áudio ou ligar a câmara, sua escrita parava neste ponto. Assim, retomo com uma das perguntas grafadas nesta dissertação: Ana queria ser escutada ou lida?

Arrisco-me a dizer que ser escutada e ser lida tem uma diferença e requer que nós psicanalistas e psicólogos pensemos sobre isso. Ser escutada parece estar entrelaçada com a fala, com o significante, com a palavra, a associação livre, com a primeira clínica de

Lacan, com o campo simbólico. Já a palavra lida remete à ideia de leitura-escrita/escritura, assim, vai ao encontro com a clínica da letra/borromeana que está no campo do Real. Nesse sentido, Lacan (1971, 2009, p. 114) nos diz que “a escrita, a letra, está no Real, e o significante, no simbólico”.

Lacan, no Seminário RSI (1974-1975), afirma que o nó Borromeano é uma escrita no Real, fora do campo simbólico. A escrita remete a letra lacaniana, aquilo que não se lê, ou seja, segundo Guerra e Nicolau (2012, p.6) a escrita refere-se:

são traços hieróglifos que ainda não se sabe ler, ou seja, traços escritos concebidos como não-a-ler, porque é um escrito indecifrável. Deste escrito indecifrável, o corpo se deixa levar a escrever qualquer coisa da ordem do número, que é refratário ao simbólico, mas que insiste com sua presença, deixando marcas.

Como ler aquilo que é ilegível no atendimento por escrito? Como seria uma leitura possível diante daquilo que não se escreve, não se lê? Nesse cenário, traço como hipótese que Ana queria ser lida, mas, como lê-la por meio da escrita?

Com essa escrita dissertativa, pode-se inferir que os tempos em que Ana parece situar são entre Real-imaginário, na marca traumática entre duas-mortes, bem como na letra de gozo, sendo o próprio sacrifício, o milagre-graça dos pais. Nesse contexto, a partir da clínica nodal, apostaria na manobra clínica nos tempos psíquicos que Ana estava situada, isto é, no imaginário e Real, nas suas marcas, no entre, no intervalar do entre duas mortes. O “segredo”, o “mistério” das intervenções, neste caso, estaria no termo “entre”, no intervalo vida-morte? Diante desta interrogação, Lispector em *A paixão segundo G.H.*, nos coloca uma pulga atrás da orelha ao dizer que “naquilo que existe entre o número um e o número dois, de como vi a linha de mistério e fogo e que é linha sub-reptícia. Entre duas notas de música existe uma nota” (p.98). Lispector estaria nos dizendo que o segredo está no **entre**.

#### **4.2.Do luto da analista à possível (re) construção como “pesquisadora-escritora”**

*Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história*  
*Hanna Arendt*

Os (des) encontros com Ana foram marcados pelo excesso-resto-enigma que assaltou o campo transferecial e atravessou também o meu corpo, a ponto de me “sentir como”, ocorrendo a ressonância de certos afetos de Ana sobre minha pele, como a sensação de sentir invadida e de impotência, como vimos no subtópico anterior. Sabe-se que alguns casos te mobilizam, inquietam mais do que os outros, de modo singular, Ana foi a primeira experiência em que senti certo afogamento na vivência e invadida pelo seu excesso-resto-ruína, pois parecia demais para um corpo. Entre o transbordamento de Ana e o estranho atendimento por escrito, experimentei, sobretudo nos inícios dos atendimentos por meio da escrita, a sensação de certo tombamento similar à descrita por Bondia em seu texto “Notas sobre a experiência e o saber da experiência” (2002), assim me fiz sujeito da experiência:

Um sujeito alcançado, tombado, derrubado. Não um sujeito que permanece sempre em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo; não um sujeito que alcança aquilo que se propõe ou que se apodera daquilo que quer; não um sujeito definido por seus sucessos ou por seus poderes, mas um sujeito que perde seus poderes precisamente porque aquilo de que faz experiência dele se apodera (p.6).

Nesse sentido, ressalto que após a interrupção do tratamento tive dificuldade de desvincular da escrita, da letra dessa jovem, para construir o caso clínico. Quando pegava o papel e o lápis para tentar escrever o caso, o trabalho não ia adiante, era habitado pela ausência de palavras, às vezes saíam rabiscos, era uma sensação de ainda me sentir ligada, amarrada ao caso Ana, parecia uma sensação de enlutamento.

Diante da sensação de enlutamento com relação ao caso clínico em questão, perguntei-me se o analista podia sentir tais afetações decorrentes da experiência clínica advinda do enlace analista- analisante, sobretudo, o luto de uma experiência clínica. Nesta

direção, Santos (2017, p.6) levanta interrogações interessantes acerca do luto do analista, como:

Então, quando se interrompe uma sessão ou se encerra uma análise, que destino o analista dá ao que ficou vazio - tempo vazio? Ou a ele não se dá esse vazio? Depois de ouvirmos tantas histórias de sofrimento de alguém, será que nada se produz na subjetivação do analista? Fechamos o livro de histórias conhecidas e o colocamos na estante dos livros já lidos?

O luto é um afeto normal experimentado diante de uma perda, uma ruptura e entre outras, contudo ele não é ressignificado de forma automática e requer um longo e difícil trabalho psíquico de elaboração sobre a perda. Tal elaboração “é uma espécie de escrita, ou seja, é preciso narrar a perda para suportá-la. Quando não transformada em palavras a perda parece imobilizar o sujeito” (Diniz & Wirthmann, 2020, p.4).

Para Silva (2017), o psicanalista pode sim experimentar certo luto em relação a vários aspectos, como o encerramento de uma análise prematura ou uma duradoura que chega ao seu desenlace, a morte inesperada de um analisante ou esperada em decorrência de uma doença terminal sem que se possa fazer nada com relação a esse fato da realidade, mas o luto do lado do analista é pouco falado e até evitado.

Entretanto, Lacan, no seminário 8, a transferência já ressaltava que o analista pode experimentar certo luto diante do término, da interrupção do tratamento de um paciente. Ainda sobre isso, Lacan (1960-61) diz:

E o analista, este só pode pensar que qualquer objeto pode preenchê-lo. Aí está onde nós, analistas, somos levados a vacilar, nesse limite onde se coloca a questão do que vale qualquer objeto que entre no campo do desejo. Não há objeto que tenha maior preço que um outro- aqui está o luto em torno do qual está centrado o desejo do analista (p.482).

Quando isso acontece, é importante dar tempo para ressignificar a experiência. O luto é um trabalho singular, porém não se faz sozinho, necessitando de acolhimento, da escuta do Outro, do semelhante e bem como de análise pessoal, é importante se cuidar para não vacilar na escuta clínica.

Ainda sobre o luto do analista, Dunker (2021) pontua que só há construção do caso clínico possível quando ocorre o desligamento, uma travessia da função de analista para ocupar a posição de escritor/autor. Compartilho a colocação de Dunker, afinal, senti o luto na própria pele após a paciente Ana suspender o tratamento. Eu lia e relia os escritos de Ana com a finalidade de montar o caso clínico, mas algo me prendia na letra, assim impossibilitando a metaforização da leitura para escrita, isto é, a montagem do caso clínico. Nesse contexto, foi necessário repetir, reler os escritos de Ana e narrar o caso em supervisão, bem como (re) escrever o caso para elaborar essa experiência do enlace entre eu-Ana mediante as sessões pela escrita, até transformar em uma construção de um caso clínico. O repetir, rememorar e elaborar (Freud, 1914) permitiram o afastamento do texto literal da paciente e possibilitaram tecer outro texto, houve o deslizamento da minha posição de analista para escritora.

Resumindo, a escrita da própria dissertação e esse subtópico teve como finalidade desvincular do caso, pois o ato de escrever este trabalho possibilitou, também, transformar a experiência de certo tombamento no enlace analista-analisante, de topada com o Real, atendimento por escrito em uma narrativa dissertativa, só foi possível a escrita da experiência do atendimento por escrito com Ana a partir do luto da analista.

#### **4.3. Reflexões: sobre o porquê aceitei atender por escrito**

Não sei dizer de forma exata porque aceitei escutar Ana por escrito, mas diante do contexto pandêmico de COVID-19, a única forma de conter a disseminação do vírus era o isolamento social, assim, os psicanalistas e psicólogos precisaram fechar seus consultórios e reinventar uma nova forma de continuar o atendimento, como por via online. Neste contexto de reinvenção de espaço para continuar com o tratamento psicanalítico, pensei se a psicanálise, ou seja, o desejo do analista, não retrocedeu ante as

crianças, a psicose e ao atendimento online. Logo, porque não tentar o atendimento por escrito!

Também, penso que a decisão de atender por escrito possa estar pautada na curiosidade, a qual aponta para o desejo, além do fato de que o estranho que me assusta, me instiga, no estranho podem estar as maiores riquezas, descobertas, o novo. Resolvi, então apostar no meu desejo, no inesperado, mas uma aposta sem garantia.

### **Capítulo 5: Considerações finais**

*A única forma de chegar ao impossível é acreditar que é possível*

*Alice no País das Maravilhas*

Esta pesquisa produziu várias interrogações, entretanto, retomo três perguntas norteadoras deste estudo: Poderia haver uma escuta psicanalítica onde não há fala, porém, grafia, letra? É possível transferência por escrito? Como fica o estatuto da transferência por meio da escrita?

A transferência em psicanálise, de modo geral, é uma experiência de fala, da manifestação do inconsciente estruturado como linguagem: ato falho, sonho, chiste, sintoma, tropeços nas palavras. Todavia, o campo da linguagem não se restringe somente à fala verbal, a linguagem é também não-verbal. Ao longo dos avanços da psicanálise, sobretudo quando a psicanálise passou a transitar para outros espaços além dos muros do consultório, percebeu-se que a escuta psicanalítica não está entrelaçada unicamente à fala-oral e é possível escutar àqueles que não falam, como sujeitos hospitalizados no hospital e na UTI que perderam suas vozes. A psicanalista Fernanda Sofio (2014) em seu livro *Psicanálise na UTI: morte, vida e possíveis da interpretação* nos conta sobre essa experiência; surdo-mudo através da língua de sinal, Maria Cristina Petrucci Solé (2005)

nos relata sobre o trabalho psicanalítico e transferencial com esses pacientes em seu livro *O sujeito surdo e a psicanálise: uma outra via de escuta*; assim como há escuta clínica com bebês e bom acervo de trabalhos psicanalíticos neste campo.

Mesmo diante da impossibilidade, do desconhecido atendimento por escrito na clínica psicanalítica, fui adiante com a escuta-leitura por meio da escrita com Ana e me perguntando se seria possível transferência por escrito. No decorrer dos atendimentos com Ana, percebe-se que há uma transferência operando por meio da escrita, pela dimensão do imaginário. Ana repetia e revivia a cena traumática com a analista como a compulsão à repetição e, volta e meia, Ana me colocava na sua roda (imaginária) ao achar que quando eu pronunciava o seu nome inteiro, eu estaria brava com ela, entre outros exemplos, seu excesso-resto ressoou no meu corpo a ponto de que, em alguns momentos, senti-me como Ana: sem saída, impotente.

A transferência tem a ver com o tempo e seu manejo. Assim, as sessões por meio da escrita, a escuta (atenção flutuante), acontecem na leitura e demandam tempo. Tempo que é experimentado como eterno e acontece em dois momentos: primeiro há o tempo para Ana escrever, *a posteriori*, um tempo para a analista ler a escrita da analisanda e extrair o que e como recortar, devolver, responder e questionar. Em outras palavras, o relato da paciente e a minha escuta não aconteceram no mesmo intervalo de tempo, houve um significativo intervalo. No atendimento presencial ou no online com a presença da voz, quando o paciente está falando, o analista está escutando, pescando com sua escuta flutuante, demarcando o que e onde intervir. Já na escrita, a escuta flutuante ocorre após a escrita do analisante e na leitura do texto realizada pela analista.

Ainda sobre a transferência, ela é a atualização do inconsciente, na experiência discutida no presente trabalho, pode-se inferir que houve manifestação do sujeito do inconsciente. Ana apresentava-se, em sua escrita, por termos que eram postos em

destaque pelo recurso das aspas, pelo sintoma, pelos silêncios diante de questões que a deixavam sem o que dizer, pela escrita que não deslizava, apontando por ruptura e insuficiência da linguagem. Ana apresentou-se, também, com seu inconsciente Real que não cessou de inscrever suas marcas traumáticas singulares, marcas de gozos no campo transferencial.

Ana se exprimiu pelos raros equívocos, escorregões na grafia e ao perceber o erro na escrita, o corrigia, dificilmente se deixava tropeçar nas letras, o que aponta para uma certa posição de vigilância de si, das suas letras e até mesmo de uma posição subjetiva que parece dar notícia de certa inflexibilidade. Nesse contexto, era difícil dizer se os poucos equívocos na grafia de Ana referiam-se ao ato falho ou se eram erros de digitação.

Aires, Moscon Chamusca, Mignac e Correira (2021) relatam uma pequena vinheta clínica de um adolescente em que a maior parte dos atendimentos ocorreu por meio da escrita. As autoras perceberam que no escrito ocorreram poucas equivocidades, pois no ato de escrever o sujeito hesita, digita e apaga antes de teclar o Enter. Nesse sentido, parece que fica mais fácil continuar censurando o que por vezes escapa durante a enunciação. Diante disto, tais autoras ainda questionaram: “o que da voz reverbera nessas sessões por mensagem de texto? E como fica a experiência crucial de escutar a si mesmo?” (p.10). Sabe-se que a voz não é somente a fala, ela é como objeto pulsional, isto é, é para além da função significante, seja ela (cadeia significante) falada e escutada, seja lida e escrita, ela é remetida ao real, transcende o que se pode dizer ou escrever (Aires, Moscon Chamusca, Mignac e Correira, 2021).

Em outras palavras, a voz em psicanálise não nos diz da sua materialidade, do som acústico, mas sim da sua posição subjetiva diante do Outro, da linguagem. Nesse contexto, mesmo Ana não consentindo com sua voz, isto é, não deixando saí-la, ela aparece no seu escrito, pois sua voz escrita vai dando notícias da sua posição de

passividade, de submissão diante do seu semelhante, diante da intrusão deste. Isso manifestou na cena transferencial, pois em alguns momentos percebia-se que Ana ficava na posição de espera, isto é, retornava a falar por escrito quando a analista extraía fragmento do seu texto e devolvia.

Essa jovem endereçava-me várias perguntas sobre o que ela deveria fazer quando as tormentas e o perturbador (a história do abuso) a invadiam. Ana atribuía a mim o saber de suas tormentas e a possibilidade de poder salvá-la do abismo, da prisão psíquica. Diante das perguntas de Ana, responder por escrito era algo delicado, assim, a manobra foi devolver as perguntas para ela pensar, refletir, para que ela pudesse apropriar das suas palavras escritas, querer saber de si. Todavia, diante deste manejo transferencial pela corda simbólica, Ana parecia não querer saber de si, escrevia frase objetivas, utilizava das palavras “não sei” ou ficava em silêncio quando eu retornava as perguntas para ela, assim, a manobra transferencial pelo sujeito suposto saber-passagem do amor ao desejo do saber, se mostrou um grande desafio, evidenciou dificuldade.

Ana sempre retornava à transferência imaginária, o que me preocupava. Sabe-se que desde os primórdios da psicanálise e ainda hoje muitos psicanalistas não veem o imaginário com bons olhos, contudo, os movimentos de Ana e a escrita desta dissertação parecem apontar que o manejo transferencial com Ana perpassa necessariamente pela corda imaginária. Com essa experiência, extraí que o imaginário não é aquém ao simbólico, ele é tão importante quanto, ele é, sobretudo, fundamental nos casos que naufraga em alto mar, sem muitos ou ausentes de equipamentos para lidar com a maré, a correnteza. Para acessar estes pacientes o analista precisa sentir como, deixar-se afetar pelo enlace transferencial e, buscando manejá-lo, entrar-sair e se cuidar em sua análise pessoal.

No caso relatado, embora em alguns momentos a manobra transferencial buscasse tentar ascender em direção a transferência simbólica, sua maior parte foi mais de borda acompanhada com poucas palavras. O trabalho de borda é similar a metáfora de uma construção de uma casa. Primeiro é preciso (re) construir o alicerce para depois (re) fazer as paredes e o teto, para que *a posteriori* e com o tempo, e considerando aqui o tempo psíquico de Ana, ela possa, talvez, percorrer a transferência propriamente analítica e até ascender o sujeito suposto saber. Assim, foi uma escuta testemunha, o que não deixa de fazer efeitos, pois, neste caso em questão, foi importante o acompanhar e fazer a função de borda-depósito, do resto-excesso de Ana para que ela pudesse escoar um pouco seu excesso. Visto que, no começo, Ana chegou ao atendimento muito angustiada, com o tempo, tal angústia foi sendo um pouco diluída e seus cortes sobre seu corpo diminuíram com o passar do tempo, a ponto de não ter mais notícias. Percebe-se, então, que no atendimento por escrito e seu manejo transferencial, embora apresentem seus desafios e limitações, houve uma transferência possível operando por meio da escrita, mesmo com algumas particularidades distintas do atendimento pela via da fala, como vimos no decorrer desta pesquisa, e que assim precisam ser consideradas e demandam que nós, psicanalistas e psicólogos, pensemos nessas diferenças. Além do que, trata-se de outra modalidade de “tratamento” em que acontece por via escrita como sendo atípico, diria no campo da novidade, estrangeira na clínica psicanalítica, requer mais pesquisa.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

- Aires, Moscon Chamusca, Mignac, Correira (2021). Experiências de atendimento online a crianças e adolescentes em tempos de Covid-19. In: *Revista estilo da clínica*, v. 26, nº 2, p.283-296.
- Ambertín, M.G (2006). Aposta no sacrifício e no lado implacável do Outro. In: *Psicologia Clínica*, 11(1). <https://doi.org/10.1590/S0103-56652006000100012>
- Amigo, S. (2007) *Clínica dos fracassos da fantasia*. Rio de Janeiro: companhia de Freud
- Amor, A.R de. S (2016). O arrebatamento de Lol V. Stein e a concepção de trauma tempo que passa e que não passa. In: *Prática da letra, uso do inconsciente*. São Paulo: Mercado da letra.
- Andrade, C. D (1967/2002). *100 poemas: Carlos Drummond de Andrade*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- Barros, M de (1993). *O livro das Ignorãças*. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bernardino, L. M. F. (2006). *O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição*. São Paulo: Escuta.
- Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. (19), 20-28. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>
- Brum, E. (2014). *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*. São Paulo: Leyla.
- Canguçu, D. (2021). Escrever a clínica/construir o caso: o que se inscreve numa análise? In: *Revista Ágora*, n.1, jan/abril. <https://doi.org/10.1590/1809-44142021001003>
- Capanema, C. A (2018). *Enlaces e desenlaces*. Belo Horizonte: Scriptum.
- Carroll, L. (1832-98/2019). *Alice através do espelho*. Trad. Márcia S. G. Belo Horizonte: Autêntica.
- Cesar, F. F (2019). *Do povo do nevoeiro: psicanálise dos casos difíceis*. São Paulo: Blucher.
- Cordeiro, E. F; Luchina, M. R. (2017). O inconsciente- do sentido do significante ao gozo da letra: um estudo lacaniano. In: *Avances en Psicología Latinoamericana*, vol. 35, n. 3, pp. 583-600. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4317>
- Cromberg, R. U (2021). *Cena incestuosa: abuso sexual e violência sexual*. Belo Horizonte: Artesã.
- Chargas, Luciana Ferreira (2014). *Afinal, segredo de quê? Uma leitura metapsicologia da função do segredo na violência sexual e o atendimento em Instituição de Saúde*. Dissertação de mestrado em Psicologia clínica, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

- Dias, M. M (8-23/03/2022). Enlaçamentos da disparidade subjetiva com a transferência analítica. In: *Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise*. Comunicação oral nas Jornadas do Vox sobre o Seminário 8 de Lacan. São Paulo.
- Diniz, L. F.; Wirthmann, R (2020). De uma narrativa a outras: uma escrita sobre a pandemia do novo coronavírus. In: *Jornal opção*.
- Drawin, C, Moreira, O, J (2018). A verleugnung em Freud: análise e considerações hermenêuticas. In: *Revista Psicologia USP*, vol. 29, n.1, p. 87-95. <https://doi.org/10.1590/0103-656420160171>
- Dunker, C; Ravanello, T (2019). A garrafa de Klein método para construção de casos clínicos em psicanálise. In: *Revista Ágora*, vol. 21, nº 1, pp 99-110. <https://doi.org/10.1590/s1516-14982019001010>
- Dunker, C (2021). A construção do caso clínico. In: *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Zagodoni.
- Elia, L. (1999). A transferência na pesquisa em psicanálise: lugar ou excesso? In: *Psicologia: reflexão e crítica*. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000300015>
- Elia, Luciano (2000). Psicanálise: clínica e pesquisa. In: *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro: Ambiciosos.
- Espíndola, V. B (2017). *O ato de dar nome ao bebê: um recorte sobre a constituição psíquica dos bebês internados em uma unidade de terapia psíquica dos bebês internados em uma unidade de terapia intensiva neonatal*. Dissertação (mestrado), Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Maranhão, São Luís.
- Flesler, A. (2012). *A psicanálise de crianças e o lugar dos pais*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1908/2015). O poeta e o fantasiar. In: *Arte, literatura e os artistas - Obras incompletas de Sigmund Freud*.
- \_\_\_\_\_. (1912 a/2020). Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico. In: *fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: autêntica.
- \_\_\_\_\_. O início do tratamento (1913/2020). In: *fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica.
- \_\_\_\_\_. (1912 b/2020) A dinâmica da transferência. In: *fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: autêntica.
- \_\_\_\_\_. (1913/2013). Totem e tabu. In: *Sigmund Freud: obras completas*. (Vol. 11). São Paulo: Companhia das Letras.

- \_\_\_\_\_. (1914/2020) Recordar, Repetir e Elaborar. In: *fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: autêntica.
- \_\_\_\_\_. O inconsciente (1915 /1980). In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, Vol. XIV.
- \_\_\_\_\_. (1915/2010). Luto e melancolia. In: *Obras completa, vol.12*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1916/1915/96). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: *Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 16. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. ( 1920/2020). *Além do princípio de prazer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- \_\_\_\_\_. (1937/2020). Construções na análise. In: *fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: autêntica.
- \_\_\_\_\_. ( 1927/2020). Fetichismo. In: *Obras completas de Sigmund Freud: Neurose, psicose e perversão*. Belo Horizonte: Autêntica.
- \_\_\_\_\_.(1856-1939/2020). *O Infamiliar e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Ferenczi, S. (1928/1992). A elasticidade da técnica psicanalítica. *Obras completas de Sándor Ferenczi, Psicanálise 4*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Fingermann, D.; Dias, Mauro Mendes (2005). *Por causa do pior*. São Paulo: Iluminuras.
- Fingermann, D. (2009). O tempo na experiência da psicanálise. In: *Revista USP*, n.81, p.58-71. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i81p58-71>
- Fink, Bruce (2017). Análise por telefone (variações na situação psicanalítica). In: *Fundamentos da técnica psicanalítica: uma abordagem lacaniana para praticantes*. São Paulo: Blucher.
- Gomes, L. R. (2014). *O traumático na clínica de família: uma investigação sobre vínculos violentos*. Dissertação (mestrado). Pós-graduação em Psicologia, do Instituto de Psicologia, da Universidade Federal de Uberlândia.
- Guerra, A. (2009-2010). Depressão ou angústia? Embarços do desejo em um processo analítico. In: *Revista do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e contemporâneo/ UFRJ*.
- Jerusalinsky, J. (2009). *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. Tese de doutorado em psicologia clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).
- Junior, P.M. C.B; Ramos, P. L (2010). Abuso sexual do que se trata? Contribuições da psicanálise à escuta do sujeito. In: *Psicologia Clínica*, RJ, vol.22, n.1, p71-84. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652010000100005>

- Kehl, M. R (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.
- Kuss, A. S.S (2014). *Amor e desejo: um estudo psicanalítico*. Dissertação (mestrado). Psicologia clínica, programa de pós-graduação em psicologia, setor de ciências humanas, letra e artes, Universidade Federal de Paraná.
- Lacan, J. (1945/1998). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1955/1998). O seminário sobre “A carta roubada”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1957-1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1958/1998). A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1959-60/1997). *O Seminário, Livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1960-61/2010). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1961-62). A Identificação. In: *O Seminário, livro 9, inédito*.
- \_\_\_\_\_. (1962-1963/2005). *O Seminário, livro 10, A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1964/1985). *O seminário 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1973-74/2018). *Os não-tolos erram [recurso eletrônico]*. Porto Alegre: Fi.
- \_\_\_\_\_. (1974-75). *O Seminário, livro 22: R.S.I.* Inédito.
- \_\_\_\_\_. (1975-76/2007). *O Seminário, livro 23 – O sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lambotte, M. C (1997). *O discurso melancólico - da fenomenologia à metapsicologia*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Lemes, P. de. O (2016). A face oblíqua da leitura: uma ferida na escrita de Lol. V. Stein. In: *Prática da letra, uso do inconsciente*. São Paulo: Mercado da letra.
- Lispector, C (1925-77/1994). *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Alves.
- \_\_\_\_\_. (1925-1977/1998). *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco.
- \_\_\_\_\_. (1999a). *Um sopro de vida (Pulsações)*. Rio de Janeiro: Rocco.
- \_\_\_\_\_. (1999b). *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- \_\_\_\_\_. (2002). *Correspondência*. Rocco.
- Maia, M. S. (2003). *Extremos da alma*. Rio de Janeiro: Garamond.

Marques, M. B (18/03/2022). Marca e movimento na transferência. In: *Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise*. Comunicação oral nas Jornadas do Vox sobre o Seminário 8 de Lacan, 18 de março de 2022.

Melo, N. M de (2013). *Nome próprio: marca de um sujeito*. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, trabalho de conclusão de curso de psicologia.

Naves, E. T (2014). A mulher e a violência: uma devastação subjetiva. In: *Revista Subjetividade*, fortaleza, 14 (3), 454-462. <https://doi.org/10.5020/23590777.14.3.453-462>

Nicolau, R. F. & Guerra, A. M. C. (2012). O fenômeno psicossomático no rastro da letra. *Revista estudos e pesquisas em psicologia*, 12(1), 226-241. Recuperado: 24/02/2021.

<https://doi.org/10.12957/epp.2012.8317>

Nothomb, A. (1967/2003). *A metafísica dos tubos*. Rio de Janeiro: Record.

Paravidini, J. L. L. & Chaves, L. S. (2012). Atendimento psicanalítico conjunto pais-crianças: uma investigação teórica, técnica e metodológica. *Revista da SPAGESP*, 13(2), 4-11.

Pena, Breno; Silva, Ronildo D.C da (2018). O Outro no ensino lacaniano: algumas considerações. In: *Estudos de psicanálise*, nº49, Belo Horizonte, jan/jun.

Peusner, P. (2016). *Fugir para adiante: o desejo do analista que não retrocede ante as crianças*. São Paulo: agente.

Pontalis, J. B. (1990). A estranheza da transferência. In: *A força de atração*. Rio de Janeiro: Zahar.

Quinet, A (2002). *As 4+1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Rosa, M. D. (2004). Pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista mal-estar e subjetividade*. Fortaleza. V.4, n.2, p.329-348/set.

\_\_\_\_\_. (2009). *Histórias que não se contam: o não-dito e a psicanálise com crianças e adolescentes*. São Paulo: Casa do psicólogo.

\_\_\_\_\_. (2021). Cartas aos/às jovens psicanalistas hoje. In: *Revista lacuna*, dez.

Rosa, M.D; Martinsii, A. S; Bragaiii, A. P. B; Tatit, Isabel (s/d). *Clínica e política interrogadas pelo ato infracional: a construção do caso*. In: [https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/06/2013\\_costrue2949cc3a7e2949cc3a2o-do\\_caso\\_-texto-enviado.pdf](https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/06/2013_costrue2949cc3a7e2949cc3a2o-do_caso_-texto-enviado.pdf)

Ramos, Graciliano (1938/2005). *Vidas Secas*. São Paulo: Record.

- Salum, L. K. P (2016). *Fragmentos: sobre o que se escreve de uma psicanálise*. São Paulo: Iluminuras.
- Santos, S. S. de (2017). O final de uma análise e o luto do analista. *Revista CEPdePA*, v.24.
- Silva, J.S. (2019). *Os milagres da taumaturgia ao cuidado*. Oliveira: Santa Cruz.
- Silveira, Alessandra (2018). A demanda faz amor, e o amor faz travessia. In: *A persistência do desejo: projeto freudiano 30 anos*. Aracaju: Andrade.
- Sofio, F (2014). *Psicanálise na UTI: morte, vida e possíveis da interpretação*. São Paulo: escuta.
- Solé, M. C. P (2005). *O sujeito surdo e a psicanálise: uma outra via de escuta*. Porto Alegre: UFRGS.
- Soler, C (2007). *Os nomes de identidade: a identidade em questão*. Polo Oeste da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano: Rennes.
- Soler, C. (2014) O que resta da infância: II conferência, XIV Encontro Nacional da EPFCL Brasil, Belo Horizonte. In: *Revista Stylus*, Rio de Janeiro, n° 29, p. 13-22. Recuperado 26/02/2021. Disponível: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-157X2014000200002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2014000200002)
- Souto, L. A. S (2013). *Sacrifício: uma leitura psicanalítica*. Dissertação de mestrado em Psicologia social e institucional do programa de pós-graduação do instituto de psicologia da Universidade Federal do Rio grande do sul.
- Vorcaro, A. (2003). Sob a clínica: escritas de caso. *Revista Estilo da Clínica*. 8. (14), 90-113. <https://doi.org/11606/issn.1981-1624.v8i14p90-113>



